U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Autoprodução da habitação como forma de organização do espaço. A casa de madeira e zinco no bairro da Mafalala. Maputo

Chelsea Matusse

M

2024

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientada pela Professora Doutora Ana Luísa da Silva Fernandes

Chelsea Inocência Marcolino Matusse
Setembro 2024

“No chafariz de água ou no bazar informal improvisado no meio da rua, no lúdico salto dacriança em jogos infantis, ou o povo no ardor da faina diária, o bulício de uma cidade emluta pela sobrevivência irradia toda uma vontade de vencer.”

Calane da Silva (2009)

Agradecimentos

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente e que sem ela não teria conseguido. Aos meus pais Rosita e Marcolino(em memória), a minha irmã Nilza, a minha irmã Silvia(em memória), aos meus irmãos Olávio e Elzo. À tia Mãezinha, que é como uma 2ª mãe. E em especial ao meu avô Orlando Rungo Magaia(em memória), que foi quem inspirou este trabalho e deixou muito material, sem saber que o fazia.

À Professora Ana Silva Fernandes, pela disponibilidade sempre e pela paciência ao orientar este trabalho.

À Nerine, Myriam, Laura e a Pietra, que foram grandes companheiras nesta jornada desde o início. Ao Dário pelo apoio fundamental sempre.

Aos colegas da escola de inverno e professores. À todos os entrevistados com quem conversei durante as visitas ao bairro da Mafalala pela receção, a abertura das portas das suas casas, pelas histórias contadas, pelas sentadas na esquina do campinho para comer pão com badjia, as tias que ofereciam fiosses quentes, que sempre convidavam para comer(ainda que recusasse), pela simpatia, pela receptividade calorosa que caracterizam as águas do Índico.

A vereadora do Distrito Municipal KaMaxaquene por permitir a visita ao bairro, ao secretário do bairro, aos chefes de quarteirão e aos chefes das 10 casas por prontamente ajudar, aos amigos que fiz na Mafalala, o meu Khanimambo.

Resumo

A problemática da habitação condigna remonta da era da instalação colonial, tendo sido agravada pela necessidade de proximidade com a Xilunguine(centro urbano). Nasce assim o fenômeno dual, catalisado pelos limites impostos pelos planos rígidos vigentes e segregacionais.

Sendo a segregação urbana um fenômeno que surge com as cidades e que trata de um processo intrínseco à mesmas pelo constante e rápido estágio permanente de transformação, as periferias de Maputo consolidaram-se velozmente como espaços provisórios para possível expansão da "cidade consolidada" e desenvolvem-se com estes fundamentos na forma da organização dos espaços.

Deste modo, verificam-se vários processos e formas de apropriação e compreensão do espaço ao longo da história da cidade de Maputo, que se caracteriza principalmente pela informalidade das suas periferias.

Neste trabalho, importa esmiuçar o pensamento que regeu e rege a organização do espaço de periferia urbana da capital moçambicana que vai originar as casas de Madeira e Zinco em vários lugares de periferia, mas com enfoque no bairro da Mafalala sendo o caso mais imediato pela localização próxima à zona consolidada.

Importa compreender os vários processos desde a instalação colonial, a própria era colonial, a era pós - colonial que pode ser interpretada pelo período imediato pós - colonial que resulta na ocupação do espaço urbano pela população autóctone e um período mais tardio que se prolonga até à atualidade.

Torna-se relevante compreender os métodos de autoprodução da casa de madeira e zinco desde o seu surgimento, as transformações que esta tem sofrido, as diferentes interpretações que esta vem a ter e o legado patrimonial e identitário que possui, assim como estudar desafios e limitações existentes a fim de dar resposta às necessidades atuais e futuras.

Abstract

The issue of decent housing dates back to the era of co-lonial colonial settlement and was exacerbated by the need for proximity to, having been aggra- vated by the need for proximity to Xilunguine (urban center). Thus, the dual phenomenon was born, catalyzed by the limits imposed by the current rigid and segrega- tional plans.

Urban segregation is a phenomenon that arises with cities and is an intrinsic process due to the cons-tant and rapid permanent stage of transformation, the outskirts of Maputo quickly consolidated themsel-ves as provisio- nal spaces for the possible expansion of the "consolida- ted city" and developed These fun-damentals are used in the way spaces are organized.

In this way, there are several processes and forms of appropriation and understanding of space throughout the history of the city of Maputo, which is mainly cha- racterized by the informality of its peripheries.

In this work, it is important to scrutinize the thin-king that governed and still governs the organization of the urban periphery space of the Mozambican ca-pital, which gave rise to wood and zinc houses in va-rious periphe- ral areas, but with a focus on the Ma-falala neighborhood, being the most immediate case due to its location. Close to the consolidated zone. It is important to understand the various processes from the colonial installation, the colonial era itself, the post--colonial era which can be interpreted by the imme-diate post-colonial period that results in the occu-pation of ur- ban space by the indigenous population and a later pe- riod that lasts until the current affairs.

It is important to understand the methods of self-pro-duction of the wooden and zinc house since its incep- tion, the transformations it has undergone, the different inter-pretations it has had and the heritage and identity legacy it has, as well as studying existing challenges and limi-tations in order to respond to current and future needs.

[notas]

Por motivos de coerência de leitura, optou-se por traduzir as citações cujo idioma original não era oportuguês.

Algumas das imagens, apresentadas foram recortadase editadas relativamente às originais.

Sumário

Introdução 014

ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÁO

Da dicotomia a pluralidade

"Dualidade" urbana durante o período da soberania portuguesa 023

Da dualidade à complexidade morfológica plural 032

Entre o formal e o Informal 042

O informal 045

O problema da habitação Condigna 048

OBJECTO

Mafalala 051

O entorno 056

Pelas Ruas 060

Madeira e Zinco 066

Casos de estudos 069

Síntese 112

Forma tipo construção 123

Madeira e zinco ou alvenaria? 124

Intervenções 125

Considerações Finais 127

Referências Bibliográficas 130

Créditos de imagem 132

Introdução

“Todo o homem cria formas, todo o homem organiza espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço sendo condicionada é também condicionante”(Távora, 1962, p.73).

O bairro da Mafalala localiza-se a dois quilómetros a norte do centro de Maputo onde começou a ganhar forma, na época colonial, sendo a configuração do bairro limitada pelo arco da circunvalação, a atual Avenida Marien Nguabi que constitue o seu limite sul. Este bairro surgiu em contexto de segregação colonial fora do perímetro urbano consolidado, o que contribuia e fundamentava ainda mais as suas características. Esta área fazia parte da “cidade de caniço”, que é a zona de periferia, com construções autoproduzidas, erguidas com materiais provisórios nas áreas reservadas para a expansão da “cidade de cimento”, que corresponde a parte colonial e planeada.

A cidade de cimento, caracteriza-se por apresentar um traçado mais homogéneo, lotes regulares, planeamento das ruas e avenidas e construções em materiais mais definitivos. No entanto, mesmo com esta dicotomia urbana, reconhece-se uma ligação e interdependência entre estas realidades, derivada da coexistência entre o formal e o informal. O trabalho assenta numa leitura sobre a organização do espaço em áreas autoproduzidas na cidade de Maputo, desde os primórdios da era colonial até a atualidade, especificamente no bairro da Mafalala, tendo interesse na análise da organização do espaço da casa de madeira e zinco.

O século XIX foi marcado pela preocupação higienista em países que experimentaram a industrialização que conduziu ao desenvolvimento urbanístico. No entanto, tal se observou da mesma forma nas províncias de ultramar que eram marcadas por grandes contrastes entre as áreas planeadas e as autoproduzidas, coexistindo a cidade de cimento e a cidade de caniço nos centros urbanos coloniais.
Assim, respeitando os preceitos de higiene e de urbanismo, surgiram nos centros urbanos coloniais longas avenidas arborizadas e pela divisão funcional e sócio-racial da cidade e seus subúrbios.

Em Maputo ,anteriormente Lourenço Marques, os limites do centro da cidade foram acentuados pela estrada da Circunvalação formando um perímetro do arco de circunferência com 2.000 m desde a atual praça de 25 de Junho. Este anel servia como limite de desenvolvimento, barreira urbana e ponto de controlo por parte do regime colonial.

“Muito antes destes factores, são registrados processos duais e segregacionais ainda nos três primeiros séculos da colonização portuguesa que testemunharam a emergência de uma configuração urbana dual, ainda incipiente, resultante das relações raciais” Gerhard Liesegang(1989).

Vários foram os fatores influenciadores da segregação urbana em Maputo,que simultaneamente condicionaram o surgimento dos subúrbios, tendo como exemplo a Mafalala, que foi dos primeiros bairros autoproduzidos em Maputo em contexto colonial.
Uma vez que se assumiam as periferias como espaços provisórios para a expansão da "cidade consolidada", estas desenvolveram-se com estes fundamentos na forma da organização dos espaços. Neste enquadramento, a transformação da periferia urbana da capital moçambicana, traça perspetivas sobre a história da casa moçambicana e com ela surge a casa de madeira e zinco.
Este tipo de habitação apresenta várias características próprias assim como representava certa idonedade social e respeitabilidade mediante a forma como era construída, o número de compartimentos e de águas da sua cobertura. A casa de madeira e zinco foi resultante do processo de apropiação e assimilação da população africana, da cultura própria e do impedimento colonial da construção com materiais definitivos.

Dado que o território está em constante mudança e impulsionado por múltiplas acções sobre o mesmo, este estudo baseia-se na transformação do território para o compreender. Diferentemente de outros bairros, a Mafalala têm uma relação dual com a cidade consolidada ainda mais evidente, pois a malha urbana orgânica que surge do lado exterior da radial contrasta com a malha ortogonal proposta pelo Plano Araújo de forma mais imediata.

Perceptível é que a cidade de Maputo vive em duas realidades não distantes e que se pode dizer que estas são antagónicas.
Esta investigação procura interpretar o território urbano de Maputo, principalmente o que se implanta no exterior do arco que servia como eixo estruturante do desenvolvimento da cidade, pois a partir deste se expõe a dualidade desde sempre existente e que persiste como herança até aos dias de hoje.
A diferença existente nestas duas realidades é contrastante, mas ao mesmo tempo elas funcionam como o reflexo do planeamento de desenvolvimento do território existente na época colonial. Assim, entender a dinâmica de ordenamento do território à escala da cidade revela-se fundamental para a compreensão da disposição urbana do bairro, que transcende a justificação das ruas sinuosas pelo uso das mesmas nos percursos feitos a pé porque eram mais rápidos, mas também não desprezando esta explicação imediata.

Como a Mafalala tinha princípios distintos da cidade consolidada, o estudo procura entender a organização do espaço, a disposição das ruas, largos, edifícios de exceção, praças e outros espaços públicos deste bairro. Ainda a nível do bairro, verifica-se o surgimento de fenómenos similares em bairros projectados e consolidados em que a autoprodução aparece e convive com o espaço ordenado. Esta particularidade acompanha o desenvolvimento da cidade de Maputo apresentando reproduções à múltiplas escalas.
Este bairro tem como identidade a autoprodução da habitação desde a era colonial e ao longo do tempo foi apresentando mudanças. As casas mais antigas na sua maioria eram construídas de palha, mas após o incêndio de 1876 estas ganharam materialidade nova, daí o surgimento da casa de madeira e zinco.

Estas não assumiam ainda caráter definitivo, pois a zona em que se encontravam era de possível expansão
segundo o traçado urbano, no entanto, já não tinham um caráter provisório. Aliado ao factor mencionado, o tratado de 1853 abriu as portas de Moçambique para o comércio mundial, pois o zinco era de origem alemã e inglesa e a madeira , possibilitando a maior presença deste material empregue nas habitações. Nestas casas, interessa analisar a organização do espaço, assim como as técnicas construtivas, materiais, a relação com a herança colonial da "cidade de cimento" analisando temas da arquitectura na casa de madeira e zinco.

Desta forma, o estudo abordará desde problemas da organização do espaço desta área a cidade cidade, à dimensão arquitectónica da casa de madeira e zinco, identificando as suas especialidades e legado patrimonial e identitário, assim como estudando desafios e limitações a fim de darem resposta a necessidades atuais e futuras, refletindo sobre formas de reabilitação que respeitem a sua natureza e simultaneamente possa oferecer melhores condições de habitabilidade aos seus residentes.

Como objetivo principal, este estudo pretende resgatar o valor deste património cultural, que são as casas de madeira e zinco, e contribuir para a qualificação das mesmas contribuindo para a identificação de problemáticas concernentes ao bairro e contrinuir para a discussão de propostas que tenham impacto assertivo na comunidade.
A estrutura da pesquisa, seguirá uma abordagem mista, isto é, fazendo uso da aplicação de métodos qualitativos e quantitativos, associados aos procedimentos de análise bibliográfica, documental, estudo de caso e trabalho de campo para investigar a problemática.

Em primeira fase ,que se pode chamar de levantamento urbanístico histórico, o enfoque será analisar o processo de urbanização e planos da cidade desde a era colonial. Nesta fase introdutória serão analisados mapas e planos da cidade tendo como mecanismo a interpretação dos materiais analisados, a fim de identificar quais eram as intenções urbanas que nortearam o urbanismo em Lourenço Marques. Este estudo tem como objectivo constatar se já haviam apontamentos para a consolidação futura do bairro da Mafalala bem como a estruturação de outros bairros com semelhante morfogénesis.

A segunda fase diz respeito a contextualização do bairro da Mafalala, tendo como recurso contatações da primeira fase, pois o desenho do tecido urbano é definido pelo perímetro das parcelas existentes.
Será também executada uma análise de bairros autoproduzidos na cidade, com enfoque em fenómenos onde o bairro foi inicialmente projectado, mas ainda assim a autoprodução se manifesta. Visto que este fenómeno aconteceu na relação entre a "cidade de cimento" e a "cidade de caniço", o estudo visa também identificar lugares onde este fenómeno se reproduz ainda que a escala menor.

Para este tema será usado o exemplo do bairro do Jardim e o bairro do Aeroporto, em que a dualidade presente nos planos acima referidos se manifesta, mas a nível de bairro.
A terceira fase culminará com o estudo da habitação de madeira e zinco, onde o objetivo principal será analisar a organização dos espaços interiores e exteriores, os sistemas e técnicas construtivos, os materiais, a iluminação, a cor, entre outros.
Para tal, o uso do esquisso como forma de representação para levantamento e representação da realidade será fundamental para a identificação de fragilidades e limitações a fim de elucidar as especificidades do carácter histórico das casas.



Fig 1. Malangatana Valente Ngwenya. 25 de Setembro (25 de setembro). 1968. Óleo sobre tela.

Enquadramento e Contextualização

Da dicotomia a pluralidade

Dualidade urbana durante o período da soberania portuguesa

Para compreender o contexto de formação da cidade moçambicana, Maputo (Lourenço Marques), as suas transformações e a realidade urbana resultante, torna-se fundamental compreender 3 períodos: o período antecedente a ocupação portuguesa, desde os interesses de fixação na região, a independência e a era pós-independência. Pois, a perspetiva dual constante sobre a realidade urbana de Maputo predomina excluindo uma visão panorâmica, sendo resultante do período em que: "A segregação racial e a discriminação cultural impostas às populações africanas pelo dualismo da situação colonial, as impelia para as periferias através de complexas barreiras sociais, económicas e legislativas (Cabaço, 2007: 198; Meneses, 2010: 68-71)".

Descoberta no séc XV,a baía de Lourenço Marques disponha de condições naturais que favoreceram à 'posteriori' a fixação portuguesa "numa baía abrigada virada a sul, com boas condições de porto natural e protegida por um promontório" (Teixeira e Valla 1999). Tendo culminado com o início do processo de consolidação urbana da então Lourenço Marques.

Consequência da expansão do capitalismo industrial no início do século XIX, desencadeou-se a "corrida a África" o que impulsionou os interesses de fixação na costa moçambicana que segundo condições naturais de baía profunda, ligada ao vasto estuário do Espírito Santo, contendo vales abertos e férteis, contribuindo estrategicamente para a defesa dos territórios e de base de comércio e que a posterior desenvolveu e expandiu pela forte ligação ao porto e a construção do caminho de ferro dada a descoberta, em 1887, das jazidas de ouro de Johannesburg. "(...)uma língua de areia, de cerca de 1200 metros de comprimento e 100 metros de largura, rodeada de pântanos" (Mendes, 1985, p. 79- 80).

Neste período, apenas a "cidade de cimento" fazia parte dos limites administrativos de Maputo, que conhecia assim realidades díspares em que apresentava "avenidas longitudinais paralelas ao eixo maior da cidade, ligadas por outras transversais distanciadas entre si entre 100 m e 200 m, aproximadamente e um pântano atravessado por três avenidas longitudinais: a primeira, a de Dom Carlos, com aproximadamente 2.000 m de extensão; a segunda, de Pedro Álvares Cabral, imediatamente a norte da primeira, distando 140m; e a terceira, de Fernão de Magalhães, à distância de 120 m da segunda, que passava em parte sobre a encosta e em parte sobre o pântano e que estavam ligadas por outras dez transversais tendo sido construídas por aterro na atual Baixa da cidade (Mendonça 2015) e, por outro lado, segundo Augusto de Castilho 1880 afirma: "as palhotas que eram mais densamente numerosas e mesmo muito mais infetas do que os preceitos da boa hygiene o permitiam, foram para sempre banidas do recinto das muralhas" , fator que pressupõe que a segregação tenha servido como ponto de partida da organização do espaço urbano de Lourenço Marques.

Em 1887 surge o primeiro plano de expansão urbana para a cidade de Lourenço Marques proposto pelo engenheiro Richard Thomas Hall com forte influência dos planos de cidades europeias como resposta à nova realidade influenciada pela Revolução Industrial, adotando uma nova escala de traçado urbano, uma ortogonalidade assumida e novos elementos urbanos, como os parques, jardins e as alamedas.

"[...] a generalidade das cidades fundadas a partir dessa época, como Lourenço Marques ou Johannesburg, tiveram praticamente desde o seu início malhas urbanas mais rígidas e segregantes, fortemente influenciadas pelas novas doutrinas urbanísticas pós-Revolução Industrial, onde dominavam os preceitos higienistas e de controlo laboral (Gros, 1982: 8-9)".

A segregação em Maputo não era resultante apenas dos preceitos higienistas vindos da Revolução Industrial, mas também de questões raciais, segundo Gerhard Liesegang 1989 "... testemunhou a emergência de uma configuração urbana dual, ainda incipiente, resultante das relações raciais".

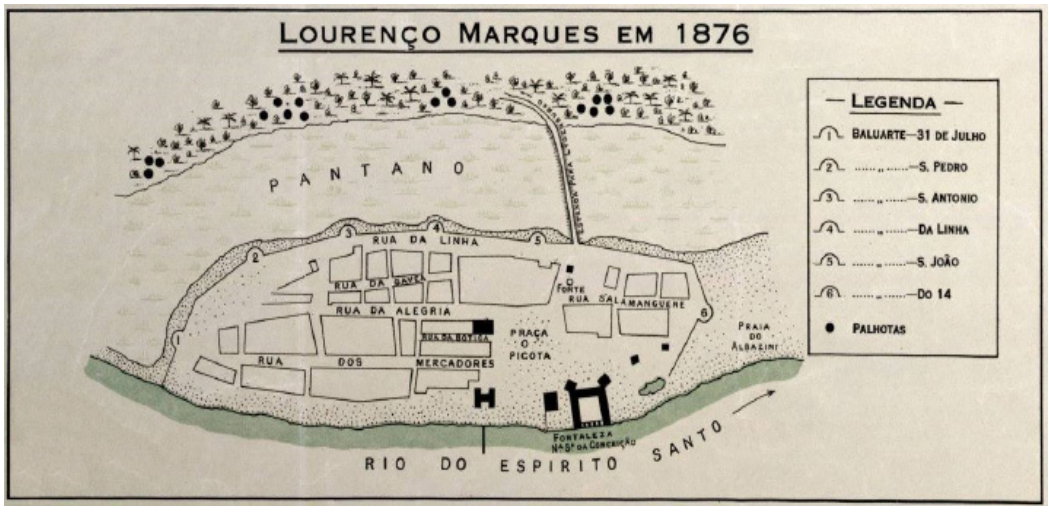


Fig.2. Lourenço Marques em 1876.A cidade muralhada cercada por pantados, e para lá destes encontram-se as palhotas da população indigena. Richard Thomas Hall 1876.

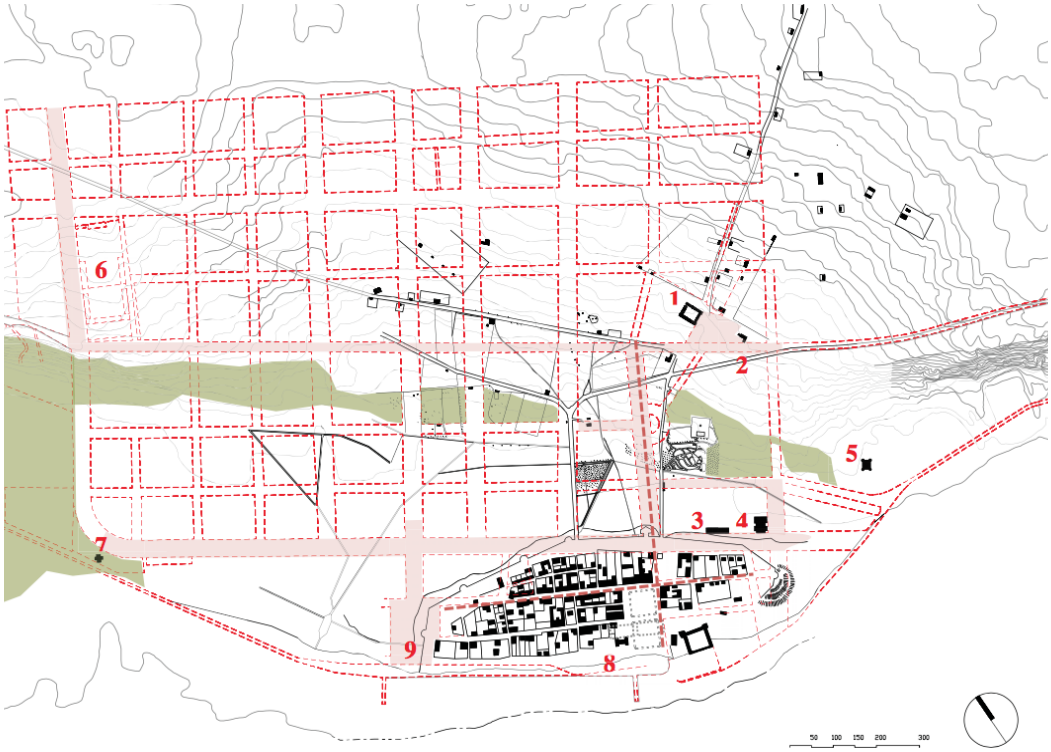


Fig 3. Planta de Lourenço Marques, ca. 1887-1888, com o traçado esquemático do projeto de ampliação da cidade de 1887. Lisandra de Mendonça. 2015

Assim, a cidade colonial era marcada por grandes contrastes entre as áreas planeadas e as autoproduzidas constantemente ignoradas, coexistindo a cidade de "cimento" e a cidade de "caniço" que é a zona de periferia, com construções erguidas com materiais provisórios nas áreas reservadas para a expansão da "cidade de cimento", que corresponde a parte colonial planeada nos centros urbanos coloniais. Houve uma tentativa prévia de solucionar o problema da informalidade no plano de 1887, onde se faz alusão a um bairro Indígena na zona da Malanga em 1887 no Plano Araújo, mas nenhuma iniciativa de gênero e nem a aplicação do mesmo chegou a se efetivar.

Esta realidade dual foi lançada numa primeira fase com plano de 1876, em que as palhotas são separadas pela muralha da área em que o colono vivia, bem como pelo pântano e mais tarde por meio de um arco conforme denotam os planos de evolução e expansão da cidade, segundo Morais, (2001: 106) "A malha urbana da então cidade foi prolongada até ao perímetro do arco de circunferência com 2.000 m de raio e centro na Praça 7 de março, então 25 de junho, limite da área do concelho a partir de 1895, segundo a portaria de António Enes. Esse arco adquiriu "um estatuto de permanência, estando na origem do traçado da Estrada da Circunvalação" . Este arco nos dias atuais é a Av. Marien Nguabi.

Aos que vivessem na cidade de caniço com proximidade às vias principais experimentava cada vez mais a inacessibilidade a cidade de cimento, ao passo que esta expande em direção a norte e ao oeste entre os anos 1900 e 1940 conforme aponta o plano de 1887. O que reforça a segregação social na paisagem urbana colonial.

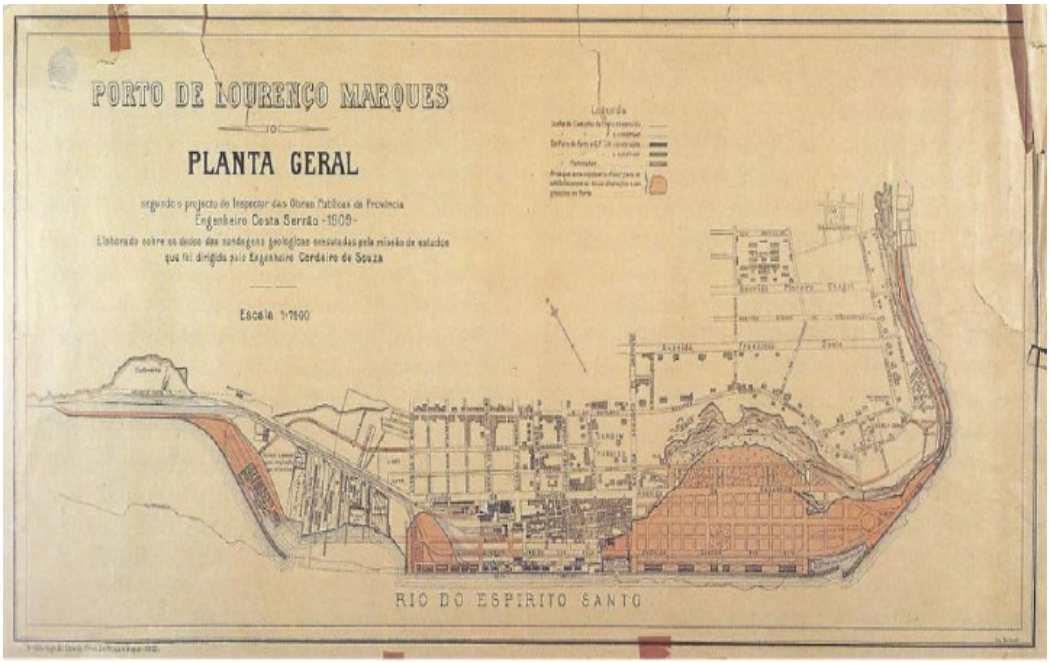


Fig 4. Porto de Lourenço Marques/ Planta Geral/ segundo projecto do Inspector das Obras Públicas da Província/ Engenheiro Costa Serrão – 1909. Fonte: Morais, 2001: 103.

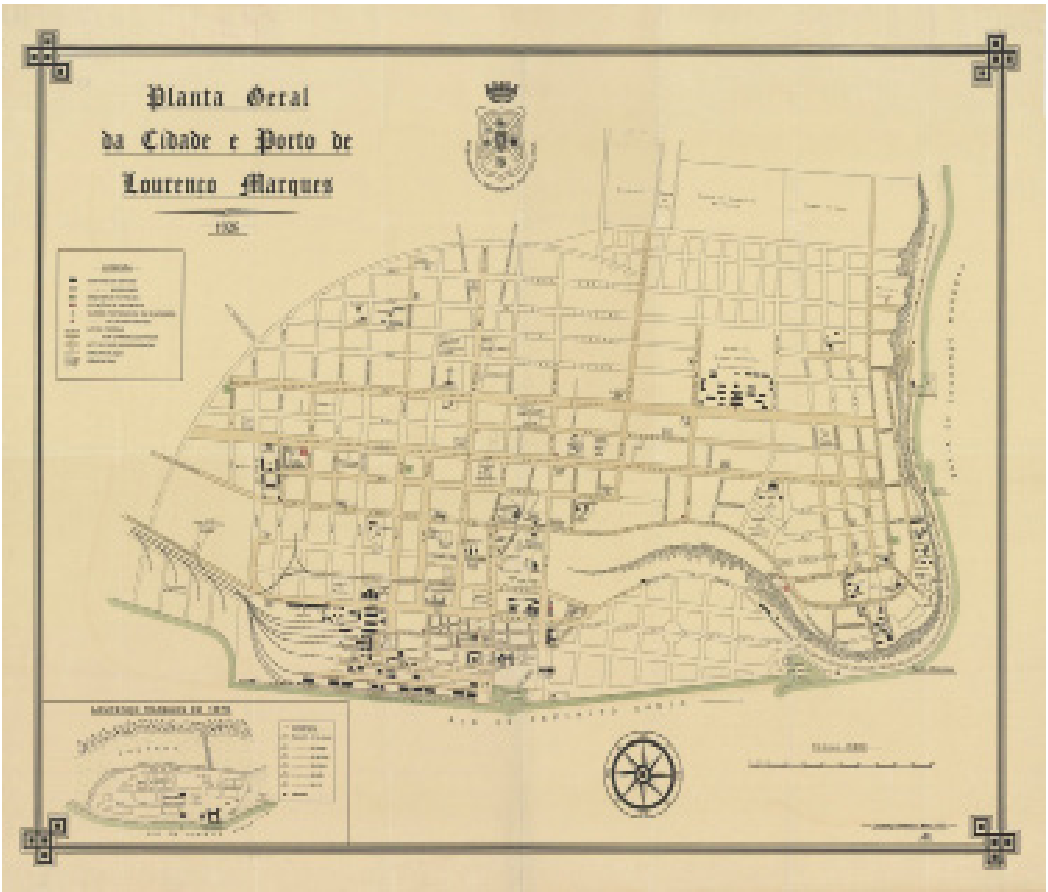


Fig 5. Planta da cidade e Porto de Lourenço Marques. Autor desconhecido.1926.

Paralelamente a esta expansão da cidade consolidada, evoluía simultaneamente a cidade informal, que não acompanhava a esse desenvolvimento e cada vez mais se deteriorava e crescia pela demanda por mão de obra na construção de infra estrutura ferroviária tarnsformando-se em subúrbio dormitório por falta de estratégia do governo colonial até meados dos anos 40.

Para além do isolamento da área formal de Maputo mediante argumentos de higiene, aos indígenas eram negados os direitos de posse da terra conforme evidencia o relatório de 1909 sobre o "problema da habitação indígena", elaborado pelo Serviço de Saúde de Lourenço Marques e a posterior o "Regime provisório para a concessão de terrenos do Estado na provincia de Moçambique" (Ministério da Marinha e Ultramar, 1910; Rita Ferreira, 1968: 142 e 143).

" [...] A indígenas, a proibição de habitarem dentro da cidade estender-se-ia a todos, com exceção dos que, pelas suas condições sociais e modo de vida, merecessem especial tratamento, e dos serviçais que vivessem na casa dos seus patrões em alojamentos convenientes."

Segundo José Forjaz (2012: 37) o urbanismo colonial, "revelava a natureza dualista da sociedade colonial. Uma cidade organizada, e por vezes bem organizada, para os brancos e outros 'assimilados', e um território urbano caótico ocupado pelos negros e outros descriminados". "Esta expansão, maioritariamente a norte da circunvalação, foi por sua vez tida com apreensão pelo Município, pois aparecia como ameaça ao desenvolvimento ordenado da cidade. Deste modo, na década de 1930, proibiu-se a edificação de construções de caráter permanente nos subúrbios" (Mendonça, 2015). Sendo os materiais mais usados o caniço, a madeira revestida, a argila, a madeira e o zinco e pouquíssimas de alvenaria com coberturas de caniço, zinco e em alguns casos raros a palha.

É nesse contexto que, em 1952, surge o Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, elaborado pelo arquiteto João Aguiar após sucessivas intervenções na cidade de cimento. No entanto, esse plano não contemplava o crescimento da periferia urbana da década de 1950, que atingiu seu apogeu nas décadas de 1960 e 1970, no período pós Segunda Guerra Mundial, iniciando-se a fase de maior emigração de todo o período colonial. Segundo Mendes (1985: 98), "nos últimos dez anos do regime colonial, registou-se a fixação da população em Chamanculo, Jardim, Chinhambanine, Benfica, Manhotas e nos bairros litorais de Xaiase, Lichase e Laulane."
Este plano sublinha os mesmos erros dos planos anteriores, pois a periferia continua a ser deixada de lado e a cidade consolidada avançava em direção a Sommerschield, zona nobre da cidade até a atualidade, para quem tivesse e tem até hoje maiores recursos económicos.

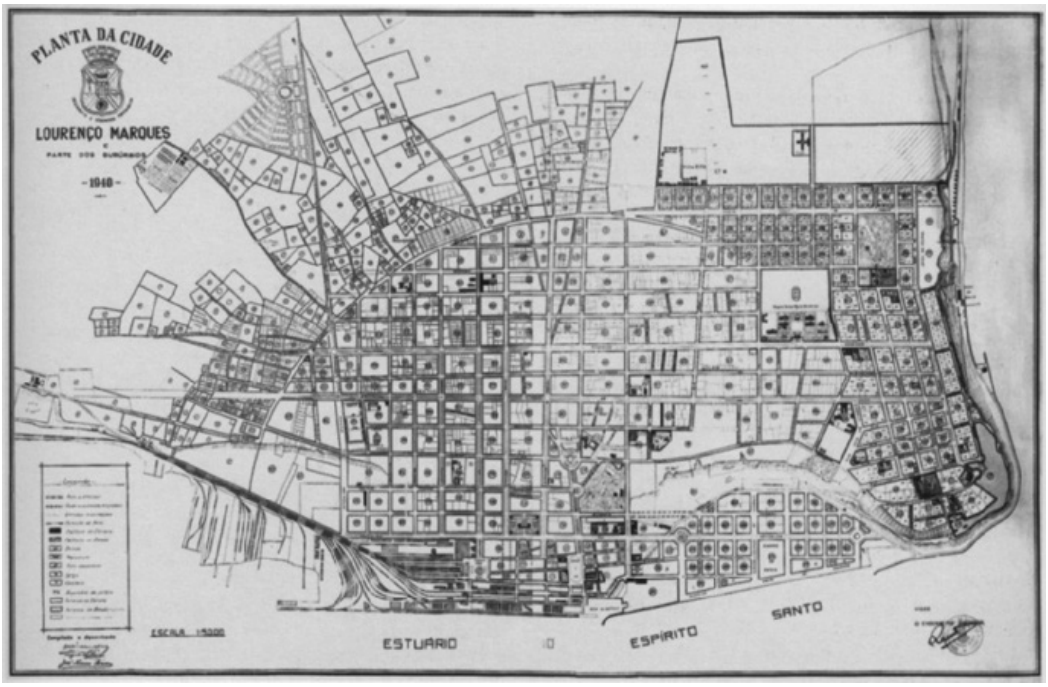


Fig 6. Planta da cidade de Lourenço Marques. 1940. Com inclusão do traçado dos assentamentos informais e. David Viana e Ana Natálio. 2013.



Fig 7. Predio Montepio. Vista desde a entra do jardim Vasco da Gama. Meados do ano 1960. Fonte: Autor desconhecido.

Este plano virá a ser substituído pelo Plano Diretor deUrbanização de Lourenço Marques de 1969 que foi autorizado em 1972 coordenado pelo engenheiro Mário de Azevedo e pela criação do Gabinete de Urbanização da Câmara (1964). Este novo plano englobara "(...)várias vertentes do urbanismo - evolução urbanística, conforto climático, "caniço", tráfego, aspectos demogrráficos e sociais - para as quais elabora estudos especiais e formula propostas para a organização da cidade, de acordo com diversos usos do solo e a circulação" (Azevedo, 1969).

Em paralelo, enquanto os problemas da periferia se agravavam e eram feitas intervenções pontuais e a cidade de cimento se desenvolvia, movimentos de nacionalismo peri-urbanos surgiam e ganhavam espaço e estes contribuíram para a luta de libertação nacional que conduzirá à posterior à independência em 1975.



Fig 8. Crianças brincando. Lourenço Marques (Maputo), anos 1960.
Fonte: Rangel (2004b).



Fig 9. Desfile público em comemoração à vitória da Frente de Libertação de Moçambique na Guerra de Independência. Foto: José Chasin.

Da dualidade à complexidade morfológica plural

No pós- independência a cidade consolidada assiste a uma mudança da população, onde a população colonial é substituída pela população local, o que trará novas dinâmicas e interpretação plural do tecido urbano. O governo moçambicano adotou políticas de socialização da terra o que resultou na intensificação do movimento migratório da população para a cidade de Maputo. Este fenómeno que já estava em progressão desde a década de 1960 colonial se intensificou a partir dos anos de 1970, como consequência do único partido no poder, a FRELIMO, que assumia um pendor socialista.

Neste período, a economia cai drasticamente e a dificuldade de gestão cresce face à nova realidade pós-colonial. Segundo Ibraimo (1994), a urbanização da cidade de Maputo no período pós-colonial atravessou fundamentalmente três etapas, a etapa de ocupação da Cidade resultante da saída do colono português (1975-1977), a etapa de início da deterioração urbana e ambiental da Cidade (1977-1987) e de 1987 a atualidade, etapa de deterioração e início da recuperação.
Acrescentando-se assim uma quarta etapa correspondente ao ano 2000, que diz respeito a atualidade, mencionada por Viana (2015) como sendo marcada pelo" incremento de investimentos privados em áreas centrais da capital moçambicana e à especulação imobiliária sobre setores pericentrais da Cidade".

Ocupação da Cidade pós-colonial

O abandono da população colonizadora após a independência de Moçambique em 1975, juntamente com a afluência em massa de pessoas das periferias e áreas rurais, contribuiu para uma transformação significativa da cidade-capital, Maputo. Esse fenômeno é descrito por alguns autores como uma "ruralização" da cidade (Rosário, 1999; Viana e Brandão, Alves, 2006). Pela ruralização da cidade face à guerra de desestabilização de 1976 entre a FRELIMO(Frente de Libertação de Moçambique) e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) como opositora até o ano de 1992 com a assinatura do acordo de paz, tendo culminado na "deterioração" generalizada da cidade de cimento e do espaço urbano em geral, bem como da sua infraestrutura.

Dando continuidade a vontade tardia de incluir o caniço nos últimos anos do colonialismo português, em 1976, houve a tentativa de redefinir administrativamente os limites da cidade de cimento de modo a incluir a cidade de caniço para o desenvolvimento urbano. Neste período foram feitas várias intervenções por parte da DNH a nível urbano tais como várias iniciativas para melhorar as condições de vida nessas áreas. Essas iniciativas incluíram a instalação de equipamentos sociais, o fornecimento estatal de habitações, a melhoria das infraestruturas básicas e intervenções de qualificação urbana, conforme mencionado por Raposo (2007) e Rosário (1999).

Ainda como parte das intervenções e como tentativa de travar o crescimento urbano foram criados programas de autoconstrução assistida que foi uma das principais medidas lançadas no III Congresso da Frelimo, em 1977, assim como a criação de cooperativas a fim de promover estratégias de desenvolvimento econômico social, e mecanismos de acesso ao crédito que mais tarde enfrentavam problemas de escassez de recursos financeiros e técnicos o que dificultou a implementação eficaz desses mecanismos.

Após o fim do conflito bélico interno em 1992, a afluência em massa continuou. Nesta época assiste-se a uma subdivisão dos talhões e foram ocupados espaços não adequados a construção o que resultou na alta densidade populacional e muitas vezes na construção de habitações precárias, como a barreira natural de Polana Caniço que apresentava instabilidade e propensão a desastres naturais e que destinava-se a equipamentos e infraestruturas, assim como caminhos e rotas de acesso para receber os deslocados de guerra.

Maria dos Anjos Rosário (1999) aponta que o aumento abrupto da população dos bairros de caniço nos primeiros anos pós-independência de Moçambique foi causado por vários fatores. Entre eles estão a insegurança nas áreas rurais devido à guerra civil iniciada pela Renamo contra a Frelimo entre 1976 e 1992, o crescimento natural da população e a falta de oportunidades de trabalho nas áreas rurais devastada pela guerra civil assim como pela falta de investimentos, que se centravam maioritariamente na capital.

As margens autoproduzidas que albergam a maioria da população regista mudanças quanto ao material usado na construção, sendo o caniço substituído pelo bloco de cimento e pelo melhor acesso às infraestruturas básicas. As constantes mudanças, assim como a precariedade continuam a caracterizar a autoprodução que cada vez mais densifica-se.

Deterioração urbana e ambiental da Cidade

Este processo de migração, conduziu à precarização da habitação devido à situação de sobrelotamento da cidade , assim como a deterioração das infraestruturas e equipamentos, bem como ao agravamento dos problemas ambientais derivados, por exemplo, à utilização inadequada dos edifícios, que provém "de uma adaptação da população às novas condições de vida como, por exemplo, à utilização de cozinhas e de casas de banho" como menciona (Mendes, 1985: 473-475), de condutas de lixo (que tiveram que ser seladas, por uma questão de higiene pública) e de elevadores (que, na maior parte dos edifícios, continuam obsoletos), a manutenção das infraestruturas habitacionais entre outras questões ocasionadas pela autoprodução assistida que causou a erosão dos solos e à contaminação dos lençóis freáticos que aliadas à guerra civil agravavam cada vez mais a situação de deterioração urbana.

A densificação da ocupação "informal" das áreas urbanizadas foi acompanhada por rupturas naquilo que eram os costumes urbanos, ou por outras palavras, pela ruralização da cidade. A cidade de Maputo transformou-se através de micro ações de organização de espaço em uma fusão entre o formal e o informal reconfigurando o espaço até então conhecido.

A população que vivia em Maputo quase duplicou entre o início da década de 1980 e os anos finais de 1990, o que fez com que os que haviam ocupado o centro da cidade de cimento nos primeiros anos da independência fossem reconduzidos à periferia ou áreas rurais, fazendo com que o crescimento da capital fosse sustentado através das áreas semi urbanizadas, piorando a situação de precariedade existente (Raposo, 2007). Neste mesmo período, pela escassez alimentícia, o desemprego, a subida drásticas dos preços dos alimentos no início da década de 1980, o sector informal surge como saída para a população o que levou ao incremento dos mercados clandestinos de produtos alimentares embora esta atividade fosse proibida inicialmente e sujeita a sanções.

Nesse período surgem iniciativas para travar o crescimento urbano contínuo e como solução foram demarcados mais de 10.000 lotes na área "informal", onde estes eram demarcados no sentido norte e nordeste em quadrícula apertada no ano de 1980. Para Impulsionar a construção por parte da população, foram colocadas algumas infra estruturas básicas para então incentivar a auto-construção da habitação com orientações dadas.
Em 1985 é realizado o planeamento físico no Plano de Estrutura Cidade de Maputo com o intuito de disciplinar a ocupação do espaço urbano, porém este plano continuava a acentuar a dificuldade do tratamento detalhado de cada área urbana de maneira mais específica e atenta e não definia ao pormenor os sistemas de infraestruturas ou princípios de ocupação de espaços específicos.

Este "Plano de Estrutura da Cidade de Maputo", abrangia as cidades de Maputo e Matola e tinha como enfoque o espaço urbano e optava por um desenvolvimento linear, assente em vias de comunicações estruturantes e enfrentava dificuldades de implementação, o que culminou com o fracasso do mesmo. Assim, a dualidade centro - periferia e a diferenciação social inerente continuou a caracterizar o crescimento da cidade no período pós-colonial como refere Lachatre (2000) e volta a afirmar-se com a consolidação das políticas económicas neoliberais.



Fig 10 : Mulheres pilando e peneirando num terreiro na “cidade de cimento”, (década de 1980), [s.a.].

Início da recuperação

Com o fim da guerra civil, a população anteriormente deslocada manteve-se, na sua grande maioria na cidade, acentuando-se um fenómeno de migração intra bairros, onde os bairros mais periféricos apontam , a partir dessa altura, o maior ritmo de crescimento populacional em termos relativos e absolutos e os bairros centrais ou da "zona de cimento" a acusarem perdas substanciais de população (PEUMM, 2008: 99).

Este crescimento urbano continua, porém, em ritmo mais brando assim como a economia, como resposta à privatização do edificado, culminando com as práticas comerciais informais impulsionadas pelo desemprego de igual forma.

Neste período assiste-se também a transferência de propriedades públicas para a propriedade privada, o que fez com que a população menos favorecida fosse excluída, assim como dos dos serviços sociais, o que contribuiu para a densificação da construção, culminando com à rentabilização dos espaços centrais disponiveis com a maximização do valor econômico dos terrenos e propriedades localizadas nas áreas centrais da cidade e o surgimento de um mercado do solo urbano, informal e ilegal pela nacionalização da terra.

Assiste-se ainda nesta altura ao movimento contrário de volta à periferia, gradualmente pela população com menos recursos pelo subaluguer ou alienação de imóveis arrendados do Estado aos inquilinos nacionais, ou do aluguer a estrangeiros, ou às elites nacionais, fortalecendo o mercado do solo urbano.
No início da década de 1990 os mercados informais ganham espaços assim como os vendedores ambulantes, que caminham ou alocam-se em pequenas barracas improvisadas ao longo das vias (Costa, 2002: 81; Viana, 2008: 284, 287).

Em 1999, concluiu-se o Plano de Estrutura da Área Metropolitana de Maputo, elaborado por duas empresas estrangeiras (Arcadis Euroconsult e JTK Associates) e financiado pelo Banco Mundial. Este plano foi desenvolvido numa perspectiva dos que tinham a autoridade decisiva sem consulta ou participação significativa das comunidades locais, o que mostra que não ia refletir as necessidades reais dos moradores.
Esse processo gerou discórdia e controvérsia na Assembleia Municipal de Maputo, que acabou por não aprovar o plano (Raposo, 2007).

Criado em 1995 com o intuito de promover habitação para grupos de menores recursos e jovens casais, o Fundo para o Fomento à Habitação (FFH) revelou uma capacidade de intervenção limitada, diferentemente daquilo que era esperado inicialmente
Como aponta Melo, (2015: 114), a partir de 2010, observa-se um gradual distanciamento do FFH em relação aos seus objetivos iniciais, seguindo uma orientação neoliberal, baseada na lógica de mercado e na geração de mais-valias. Esta mudança suscitou críticas, pois o fundo parece afastar-se da sua missão original de fornecer habitação acessível aos que menos recursos tem, passando a privilegiar condutas que favorecem a especulação imobiliária e o lucro.

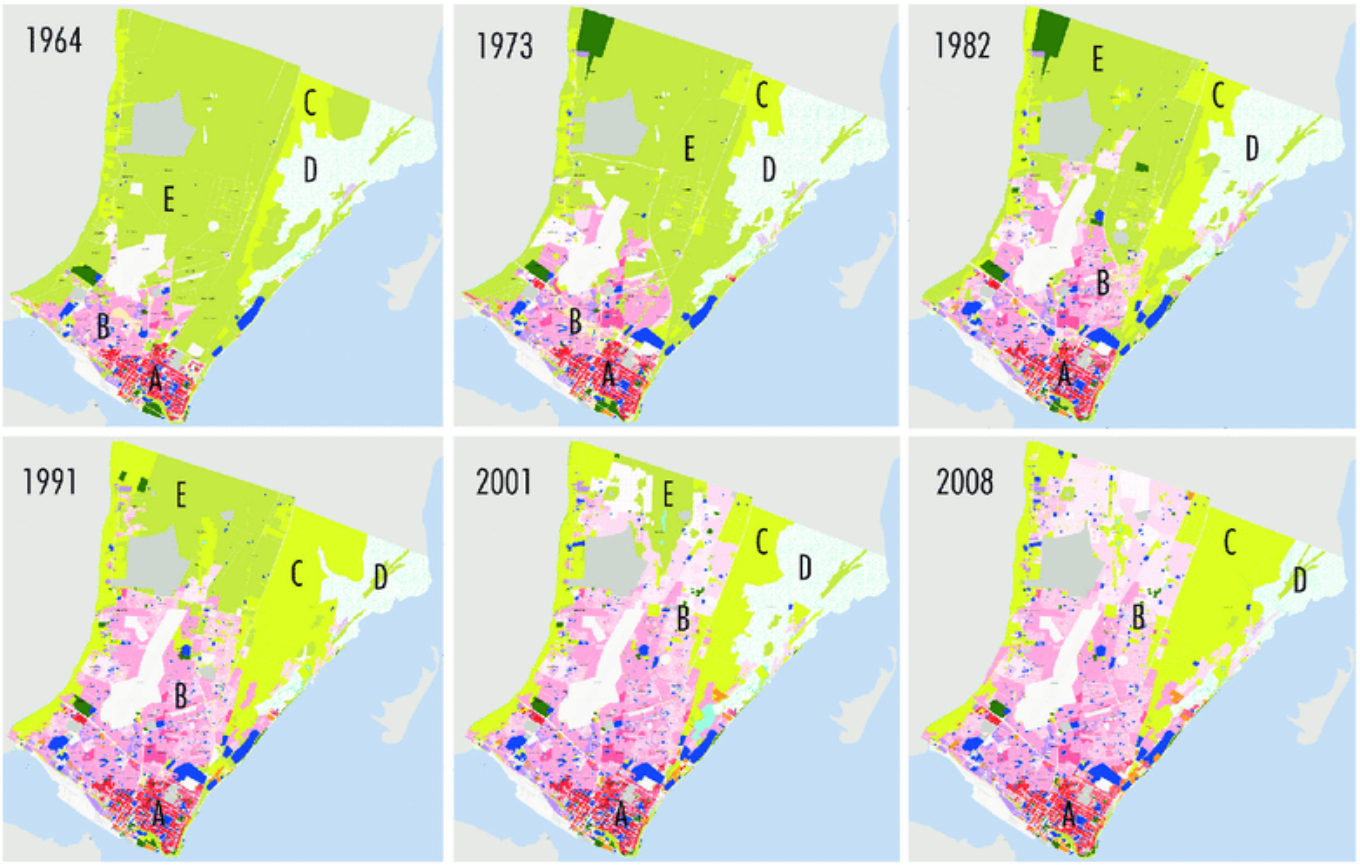


Fig 11. Centro urbanizado e evolução das áreas semiurbanizadas de Maputo Legenda: A = Centro urbanizado; B = Áreas semiurbanizadas; C = Áreas de atividade económica; D = Áreas húmidas e inundáveis; E = Outras áreas naturais, semi-naturais, de lazer e vazias.Cristina Delgado Henriques 2008.

FFH

O Fundo para o Fomento à Habitação (FFH) foi criado em 1995 com o objetivo principal de promover habitação para grupos de menores recursos, a maior parte da população, com enfoco em jovens casais. Desde a sua criação, o FFH tem enfrentado desafios significativos em sua capacidade de intervenção como a ausencia da ligação à rede de esgotos e a drenagem das águas pluviais, que tem sido recorrente em varias intervenções desta natureza na cidade de Maputo. Ao longo dos anos, a eficácia do FFH tem sido limitada (Jenkins, 2000: 144; Raposo e Salvador, 2007: 135).

Parte dessas urbanizações deu lugar a empreendimentos habitacionais que foram financiados pelo FFH, cerca de 2.000 fogos, principalmente evolutivos e que foram adquiridos mediante crédito que se dirigiam principalmente a jovens técnicos qualificados. No total, foram concedidos cerca de mil créditos para a construção de novos edifícios e cerca de 950 créditos para reparação ou ampliação de edifícios existentes. Foi previsto que estas linhas de crédito seriam pagas por 20 anos com uma taxa de juro anual de 8% .

Após dez anos de operação, o FFH encontrou problemas significativos que ameaçavam sua sobrevivência. Conforme demonstrado por Tiqué (2007), os valores atribuídos ao FFH não eram suficientes desde o início, o que levou à iniciativa do FFH a ser demasiado tímida em relação às expectativas inicialmente criadas. No segmento, com o objetivo de reverter as receitas para fornecer habitação aos estratos sociais mais pobres, começaram a surgir investimentos pontuais em habitação social para a classe média-baixa a partir de 2010. O aumento do valor da terra, bem como os processos de gentrificação e reassentamento, foram os principais resultados de uma nova série de planos. Devido a isso, várias reformas imobiliárias, algumas das quais foram financiadas pelo FFH, como a Vila Olímpica, foram viáveis.

Segundo Oppenheimer e Raposo (2007), estruturou-se um Fundo de Fomento da Habitação que procurava dinamizar o setor, mas a sua atuação acabou por ser pouco incisiva no contexto urbano da capital moçambicana, dado não ter conseguido disponibilizar mais do que cerca de 7500 talhões com acesso a infraestruturas básicas e serviços urbanos. A construção de habitação também se mostrou insuficiente, pois apenas foram edificadas aproximadamente 2000 casas com apoio do Fundo Fomento da Habitação (Ibid., 2007).

A Vila Olímpica, que foi construída para abrigar atletas e equipes técnicas e de gestão para os Jogos Africanos de 2011, pode servir de exemplo para ilustrar os limites desta metodologia de trabalho. Talvez seja um dos projetos menos bem-sucedidos administrados pelo FFH por nos últimos tempos registar grandes reclamações a nível da qualidade das construções associados a vários incidentes como quedas de algumas estruturas e por último incêndios proliferados pela fragilidade dos materiais usados que permitiram o avanço rápido das chamas, assim como questionamentos que dizem respeito a aquisição das habitações e a quem elas se destinam.



Fig 12. Vila Olimpica. Melo, 2011.

PEUMM

Após nove anos, o Plano de Estrutura Urbana do Município de Maputo (PEUMM) foi desenvolvido por um grupo de pessoas de diferentes áreas de conhecimento e foi incorporado ao Gabinete Técnico do Plano de Estrutura Urbana. A equipe é composta por professores de várias faculdades da UEM (Universidade Eduardo Mondlane) tendo sido coordenada pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Habitat da Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico. O plano inclui a cidade de Maputo, Katembe e as ilhas de Inhaca, Portugueses e Xefina sendo considerado um documento norteador para o desenvolvimento urbano nos anos subsequentes.

O documento define como prioridade a correção dos desvios e injustiças históricas refletidas na atual estrutura espacial da cidade, estabelecendo as grandes opções que contribuem para a melhoria das condições de vida da população (PEUMM, 2008). A implementação destas opções na cidade inclui a extensão da cidade às zonas baixas da Catembe e ao centro próximo do Rio Incomati; transformar 75% do antigo Paiol de Malhazine num "pulmão verde" da cidade; áreas das comunidades da cidade; construção de uma ponte ligando Maputo e Catembe, beneficiando de diversas estradas.

A Câmara Municipal de Maputo divulgou a Estratégia Municipal e Metodológica de Intervenção em Assentamentos Informais (EMMIAI) dois anos após a aprovação do PEUMM. Como o nome sugere, o documento define vários planos de ação e procedimentos de ação correspondentes em assentamentos informais (AI) que constituem preocupação desde os primórdios da cidade.

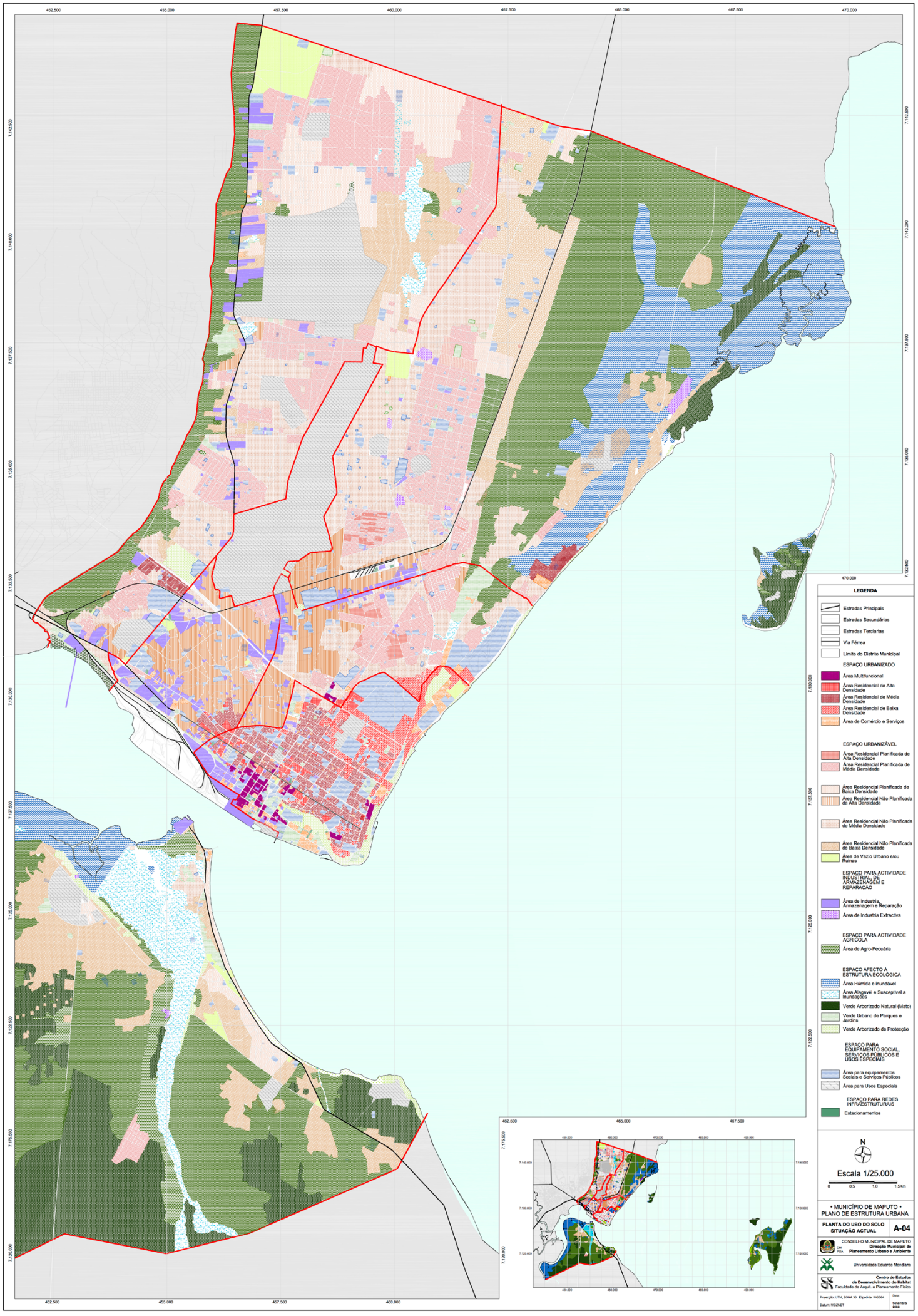

452.500
455.000
457.500
460.000
462.500
465.000
467.500
470.000
7.142.500
7.140.000
7.137.500
7.135.000
7.132.500
7.130.000
7.127.500
7.125.000
7.122.500
7.175.000
7.120.000
LEGENDA
Estradas Principais
Estradas Secundárias
Estradas Terciárias
Via Férrea
Limite do Distrito Municipal
ESPAÇO URBANIZADO
Área Multifuncional
Área Residencial de Alta Densidade
Área Residencial de Média Densidade
Área Residencial de Baixa Densidade
Área de Comércio e Serviços
ESPAÇO URBANIZÁVEL
Área Residencial Planificada de Alta Densidade
Área Residencial Planificada de Média Densidade
Área Residencial Planificada de Baixa Densidade
Área Residencial Não Planificada de Alta Densidade
Área Residencial Não Planificada de Média Densidade
Área Residencial Não Planificada de Baixa Densidade
Área de Vazio Urbano e/ou Rurais
ESPAÇO PARA ACTIVIDADE INDUSTRIAL, DE ARMAZENAGEM E REPARAÇÃO
Área de Industria, Armazenagem e Reparação
Área de Industria Extractiva
ESPAÇO PARA ACTIVIDADE AGRICOLA
Área de Agro-Pecuária
ESPAÇO AFECTO À ESTRUTURA ECOLÓGICA
Área Húmida e inundável
Área Alagavél e Susceptivel a Inundações
Verde Arborizado Natural (Mato)
Verde Urbano de Parques e Jardins
Verde Arborizado de Protecção
ESPAÇO PARA EQUIPAMENTO SOCIAL, SERVIÇOS PÚBLICOS E USOS ESPECIAIS
Área para equipamentos Sociais e Serviços Públicos
Área para Usos Especiais
ESPAÇO PARA REDES INFRAESTRUTURAIS
Estacionamentos
N
Escala 1/25.000
0
0,5
1,0
1,5Km
• MUNICÍPIO DE MAPUTO •
PLANO DE ESTRUTURA URBANA
PLANTA DO USO DO SOLO
SITUAÇÃO ACTUAL
A-04
CONSELHO MUNICIPAL DE MAPUTO
Direcção Municipal de Planeamento Urbano e Ambiente
Universidade Eduardo Mondlane
Centro de Estudos de Desenvolvimento do Habitat
Faculdade de Arquit. e Planeamento Físico
Projecção: UTM, ZONA 36 Elipsóide: WGS84
Datum: WGS1984
Data
Setembro 2008



Fig 14. Bairro do Jardim. Fotografia de autor.

Entre o Formal e o Informal

Analisados os processos de gênese e formação da cidade, pode se constatar que Maputo se agrega em sequências de contrastes da relação entre o formal e o informal, pois foram criadas relações morfológicas complexas. Na era colonial a relação dual era mais rígida, ainda que com algumas permeabilidades, porém esta rigidez é quebrada com a Independência. A cidade de cimento sofre uma ocupação da população autóctone pela socialização da terra assim como a periferia uma sobrelotação e nisto, o espaço urbano torna-se plural devido a sua extensão, disparidade e complexidade.

Como afirma Viana (2003), a urbanização extensa e formal da capital moçambicana reflecte-se em áreas designadas como 'subúrbios' e 'periurbanos', onde a 'ordem' coexiste com o aparente caos e esta tem maior expressão paradoxalmente, pela combinação entre estruturas espaciais a macroescala assim como auto-organizadas.



Fig 15. Bairro do Jardim.Fotografia da rua do Sisal e rua da Copra.



Fig 16. Bairro do Jardim.Fotografia tirada desde o beco parte de tras do prédio 144 na Rua do Sisal.

O urbanismo extensivo resulta do crescimento dos subúrbios e surgimento de novas centralidades, o que transcende a relação centro/periferia. Embora a cidade consolidada mantenha presentemente as características base da era colonial, está por micro-processos informais sofre uma fusão onde estes criam uma relação de codependência. Este fator não significa que seja irreconhecível a diferença entre o formal e o informal, mas sim que a cidade foi tendo o tecido modificado e a relação com os usos do solo conheceu circunstâncias diversas.

Segundo Araújo "Apesar das grandes transformações socioeconômicas observadas na cidade após a independência do país e de os residentes do "cimento" terem mudado radicalmente, passando a ser na sua grande maioria, população moçambicana, os contrastes entre a área urbana (o "cimento") e a suburbana (o "caniço") mantiveram-se e, em muitas situações agudizaram-se." (Mendes de Araújo, 1999:177)

A capital moçambicana viu serem testadas distintas opções urbanas (coloniais e pós-coloniais), traduzidas em planos-imagem, planos-gestão ou planos-estrutura, por exemplo. No entanto, o planeamento e ordenamento do território foram muitas vezes ultrapassados pela transformação urbana "informal" e auto-organizada.
Exemplificando: reservas ambientais para plantio de árvores ou para equipamentos sociais/económicos, espaços verdes, zonas não edificáveis, pantanosas, inundáveis ou declivosas, previstas no Plano de Estrutura de Maputo de 1985, em bairros mais antigos, foram preenchidos por populações deslocadas pela guerra (Oppenheimer e Raposo, 2002)



Fig 17. Rua da Mesquita, quarteirão 10.

O Informal

Segundo Forjaz (2006 p. 42), entende-se por assentamento informal "a consequência de um processo longo e complexo de ajustamento das famílias, e dos indivíduos, a condições adversas onde os seus interesses, muitas vezes opostos, encontram formas de coexistência num equilíbrio precário, contudo, reconhecido por todos dentro do assentamento informal, ainda que tal nem sempre pressuponha o reconhecimento oficial pelas autoridades."

Hansen (2004) afirma que uma grande parte da população urbana africana vive em áreas "informais" e com carência de serviços. Este fator contribui para que um número cada vez maior de pessoas se dedique à economia informal .
Na cidade capital, por exemplo, o espaço urbano é organizado de forma informal resultando em uma grande economia informal. Autores como Oppenheimer e Raposo (2002) afirmam que o mercado clandestino de alimentos, que é o mais comum nas áreas urbanas, sendo uma das muitas formas pelas quais o setor informal emergiu no início dos anos 1980. A falta de emprego e oportunidades no setor formal levou as pessoas da cidade a recorrer ao mercado informal para prestar serviços ou vender produtos, como forma de sobreviver. Esta situação que persiste até hoje, pelo retorno imediato que este mercado proporciona.

A análise do processo evolutivo da cidade de Maputo mostra que esta assenta sobre o dualismo entre o formal e o informal, mas esta não assenta sobre o dualismo, pois foram criadas complexas relações e interpretações da forma urbana assumindo-se uma urbanização extensiva e sendo criadas centralidades diversas.

Vários são os fatores apontados por autores como Forjaz (1985), onde sublinha que o desequilíbrio causado pela exploração econômica colonial provocou uma assimetria catastrófica na distribuição da população no território da cidade, assim como a migração para a cidade após o fim das restrições coloniais onde a maioria da população migrou das áreas rurais do país para as periferias das áreas urbanas, entre outros, que contribuira fortemente para o surgimento do informal.



Fig 18. Dynamic Maputo: Where formal meets informal. W. Wambecq, A. Beja da Costa. 2009



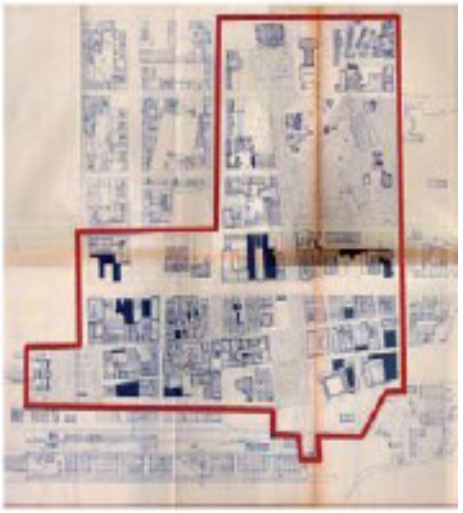


Fig 19. Bairro do Jardim. Entre os becos do Bairro.

O problema da habitação Condigna

Durante a era colonial a vontade de abordar a questão da habitação revelava-se bastante tímida. Na era pós-colonial vários fatores como a socialização da terra, a guerra civil, os avanços de programas de autoconstrução com o estado como investidor ou investidores privados, entre outros, impulsionam o tema da habitação que começa a ganhar destaque a fim de proporcionar uma habitação condigna . Contudo, até a atualidade, a capital moçambicana enfrenta problemas a nível da habitação.

À medida que se tenta traçar soluções para a habitação, Maputo enfrenta uma urbanização acelerada, fator que dificulta ainda mais a abrangência de atuação dos programas implementados, pelo crescimento das periferias urbanas sem ordenamento. Outro fator apontado por João Tique no texto "O mito dos 15 por 30" em que se tem como dimensão ideal um talhão com 15 por 30 ou 20 por 40 m e que serve como entrave para a proporção de uma habitação condigna reside no conceito de habitação, em que o senso comum herdado pelos Bantu conforme aponta João Tique em que seria impossível reproduzir os modos de vida do campo na cidade.

Dado que a cidade consolidada de Maputo não reúne condições para dar resposta ao ideal proposto pela hiper-saturação da ocupação de terras, a resposta imediata tem sido uma urbanização mais expansiva, como o caso dos novos bairros de expansão na atualidade, as construções sobre os terraços dos prédios, a construção em zonas impróprias como as zonas pantanosas, a divisão dos terrenos existentes na cidade já construídos para dar origem a novas construções, entre outras formas de tentar solucionar a problemática da habitação.
Apesar destas serem formas de resolução protagonizadas pelos habitantes de Maputo, o problema da habitação condigna persiste e ganha proporções cada vez maiores.

.



Fig 20. Bairro da Mafalala.

Objeto

Mafalala

A cidade de Maputo está organizada em 7 unidades autárticas(KaMpfumo, Nlhamankulu, KaMaxaquene, KaMavota, KaMubukwana, KaTembe e KaNyaka), em analise está o DM3, KaMaxaquene que fazem parte os bairros Urbanização, Maxaquene A, MaxaqueneB, Maxaquene C, Maxaquene D, Polana Caniço B, Polana Caniço A e Mafalala que será objeto de análise.

A Mafalala surge muito antes do século XIX, mas neste período ganha maior notoriedade devido à realidade dual imposta pelo regime colonial, tendo se desenvolvido num território que era pertença da dinastia Mpfumo, da etnia ronga (Pereira, 1972: 4). Fatores como o incêndio na povoação que quase a destruiu em que as construções eram de materiais inflamáveis e a derrota de Ngungunhane, último imperador de Gaza em 1895 que culminou com a expulsão dos autóctones, assim como a construção da linha férreas que ligava Lourenço Marques ao Natal em 1894.

Enquanto a Xilunguine se expandia em direção ao Alto Mahé e a Ponta Vermelha, o resto viu-se obrigado a deslocar para o interior da zona da Munhuana(nome derivado do Ronga que significa zona Salubre - Munhu= Sal) que estava dividida entre a zona urbanizada e a suburbana de onde surge posteriormente a Mafalala.
O limite destas duas áreas era a estrada da circunvalação, a atual avenida Marien Nguabi (Antes Av. Caldas Xavier) que parte da Malhangalene e culmina no Bairro do Alto Maé.

A Mafalala localiza-se em zona pantanosa e propensa a inundações desde a sua génese até à atualidade, mas de maneira mais agravada como referencia a obra de Aldino Muianga Xitala Mati (1987) que em português quer dizer lugar das inundações.

“A capacidade de carga dos solos foi, muitas vezes, ultrapassada, tendo-se agravado as situações de erosão dos solos, de alagamento de baixas e de áreas pantanosas frequentes na época das chuvas, bem como de contaminação do lençol freático”(Oppenheimer e Raposo, 2002, pag.21).

O nome do bairro é de origem macua, dos distritos de Angoche, Mossuril, Nacala e da Ilha de Moçambique que é um grupo étnico vindo do norte de Moçambique, Província de Nampula e o bairro ficou conhecido como sendo a terra dos macuas. Alguns autores como Lemos (1988: 52) apontam que muito provavelmente o nome do bairro seja proveniente da dança Lifalala, que uma vez os Rongas ao referirem na sua língua ao local onde se dançava lifafala talvez dissessem Hi ya ka mafalala, o que significa vamos ao local onde se dança lifalala dando origem ao nome Mafalala.

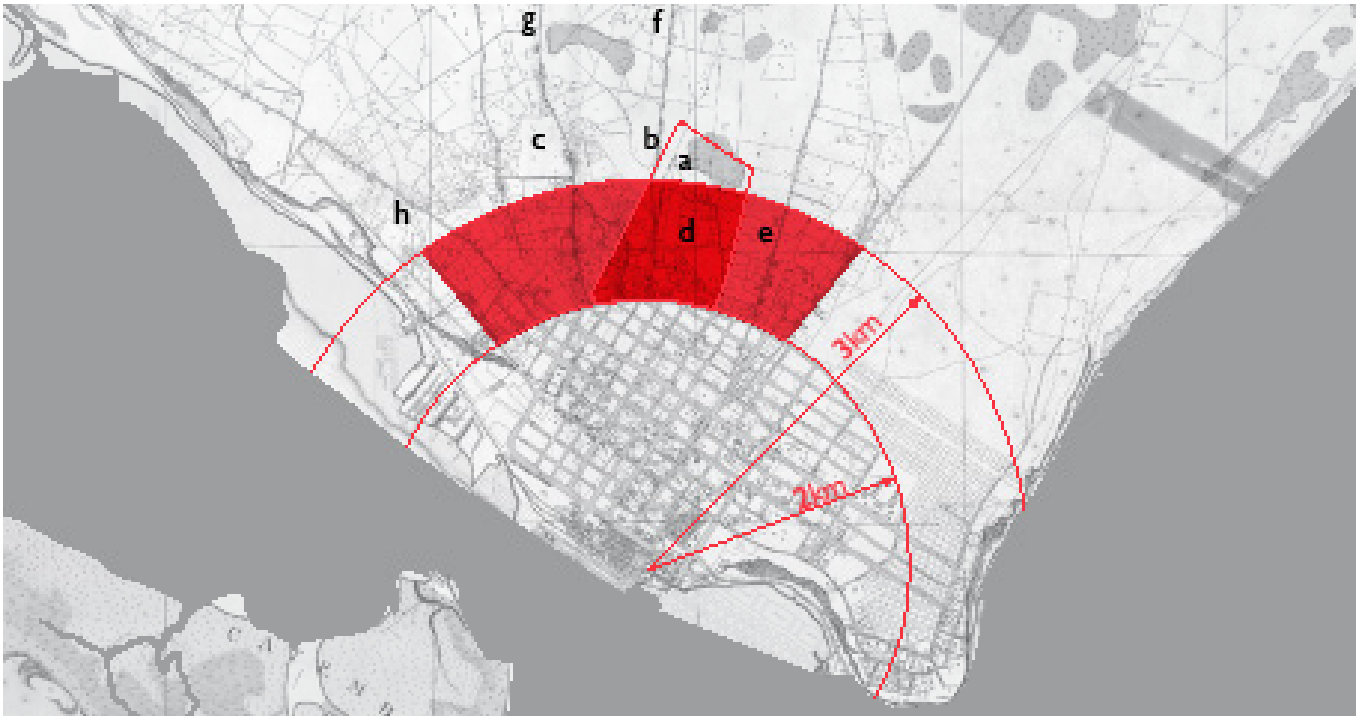


Fig 21. Detalhe da Planta da Cidade de Lourenço Marques e subúrbio por E. de Moctezuma, 1907-1912. Além dos arcos de 2 e 3 Km: "a" indica o perímetro atual do Bairro da Mafalala, "b" a área do Bairro da Munhuana, "c" a área do Bairro de Xipamanine, "d" o ponto de génese do Bairro da Mafalala, "e" a Zona de expansão segundo o Decreto de 09/07/1909, "f" a antiga estrada para as Terras do Estado (atual Rua de Goa), "g" a antiga estrada de Xixara (atual Rua dos Irmãos Roby) e "h" a antiga estrada de Lydenburg.

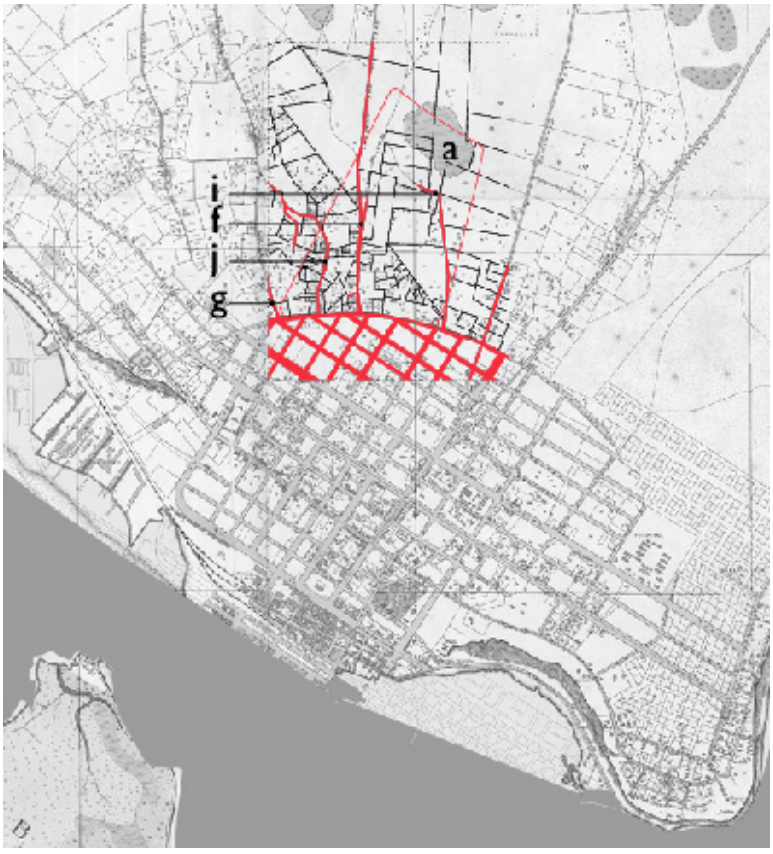


Fig 22. Detalhe da Planta da Cidade de Lourenço Marques e subúrbio por E. de Moctezuma, 1907 1912. "a" indica o perímetro atual do Bairro da Mafalala, "f" a antiga estrada para as Terras do Estado (atual Rua de Goa), "g" a antiga estrada de Xixara (atual Rua dos Irmãos Roby), "i" caminho que deu origem à atual Rua de Timor e "j" caminho que originou a atual Rua da Guiné.

“Sendo que “os subúrbios são bairros erguidos arbitrariamente, sem plano preconcebido, condenados a um dia ficarem aglutinados pela cidade; o seu enquadramento, num futuro plano de urbanização geral, virá a constituir um sério problema” (Mendes apud Forjaz, 2006 p. 15).

Importante referir que a Mafalala sempre foi um bairro multicultural, mas que apesar desta multiculturalidadeos habitantes sempre souberam conviver, sempre foram unidos mesmo sendo este de proveniencias distintas.

A Mafalala sempre foi marcada por seus momentos de convívio que segundo relatam os entrevistados, vinha gente de fora da Mafalala para poder conviver. Segundo João, neto de um dos precursores da marrabenta(estilo musical que surgiu na Mafalala) nestes lugares de convivência bebiam-se bebidas feitas a base da cana de açúcar(Ximovana), a basede ananás (Xilalassana), a base de farelo de milho (Xidanguana) e a bebida de arroz(Uputso) e destes convívios resultaram várias criações musicais e grupos da época. Não habitavam apenas pessoas negras, mas também “... brancos pobres.

Este grupo era composto por operários, pequenos funcionários, empregados dos serviços municipalizados de viação, e em geral, de pessoas de recursos mais fracos (Pereira, 1972: 11) situação esta que não alterou muito até a atualidade.
.

Havia pessoas provenientes das ilhas do oceano Índico, nomeadamente Comores e Zanzibar, à procura de melhores condições de vida. Estes eram maioritariamente empregados na área da restauração, hotéis e cafés, destacando-se o lugar de confraternização os comoreanos que até os dias de hoje é referência para os mais antigos quando dão alguma explicação nas entrevistas. Registam-se também chineses, são-tomenses que viviam na Mafalala e praticavam atividades comerciais. Assim surge uma população mestiça na Mafalala. Ainda com as diferenças religiosas, o respeito e a solidariedade sempre foram presentes no bairro da Mafalala.

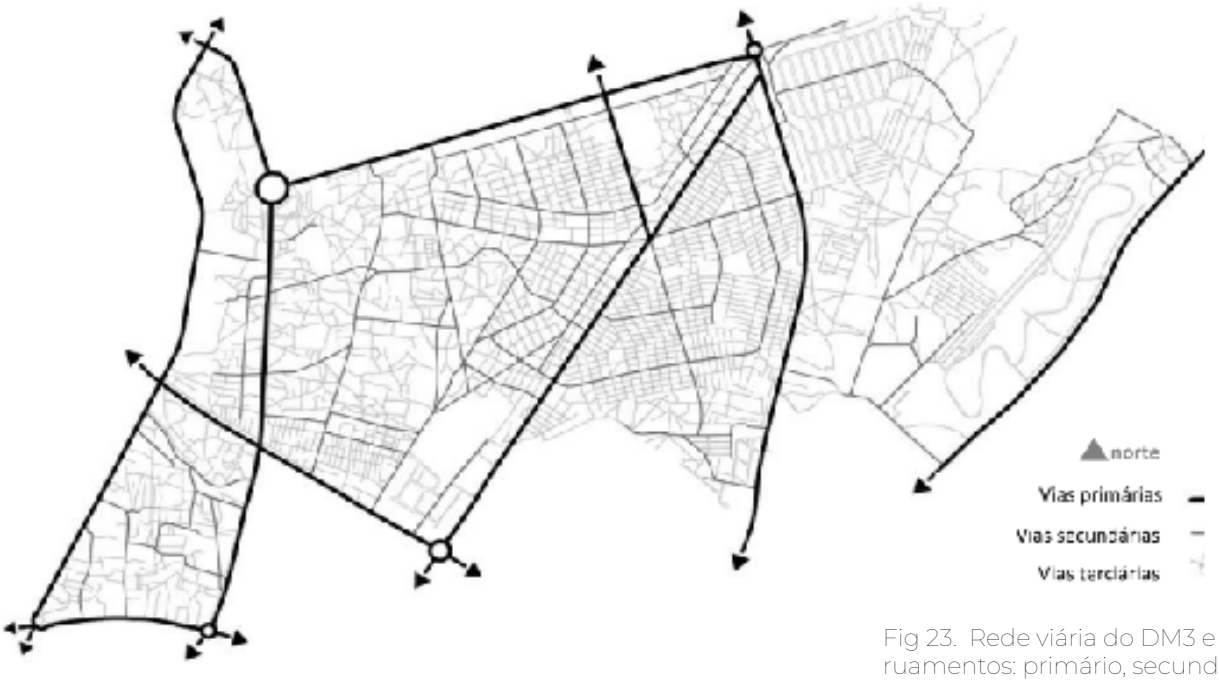


Fig 23. Rede viária do DM3 e níveis de arruamentos: primário, secundário e terciário.

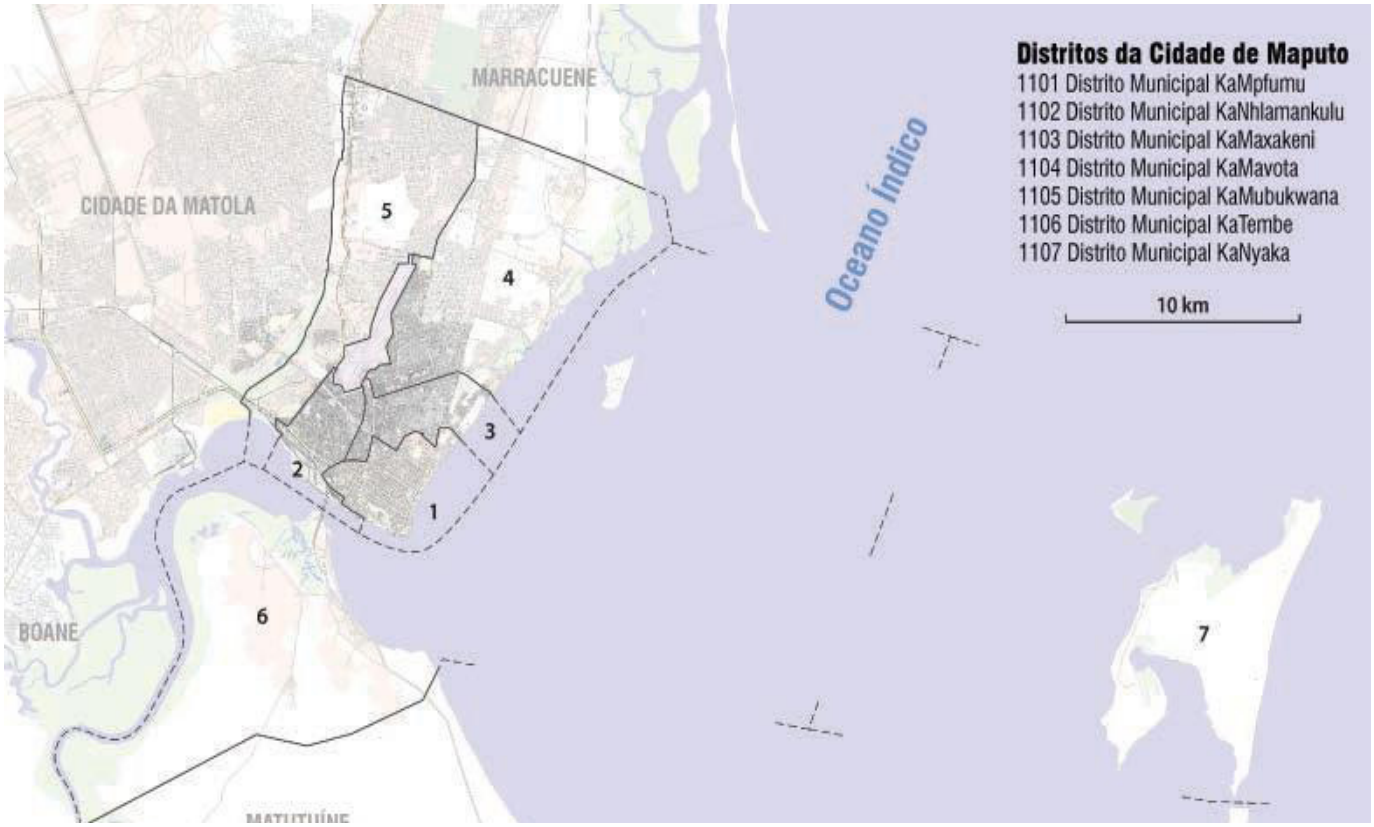


Fig 24. Distritos do Município de Maputo.

Quanto a atividade comercial, vê-se muitas das vezes o formal e informal ligados de maneira quase indissociável, o comércio formal visto nas avenidas principais, assim como o informal que comercializa dentre produtos alimentícios a produtos básicos do dia a dia. O informal está por quase todo o lado, desde largos, avenidas principais, nas rodovias, esquinas e no quintal de uma casa.

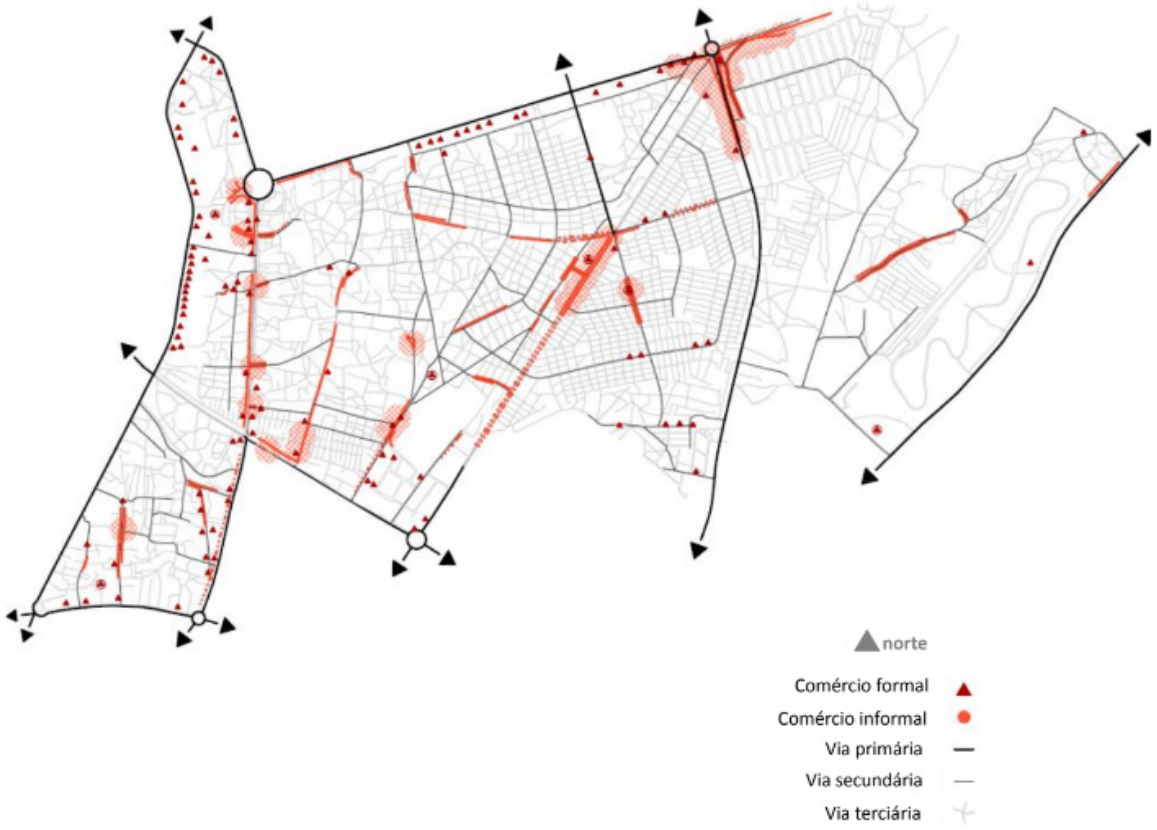


Fig 25. Relação entre a hierarquia da rede viária, a distribuição de comércio formal no DM3 e a ocupação de espaços com atividades relacionadas com o comércio informal.

Entorno

O bairro da Mafalala encontra-se localizado entre as Avenidas Joaquim Chissano, avenida de Angola, Marien Nguabi e a avenida Acordos de Lusaka. Dada a proximidade com a cidade consolidada, a Mafalala localiza-se em um ponto estratégico e de distribuição para outros distritos Municipais. O seu entorno é composto por atividade comercial diversa desde os de pequeno porte a hipermercados, desde materiais de construção a restauração, mercearias, paragens de transportes públicos que distribuem para vários pontos da cidade de Maputo, assim como edifícios residenciais e religiosos.

Pela localização privilegiada que possui, a Mafalala posiciona-se de forma estratégica a nível de transportes, pois por ela passam os chapas(-transportes públicos com capacidade para 15 lugares, mas que costumam levar 17 pessoas sentadas e geralmente o assento próximo a porta não é aberto e assim ficam em média 5 a 8-10 pessoas em pé, que totaliza quase o dobro da capacidade total do veículo.

Os chapas de barra azul que fazem Xipamanine-Museu e Xipamanine--Praça dos Combatentes na Av. Marien Nguabi, os de barra vermelha que fazem Praça dos Combatentes - Baixa na Av.Acordos de Lusaka e os TPM que fazem Museu ou Baixa - várias zonas do distrito municipal KaMubucuana, com maior capacidade ocupacional uma vez que chega a levar até o dobro da a sua capacidade. Os chapas de barra verde que fazem Xipamanine - várias zonas do distrito municipal KaMubucuana na Av.de Angola.

A nível de vias que a circunscrevem, a Mafalala vê se numa posição privilegiada, pois as vias que por ela passam funcionam como vias de prolongamento e ligação à cidade de Cimento. Quanto à proximidade a recursos de primeira necessidade, a Mafalala está próxima a mercados tais como o Xipamanine, assim como o mercado do Estrela, e no próprio mercado da Mafalala, assim como de hiper mercados formais. A maior parte dos residentes fazem compras nos mercados informais pela facilidade de compra e pela condição econômica.



Fig.26. Av. Marien Nguabi



Fig 27. Av. de Angola



Fig.28.. Av. de Angola

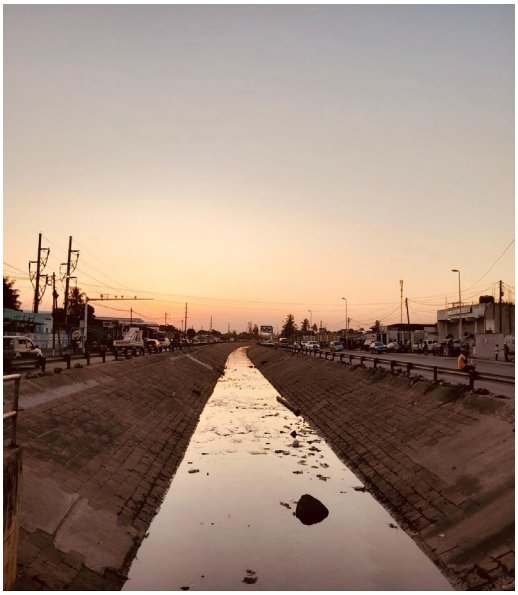


Fig. 29. Av. Joaquim Chissano



Fig. 30. Av. Acordos de Lusaka



Fig 31. Av. Acordos de Lusaka

Mapa da Rede viária

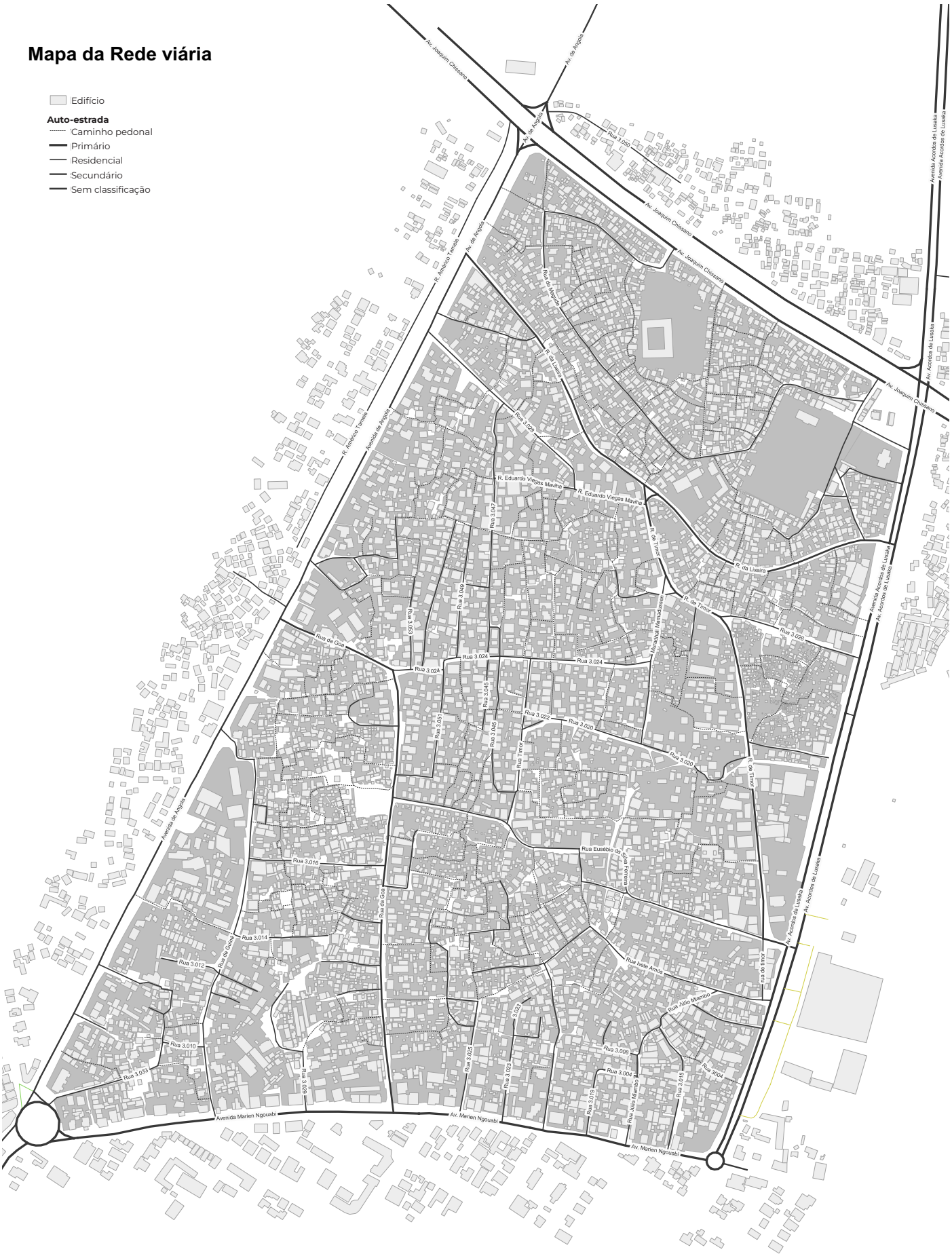


Fig 32. Mapa Rede Viaria
Fonte: #MapeandoMeuBairro

Sendo que “os subúrbios são bairros erguidos arbitrariamente, sem plano preconcebido, condenados a um dia ficarem aglutinados pela cidade; o seu enquadramento, num futuro plano de urbanização geral, virá a constituir um sério problema” (Mendes apud Forjaz, 2006 p. 15).
As avenidas que delimitam o bairro funcionam como corredores de distribuição na cidade de Maputo, o que confere a Mafalala uma localização privilegiada. A partir destas avenidas surgem as ruas principais do bairro que tem largura para acessibilidade por automóvel e destas surgem as ruas(os famosos becos) que levam as residências e diversos outros pontos do bairro.
Como característica principal do bairro da Mafalala estão as ruas sinuosas com diversos tamanhos e que não obedecem uma regra predefinida. Estas na sua maioria resultam da ocupação dos espaços ao redor. Muitas das vezes as ruas resultantes são extremamente estreitas, o que dificulta e muito a locomoção.



Fig 33. Rua do bairro da Mafalala.

Pelas Ruas

As ruas de acesso principal a Mafalala, são acessíveis por automóveis, e dadas algumas intervenções estas encontram-se em estado melhorado. As ruas interiores, estas têm dimensões desafiadoras para os automóveis, o que os impede de acendê-las, o que também se verifica como desafio para os habitantes em dias de chuva, em situações de transportar objetos volumosos, ou até mesmo uma pessoa enferma.

Outro desafio é a questão das valas ao ar livre presentes em várias ruas em que brincam crianças pequenas e que idosos apresentam dificuldades em caminhar, veem -se sem aflitos por nessas mesmas ruas passarem motas, e ocorrerem várias atividades como a venda de alimentos em simultâneo. Ao percorrer as ruas a dificuldade maior era conseguir adentrar algumas casas com acesso único em que a passagem livre tinha menos de 30 cm.
O problema das ruas muito estreitas agravou-se com a alta procura da habitação no bairro, consequentemente as ruas mais largas foram dando espaço a casas, quem tinha terrenos menores foi ocupando mais as ruas, houve quem vendesse e ao vender vendia com uma parte da rua e assim, afirma Teresa Caleano, foram-se as ruas mais largas. O bairro ainda tem espaços mais amplos, o que podíamos chamar largos, mas a sua maioria é estreita e as ruas estreitas e levam as avenidas principais ou aos lugares menos abertos.

O percurso pelos becos da Mafalala é rápido, pois se consegue sair de uma extremidade a outra de forma mais imediata, apesar das dificuldades apontadas anteriormente. Outra situação que surge com as ruas estreitas e que elas camuflam, propiciam o roubo, e de noite nalguns casos o medo vigora pelo não esperado. Foram nestas ruas que espíritos revolucionários nasceram e deram à luz a libertação de Moçambique em 1975.

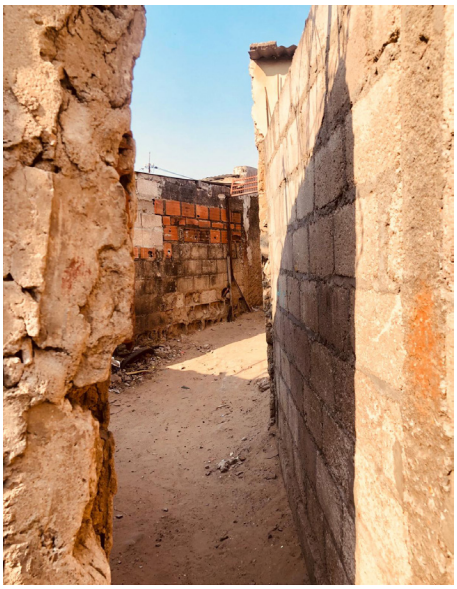
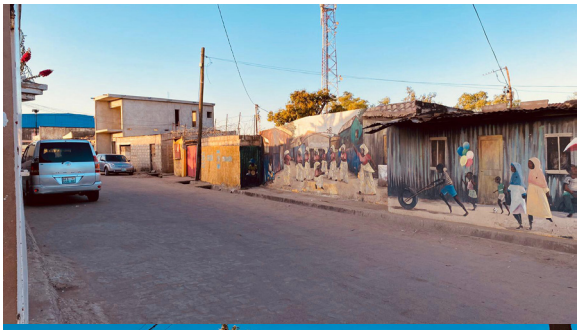


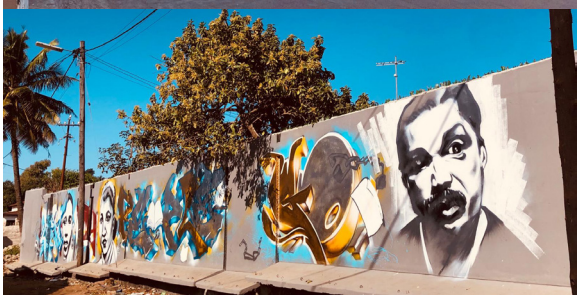
Fig. 34. Rua do bairro da Mafalala.



Fig.35. Rua do bairro da Mafalala.















O saneamento da Mafalala enfrenta grandes desafios, que, na verdade, já vinham sendo enfrentados, mas que agravam com o tempo. Segundo Teresa Caleano, uma das moradoras antigas do bairro, devido à falta de canalização de noite havia os homens que recolhiam os dejetos humanos pelas casas devido à falta de canalização para escoamento.
Devido à topografia e qualidade dos solos argilosos-arenosos e elevado nível freático e propensa a inundações, a Mafalala já enfrentava problemas relacionados ao saneamento e drenagem das águas.

Em 2007 foram feitas reabilitações das valas de drenagem do bairro, pois sempre que chovia as casas ficavam inundadas e as ruas intransitáveis, o que também causava doenças como a cólera e Malária, contudo as mesmas valas transformam-se em lixeira atualmente.

Existem as valas nas ruas principais, umas maiores, outras lateralmente e as que foram colocadas a meio de algumas ruas, resultando na diminuição da largura das mesmas, dificultando o trânsito, mas com o intuito de resolver os problemas enfrentados. As valas foram feitas em betão armado, tendo sido instaladas redes de tubagem de água potável e retiradas várias ligações de água, na sua maioria clandestinas.



Fig. 43. Rua do bairro da Mafalala.



Fig.44. Rua do bairro da Mafalala.

Mapa de Saneamento

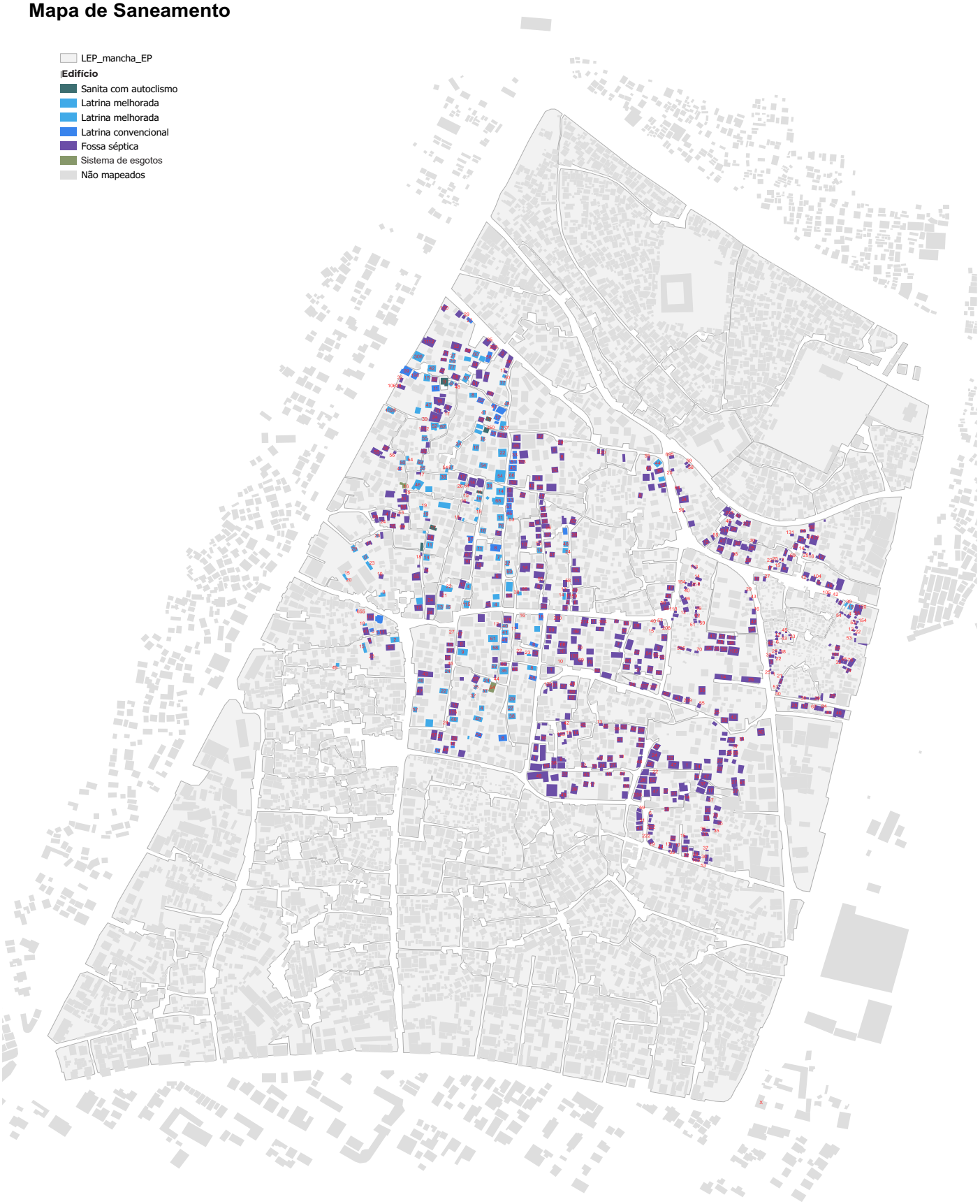


Fig 45. Mapa de Saneamento
Fonte: #MapeandoMeuBairro

Mapa de Drenagem

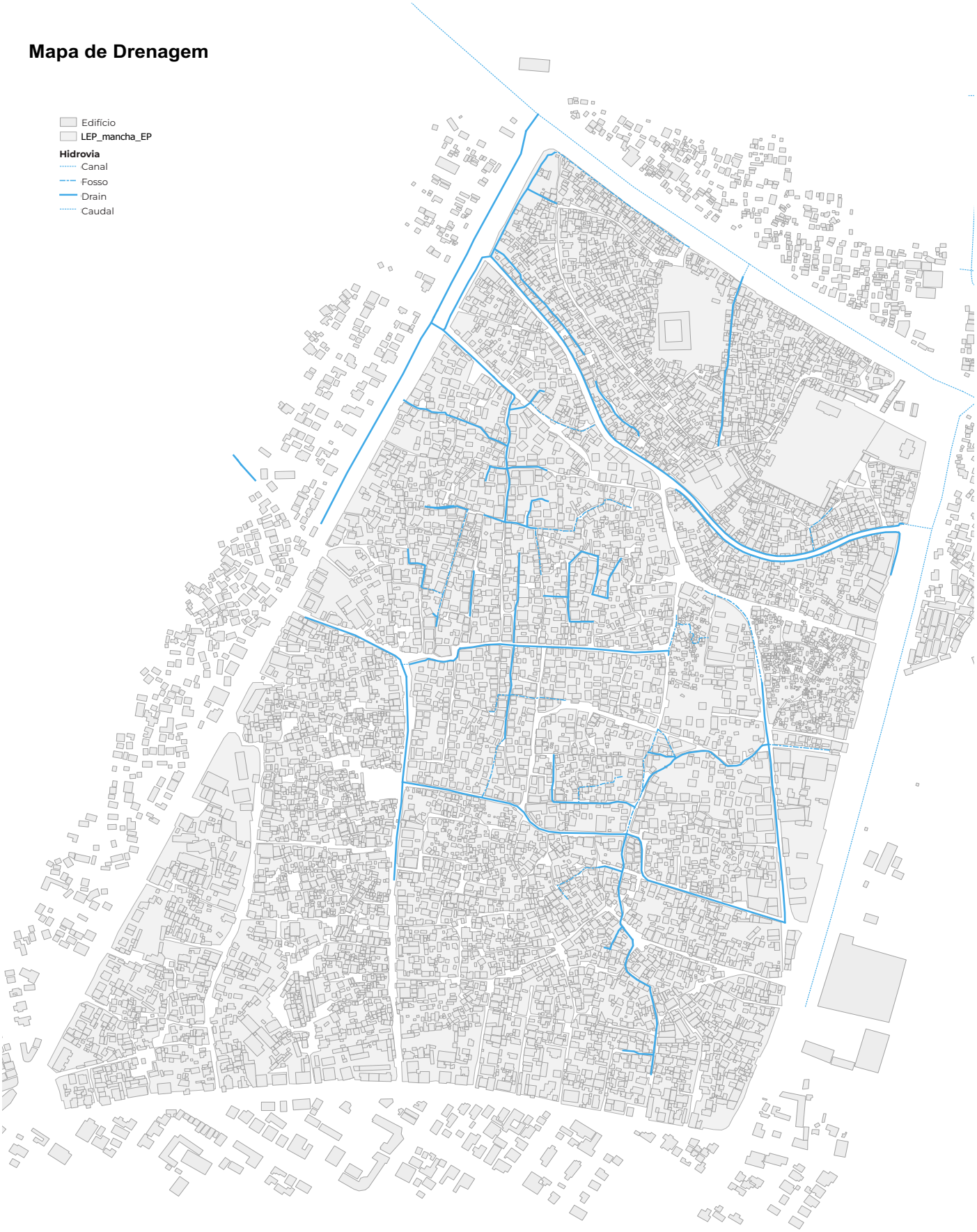


Fig 46. Mapa de Drenagem
Fonte: #MapeandoMeuBairro.



Fig. 47. Rua do bairro da Mafalala.



Fig. 48. Rua do bairro da Mafalala.

Madeira e Zinco

As construções em madeira e Zinco ainda são presentes na capital moçambicana, contudo somente na Mafalala elas ainda tem grande expressão. A África subsariana bantu carateriza-se pela construção de pau a pique, predominando as habitações de planta circular e as de planta poligonal e cobertura de duas ou quatro águas.

Algumas técnicas construtivas sofreram alterações devido à fragilidade dos materiais, ou limitações na execução de algumas técnicas e assim a construção foi sofrendo alterações pela introdução de novas materialidades como o caso do Zinco. Dado desenvolvimento do corrugated iron, na Inglaterra no início do século XIX e proximidade das colónias do hinterland e que as construções em chapas metálicas onduladas nos métodos foram introduzidos nos métodos construtivos locais.

O carácter provisório das habitações da cidade de caniço que resultou num incêndio urbano e que vai sustentar a decisão de que [...] da povoação circunscrita pela muralha de defesa", aprovada por Augusto de Castilho em 1877, no rescaldo dos incêndios urbanos. A postura impôs que as coberturas das "casas [...] cobertas de palha [seriam] substituídas por outras de ferro zincado, ou telha no prazo improrrogável de três meses" (Lima, 1968: 36-39).

O Zinco em fase inicial não era de uso exclusivo dos habitantes da zonade caniço, mas da xilunguine, o que viria a mudar anos depois quando é iniciada a proibição do uso do zinco nos limites da xilunguine e esta e transformada na cidade de cimento. Assim, passam a existir 3 tipos de construção mediante posição social e poder aquisitivo, na base da pirâmide a s construções de caniço, no meio as de madeira e zinco e topo as de cimento.

Algumas casas de Madeira e Zinco não apresentavam nenhum tipo de isolamento térmico, era apenas o zinco no exterior e a estrutura de madeira na vertical e horizontal. Outras tinham o mesmo sistema estrutural, contudo no interior estas eram revestidas com placas de madeira mais espessa com aproximadamente 10cm de largura com altura variável perfiladas, assim como as paredes divisórias interiores. Outras possuíam o mesmo sistema estrutural, porém eram revestidas de forma contínua com madeira a volta do zinco exterior ou unitex.

Há um outro tipo de casas de madeira e zinco em que as paredes de divisão interior são em alvenaria, isto pela restrição de construção em materiais permanentes.
Assim, pode se definir a habitação informal como sendo ermanente entre as narrativas tradicionais, rurais e africanas, e das referências modernas, urbanas e ocidentais."(Raposo e Salvador 2008, 125).

Mapa de Casas de madeira-e-zinco

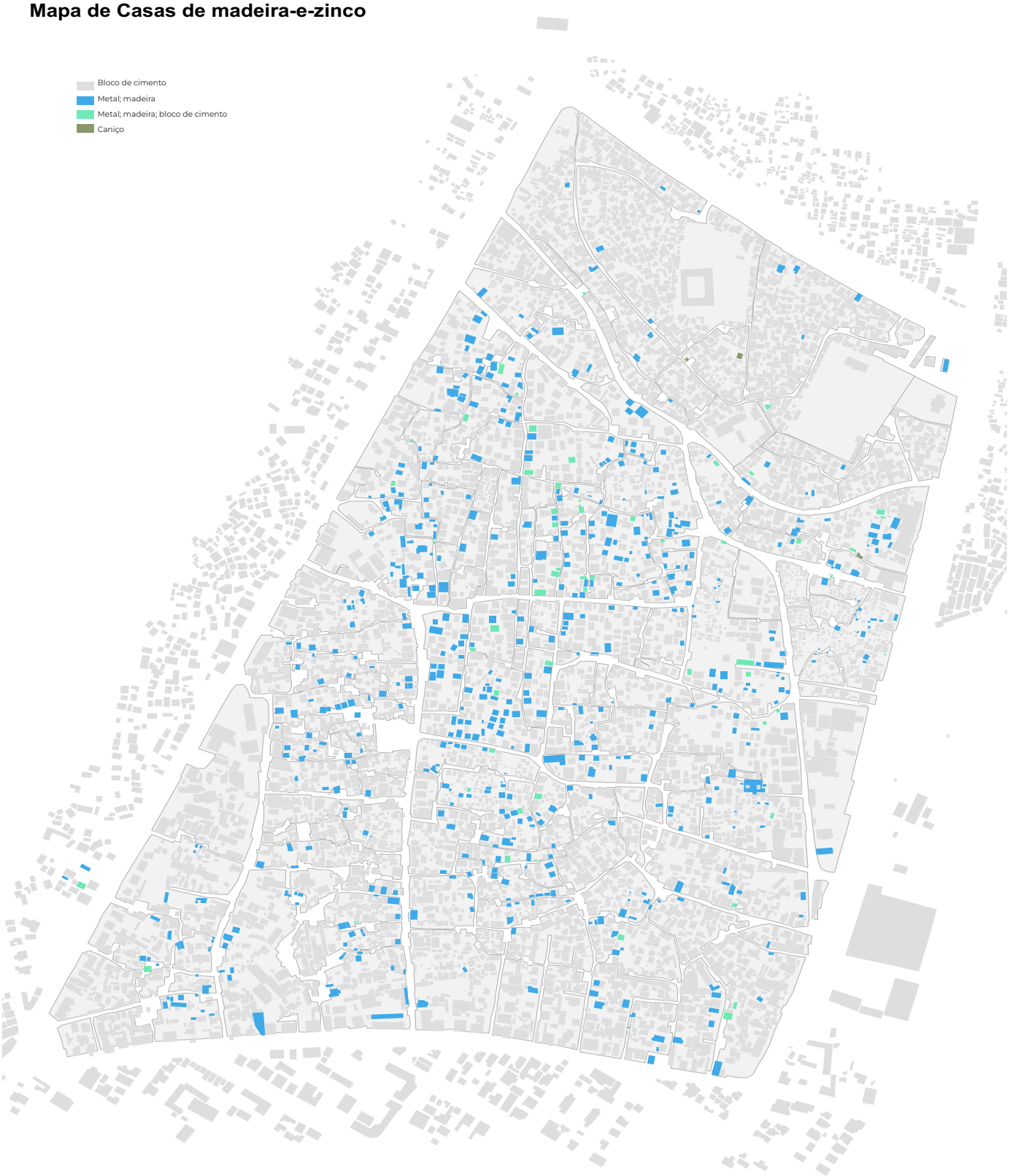


Fig 49. Mapa Casas de madeira e zinco
Fonte: #MapeandoMeuBairro.

Casos de estudo


NOBRE










COMPRA
FERROS
SUCATA



















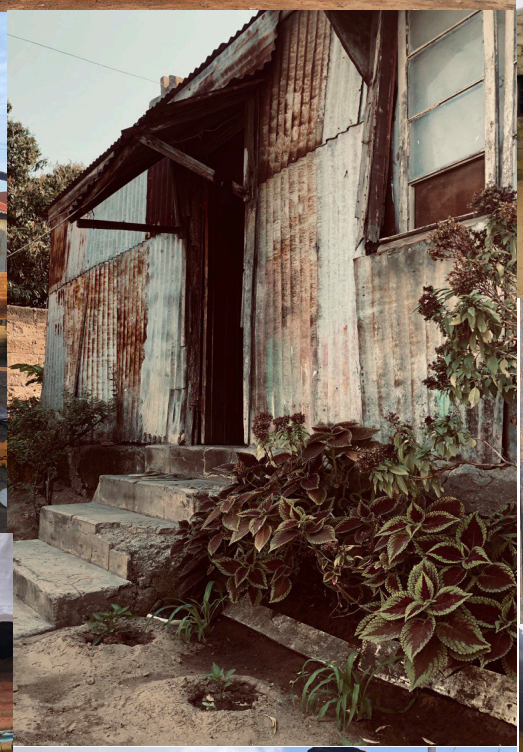


















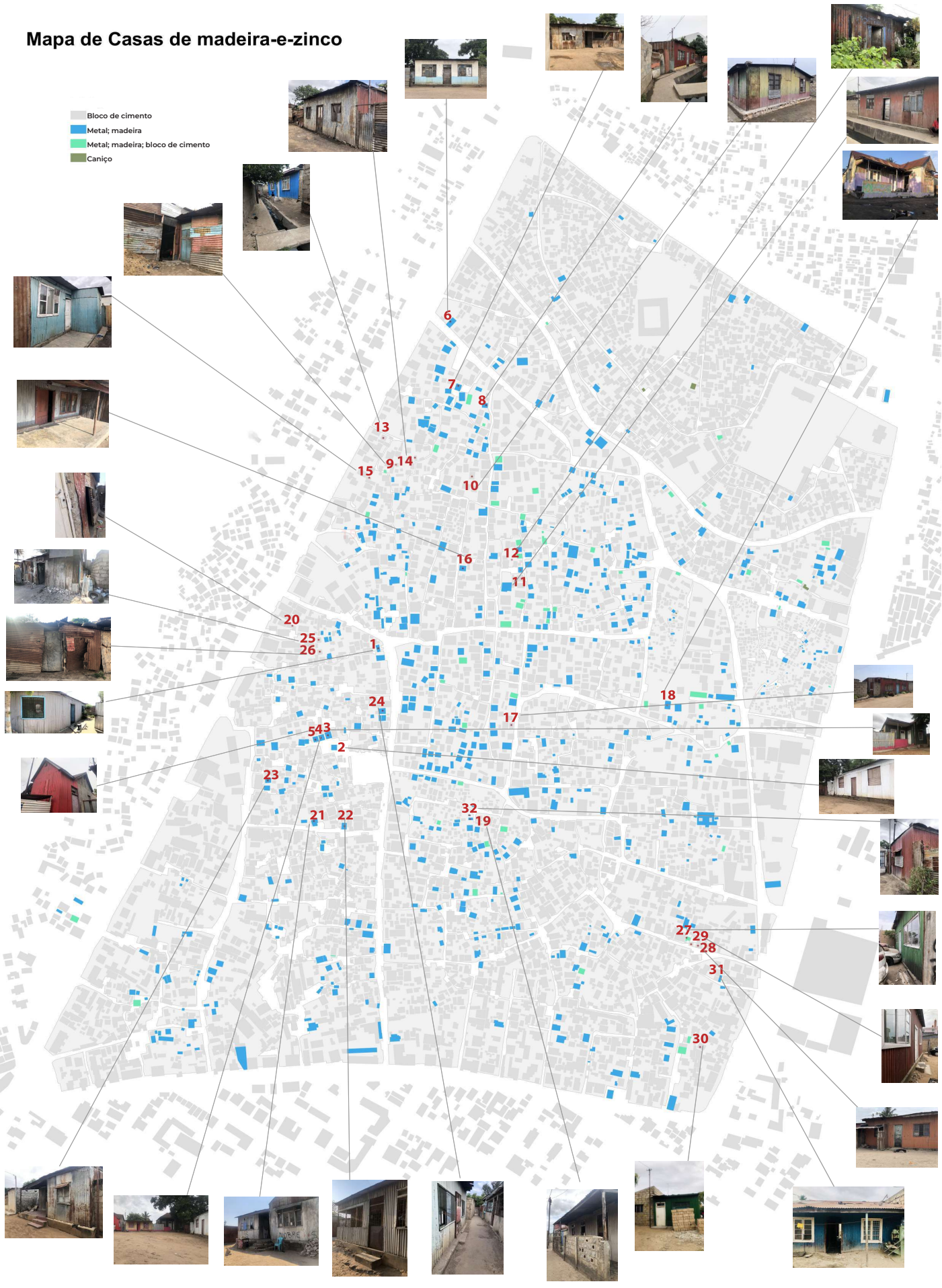



Fig 50. Mapa das casas de madeira e zinco
Fonte: #MapeandoMeuBairro.
Ediçao de Autor

1 - Família Tembe Caboza;
2 - Família Panachande;
3 - FamíliaCaleano;
4 - Família Mafo;
5 - Família Bila;
6 - Família Tobela;
7 - Família Vilanculos;
8 - FamíliaTembe;
9 - Família Mulima 1;
10 - Família Mana Flavia;
11 - Família Sifo;
12 - Família Novunga;
13 - Família Remel;
14 - FamíliaMulima 2;
15 - Família Sadique;
16 - Família Muchanga 1;
17 - Família Cossa;
18 - Família Libombo;
19 - Família ao lado da família Cheia;
20 - Família Pinto;
21 - Família Caleano;
22 - Família Caleano;
23 - Família Magaia;
24 - Família Bacar;
25 - Família Malo;
26 - Família Muchanga 2;
27 - Família Macuane;
28 - Família Mohamad;
29 - Cesar Cossa;
30 - Família Sive;
31 - Família Macuacua;
32 - Família Cheia.

Família Caleano







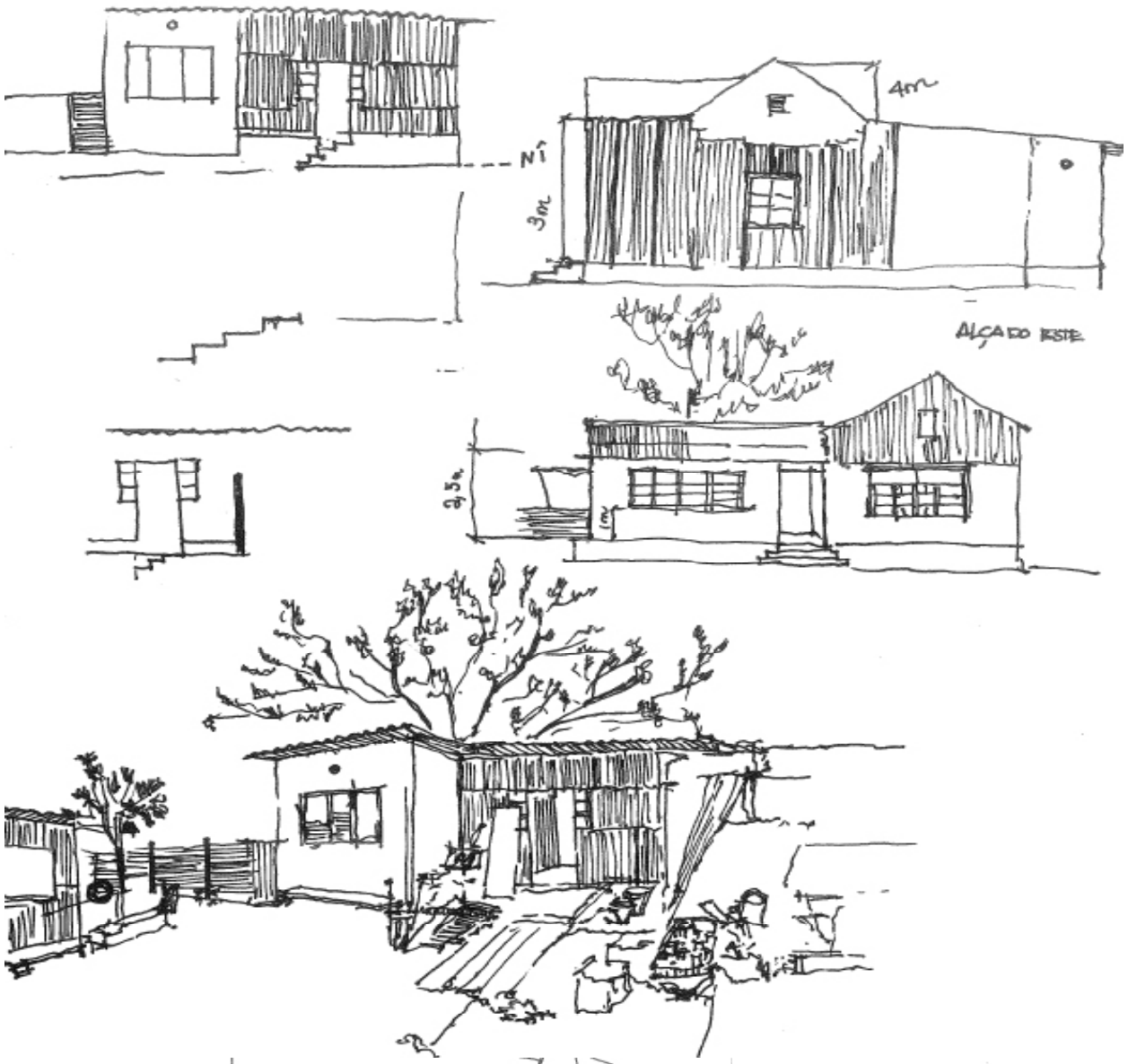


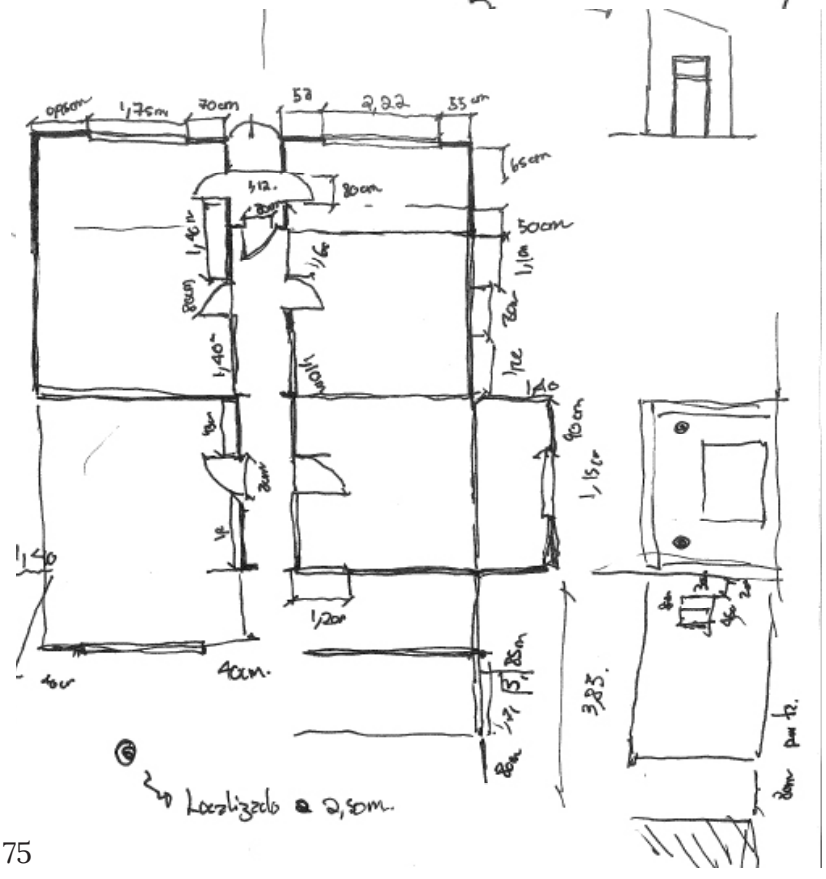
Fig 51.

Os Caleano, na altura, eram uma família que possuía grande parte das terras na Mafalala. Eles possuíam o que deveria equivaler ao quarteirão que envolve o campinho até a rua por detrás e a rua onde está o famoso Condomínio, que será objeto de análise, como afirma Teresa Caleano. A casa é feita em madeira e zinco, contudo há uma parte desta que é em alvenaria, o fato da casa ser mais vertical, possuir mais águas, mais cómodos e o uso de material permanente, assim como o interior em madeira, o trabalho que esta casa em no teto de um dos quartos, o que sugere que os proprietários deviam ter alguma posição social privilegiada na altura, assim como a localização da mesma.

Atualmente, a casa é alugada por cômodos, o que lhe conferiu o nome de condomínio, assim, fica mais difícil saber ao certo que uso se dava a cada espaço, contudo, pelo tipo de vão, e a dimensão dos espaços conseguimos identificar que os espaços com vãos maiores eram as salas, porque elas apresentam maior área. Neste caso, o alçado frontal pertence às salas. A casa conta com um espaço exterior com uma porta de acesso a uma das salas que conta somente com o acesso exterior, o que sugere que este espaço pode ser um espaço polivalente, a segunda sala é acedida pelo mesmo espaço de chegada, mas conta com acesso pelo interior da casa também. Um corredor central que faz a distribuição dos programas, em que os cômodos de igual dimensão após a sala menor com o acesso apenas pelo exterior, são os quartos, seguidos em linha por uma cozinha exterior, mas que contém ainda vestígios de azulejos o que remete que esta devia ser interior, apesar de atualmente a porta não mais existir. Esta afirmação torna-se credível pelo alinhamento que a cozinha tem com o quarto maior que faz parte do alçado tardoz e a continuidade que esta tem com a parede que leva à casa de banho exterior feita em alvenaria que está a uma cota superior que o resto da casa. Este quarto é maior que os outros dois primeiros, o que sugere que devia ser o quarto principal.

Atualmente, boa parte da casa encontra-se em degradação, o que a salva tem sido o fato de estar assente em estrutura de alvenaria e a distância considerável da rua, o que a protege das inundações, entre outros.


4m
3m
ALÇADO ESTE
2,5m


1,75m
70cm
2,22
55cm
65cm
80cm
50cm
1,40
90cm
1,40
1,20
40cm.
3,85.
Localização @ 2,50m.

G.10.

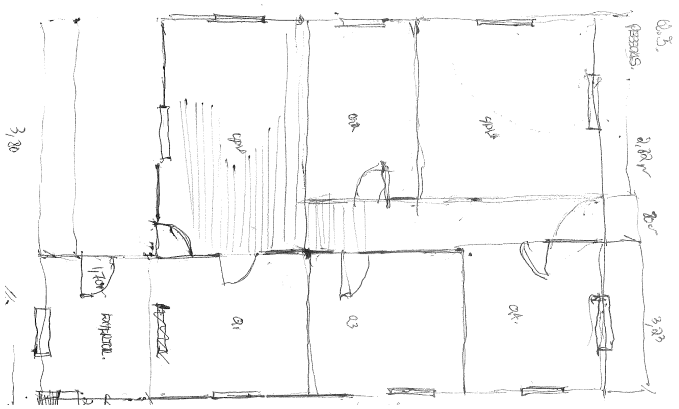
Família Bila









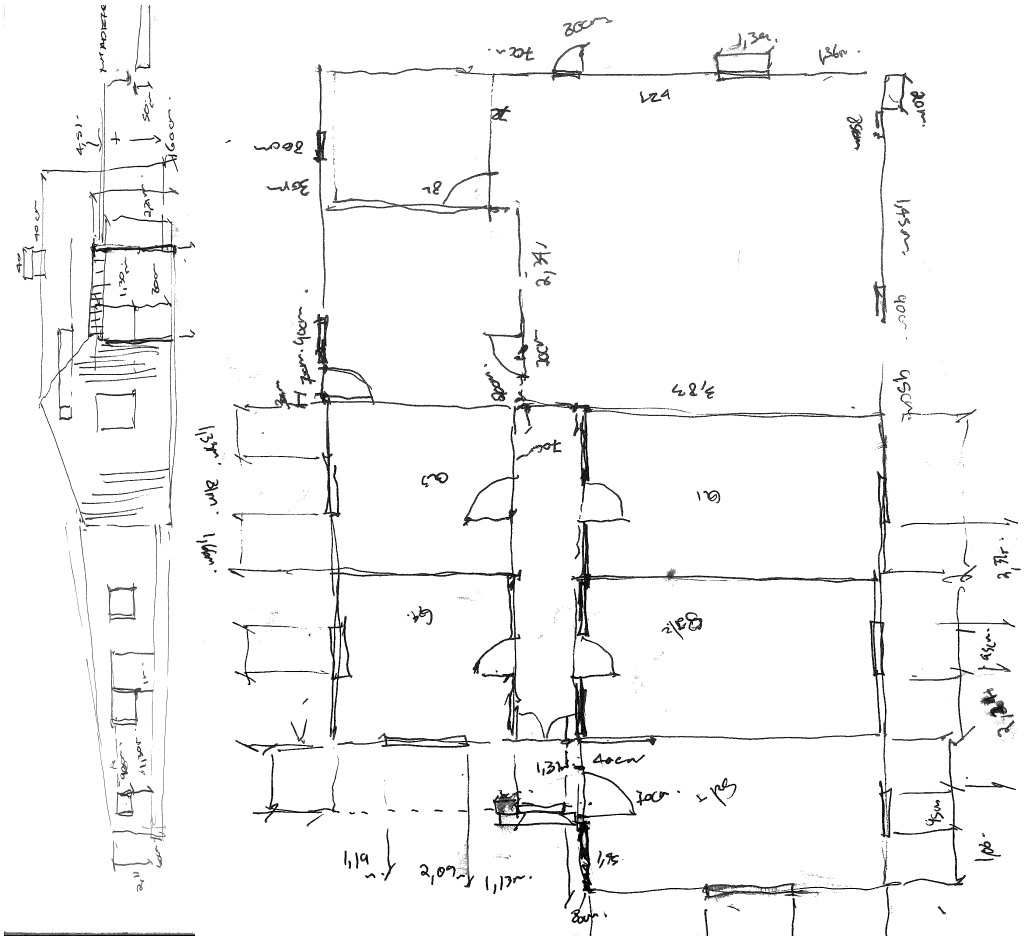






A casa da família Bila, localiza-se num espaço amplo, que pode ser chamado de praça. Este espaço serve como ponto de reunião e em muitos casos é usado como lugar de estacionamento, junto às casas da família Panachande, próximo ao campinho.
A casa está assente numa estrutura de alvenaria na parte frontal, contudo apresenta grande precariedade no alçado nascente, poente e sul pela degradação do zinco. No alçado frontal há uma varanda que dá acesso a uma sala polivalente acedida pelo exterior e pelo interior. Ao entrar na sala, no mesmo alinhamento da porta da entrada há um corredor que leva ao primeiro e segundo quarto, seguido do 4º quarto à direita e uma segunda sala à esquerda. Esta segunda sala era muito mais usada como apoio da cozinha exterior. A casa de banho nesta casa é exterior.

Família Libombo

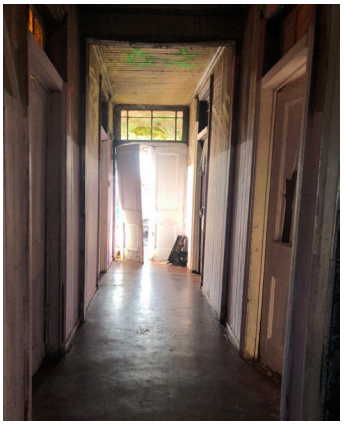






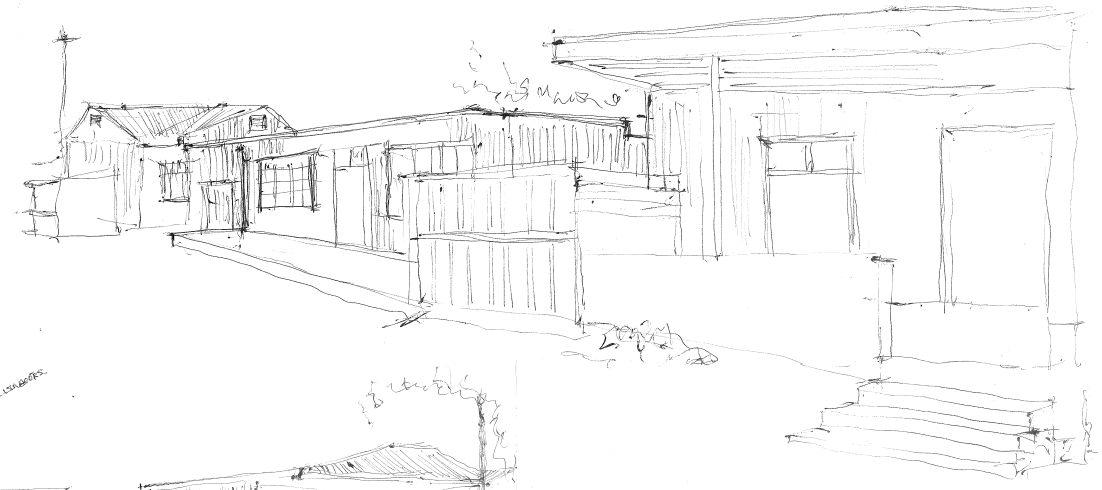


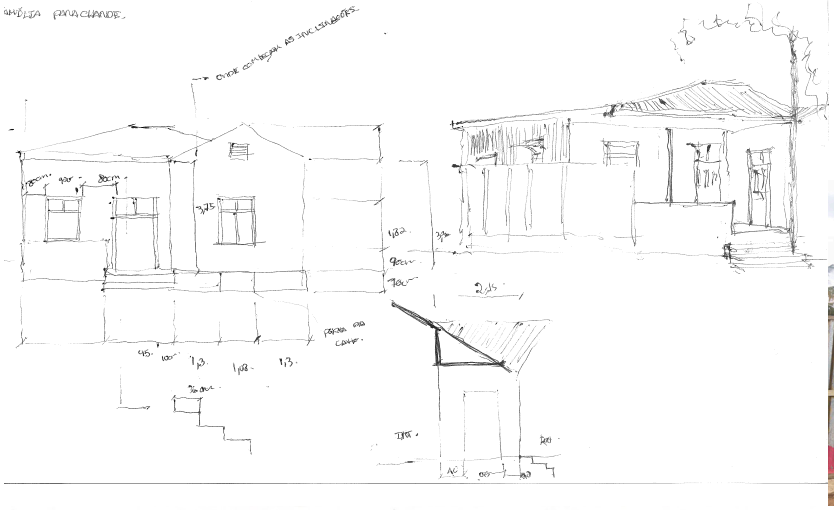




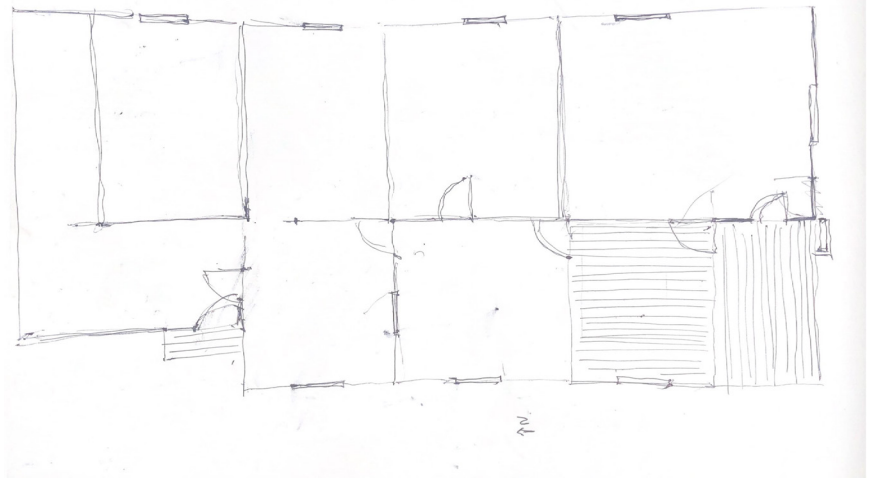
Das habitações analisadas desta tipologia, esta é a que tem maior área de ocupação, assim como o terreno ao redor que atualmente é usado como oficina de carros.
A casa assenta sob uma base de alvenaria que tem uma varanda apoiada em barrotes e a viga de betão projetada. Esta casa não é apenas de madeira e zinco, mas há partes nesta em que foi usada a alvenaria. Ainda na varanda, o cômodos polivalente com acesso apenas pelo exterior. Ao adentrar, do lado esquerdo, dois quartos seguidos, com dimensões similares, do lado direito uma sala, seguida de um quarto de dimensões maiores. Seguindo pelo corredor, a cozinha equipada do lado direito é um espaço amplo que dá a entender que era uma sala de refeições, uma sala de jantar. Logo, no mesmo alinhamento que o da cozinha, há uma casa de banho ampla e com ventilação.

Família Caleano







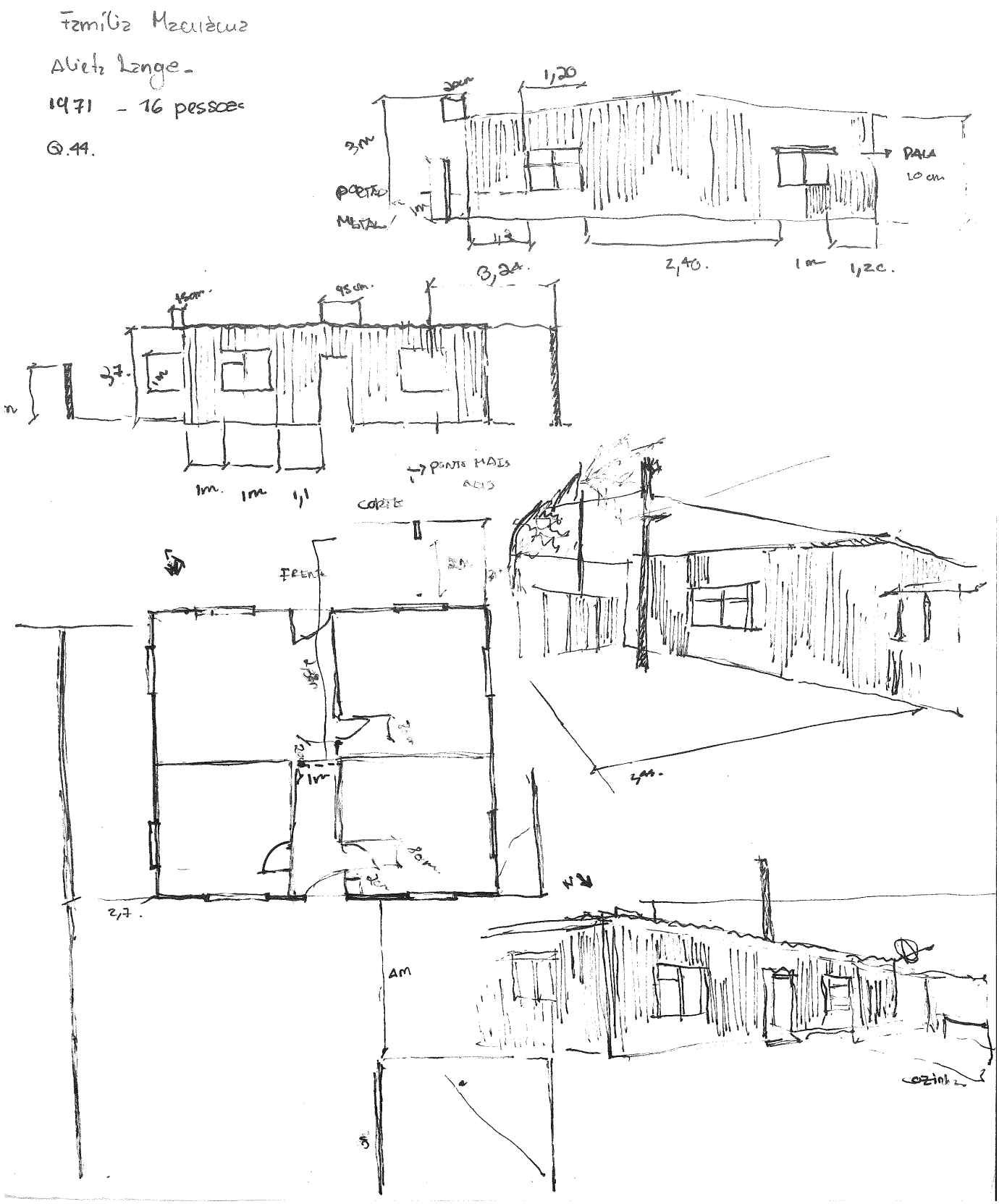




Localizada no espaço amplo do quarteirão 10, a casa dos Caleanos está assente em uma estrutura que a eleva e conta com um espaço de cave, ainda que baixo que segundo relatam, serviu de esconderijo do 1º Presidente da República de Moçambique, conforme mostra a foto onde existe a chapa de madeira e zinco de tonalidade diferente.
Ao entrar pela Varanda o primeiro espaço é a sala de estar e que leva a outro espaço que é o quarto, que tem acesso pelo exterior de igual modo. Ainda na sala de estar um corredor que leva a dois quartos opostos. O espaço seguinte ao final do corredor sofreu alterações de funcionalidades e transformou-se em sala de jantar à esquerda e à direita da cozinha. O resto do espaço foi construído recentemente, onde se acrescentou uma varanda e um quarto.



Família Macuane





A casa da Família Macuane localiza-se no quarteirão 31 e foi construída antes da década de 1965. Este modelo de construção, desde a quantidade de águas na cobertura, o número de cômodos, a verticalidade e materiais usados, pode se classificar como pertencente à classe média da época.
Esta casa tem duas águas e no total quatro cômodos e sendo feita em madeira e zinco, tem as paredes interiores feitas em alvenaria, alterando a configuração original em que seria a casa sem corredores em alvenaria, mas sim cada cômodo leva a outro.
As paredes da casa não contam com nenhum tipo de isolamento como o unitex ou contraplacado como observado nas situações anteriores e está assente numa estrutura alvenaria de aproximadamente 15cm de altura. Podendo esta ter sido maior anteriormente e com o movimento de terras ao longo do tempo a casa fica mais soterrada.



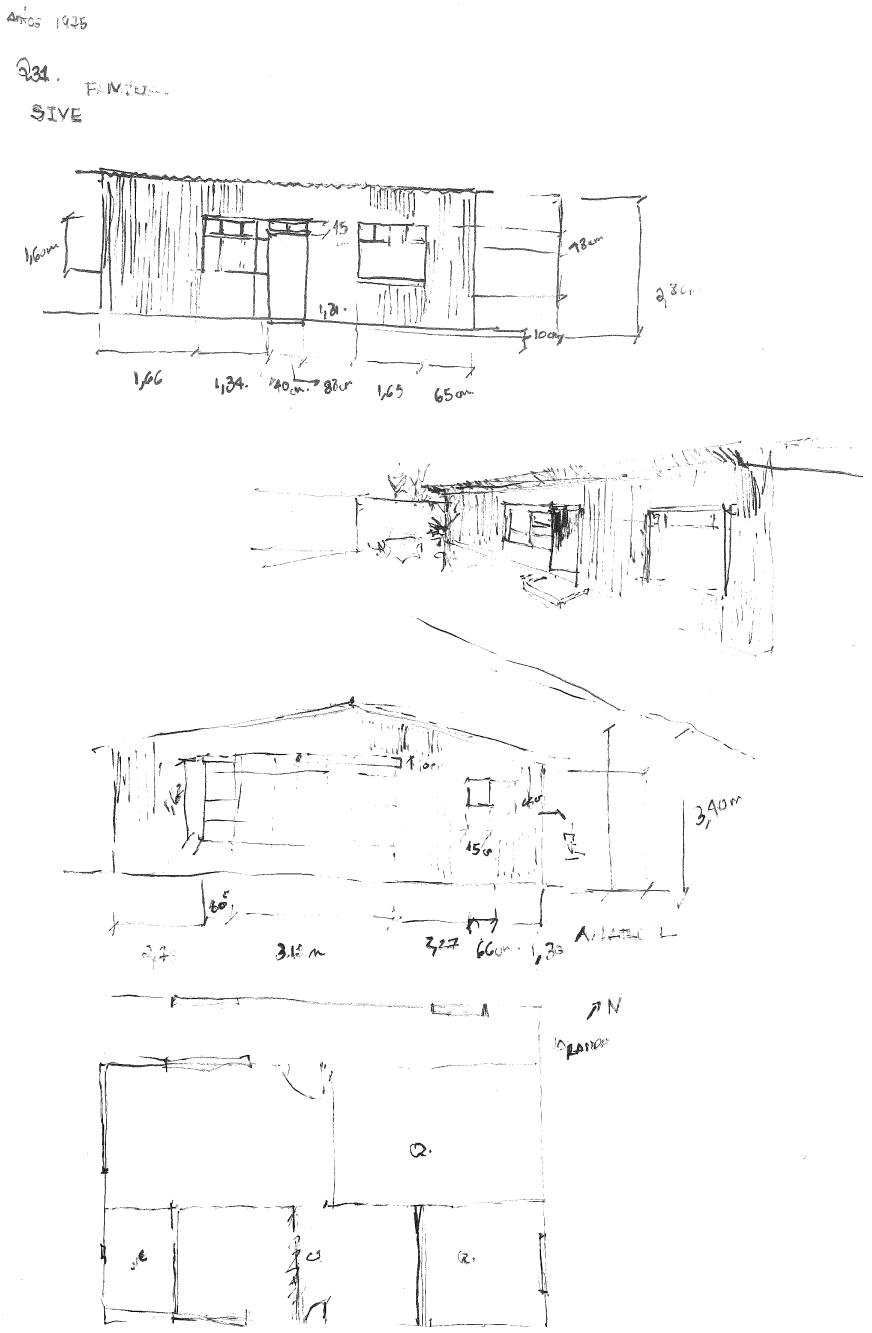
Ao entrar, a sala de jantar à direita, que dá acesso ao 1 quarto, no mesmo alinhamento da porta da entrada, outro acesso sequentemente dá acesso ao 2º quarto. A cozinha é exterior, no espaço coberto que existe, que funciona como espaço de lazer de igual modo. A casa de banho é exterior. Esta casa conta com anexos feitos a posterior, muitos destes servem como fonte de renda, pelas dificuldades econômicas enfrentadas.







Família Sive



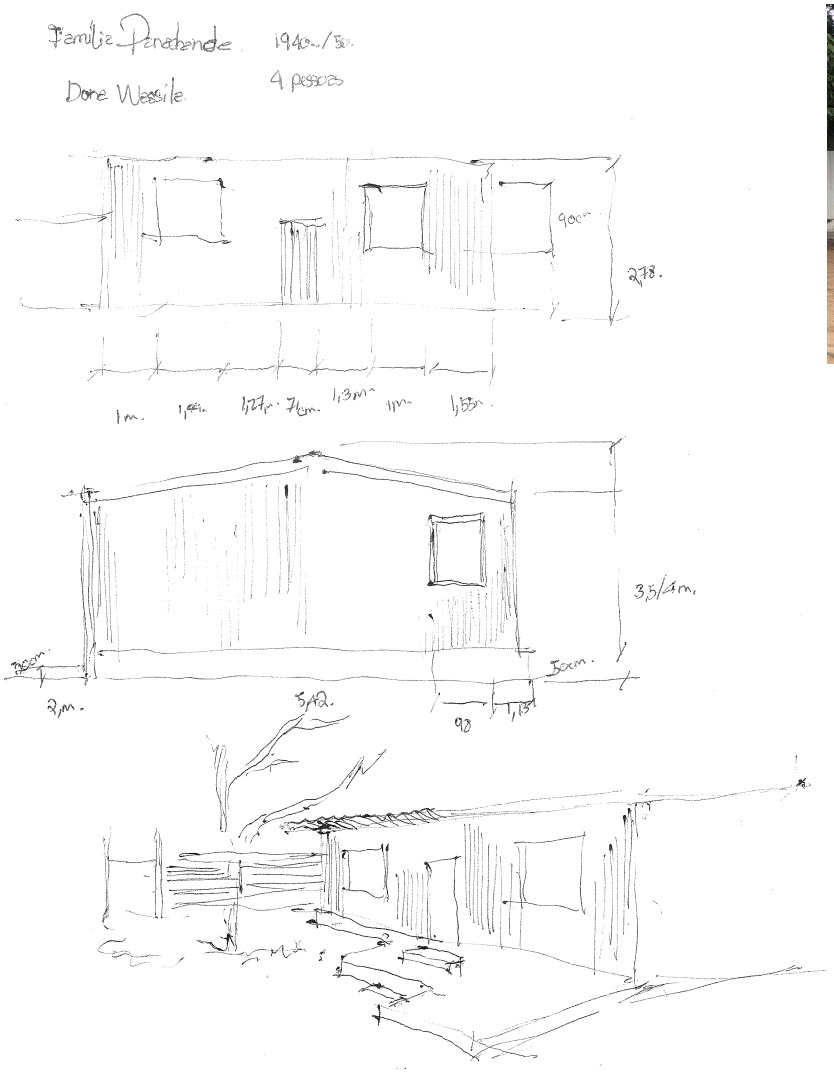






A habitação tem duas águas no seu modelo original, mas de momento encontra-se em transição para a alvenaria cômodo a cômodo. Ao entrar na sala de estar que dá acesso ao primeiro quarto, seguido de mais dois quartos no mesmo alinhamento e uma sala ampla ligada à cozinha. De momento a casa não está no seu estado original pelas mudanças em alvenaria. Esta casa conta com uma casa de banho exterior e ela dá acesso a outras casas. Estas situações são comuns uma vez que pela ocupação do solo vários acessos estão cada vez mais a serem fechados.

Família Panachande



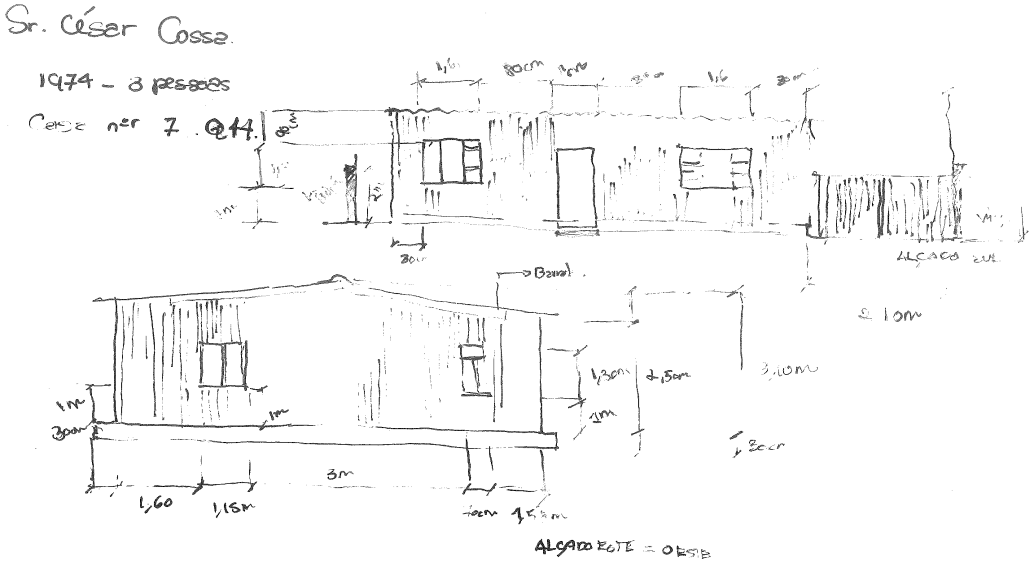




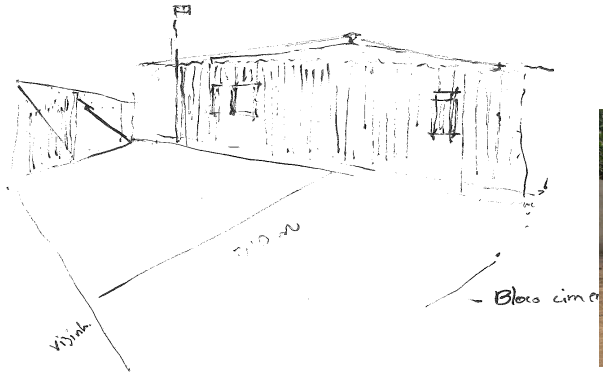


Construída entre 1940/1950, a casa da dona Wassila, chefe do quarteirão 1, conta com quatro divisões. Ao entrar pelo alçado tardoz, um corredor que separa a sala de jantar que serve de apoio a cozinha exterior do lado direito e do lado esquerdo o primeiro quarto. Ao continuar, a sala que tem leitura pelo alçado frontal e que dá acesso ao segundo quarto. Esta casa estava assente numa estrutura de alvenaria e de momento a dona Wassila reside mais na outra casa em alvenaria que construiu no mesmo terreno.

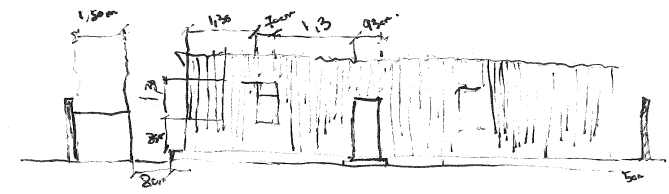
Família César Cossa









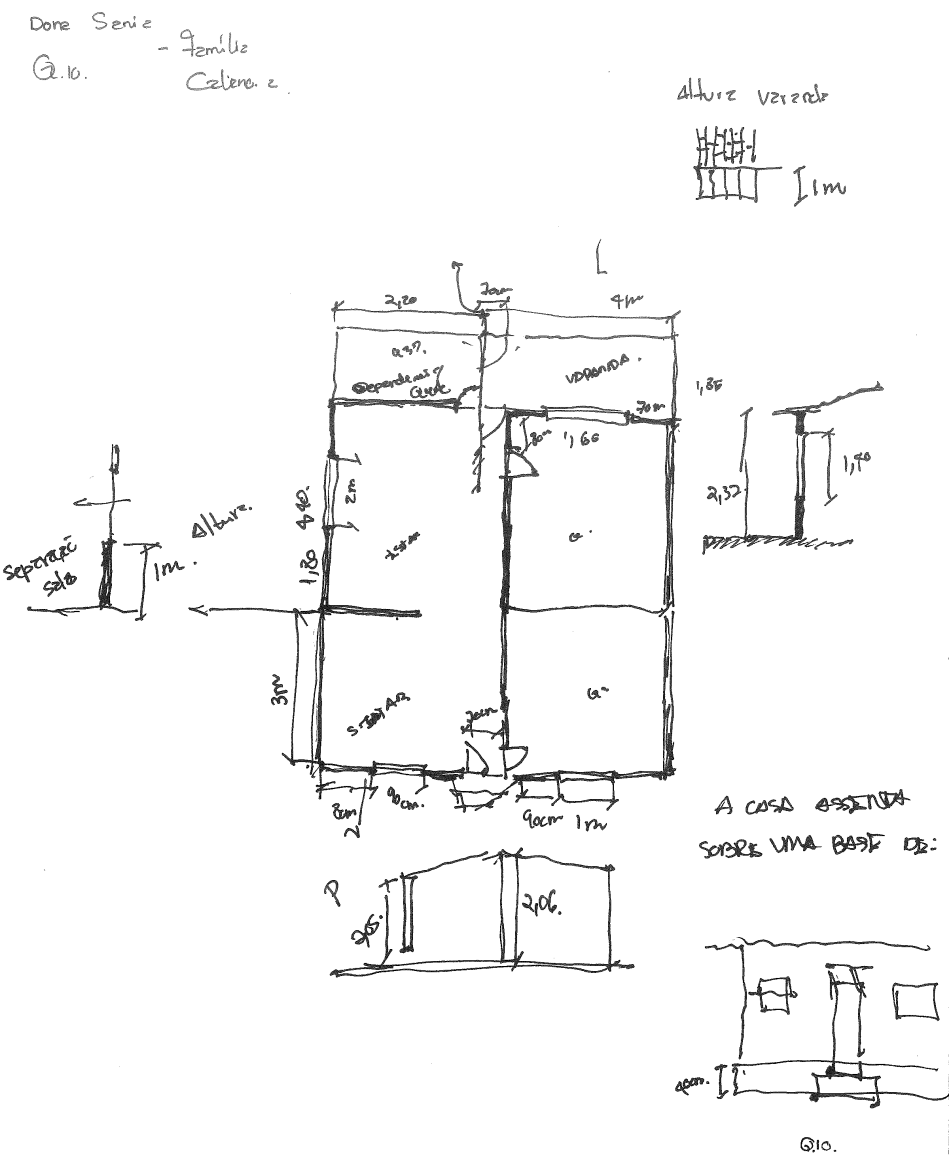




Esta habitação tem duas águas e está assente em alvenaria, as suas divisões internas são em alvenaria, enquanto o exterior em madeira e zinco. Ao entrar na casa pelo alçado frontal a sala de estar que dá acesso ao primeiro quarto e que leva ao segundo quarto e consequentemente a segunda sala que funciona como cozinha ou apoio a cozinha. No exterior dois anexos em que o primeiro serve como fonte de renda e ao segundo como casa de banho exterior.



Família Caleano



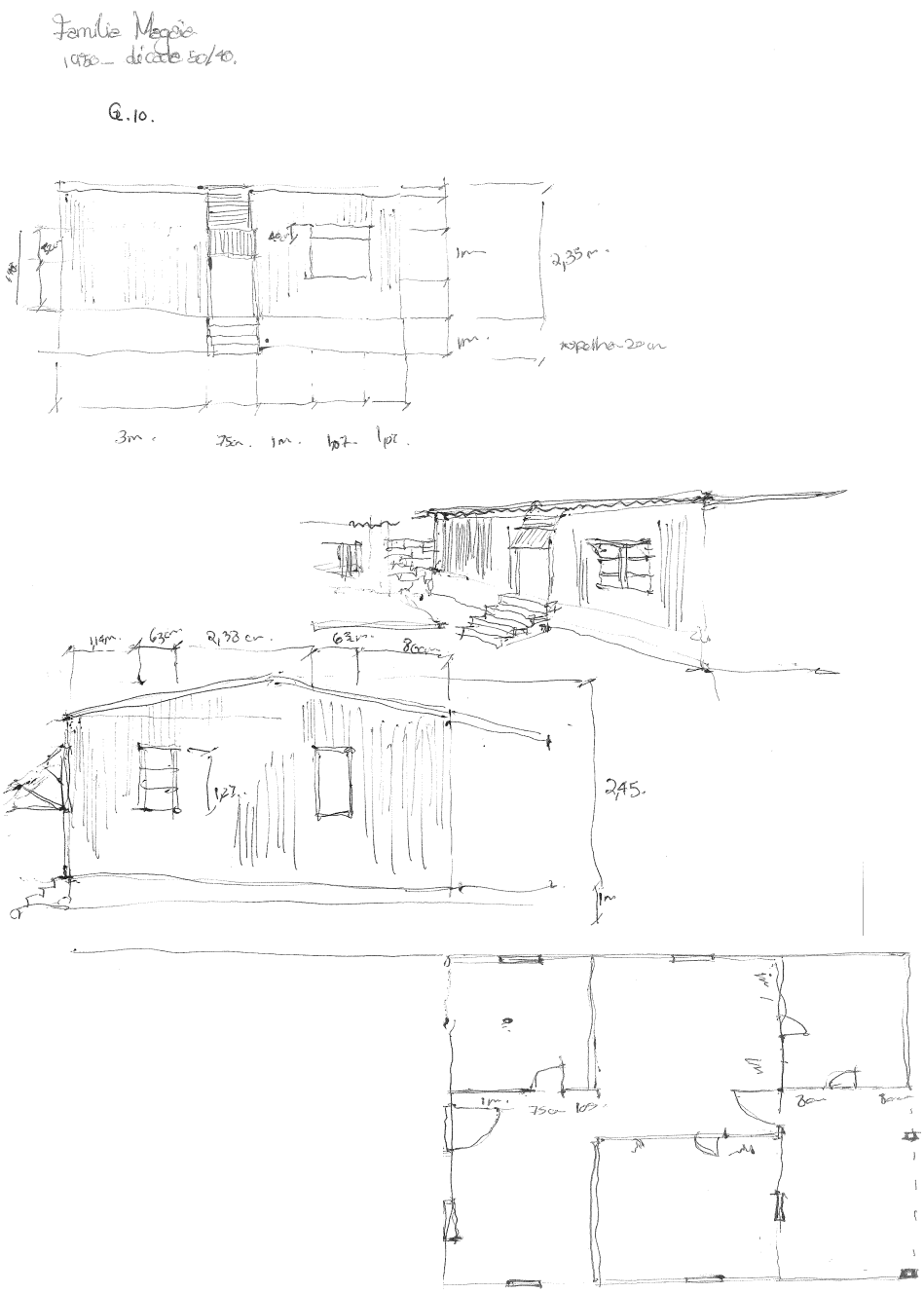






Esta casa localiza-se na rua da Mesquita, no quarteirão 10. Fazia parte das terras dos Caleanos. Pelo exterior aparenta uma certa simplicidade para a tipologia da casa, mas surpreende no trabalho que tem no interior. Acendendo a casa pela varanda há uma porta à direita que é, na verdade, uma sala polivalente, mas que neste caso a dona Sania disse que armazenavam alguns utensílios domésticos, alimentos, entre outros.
Ela explica que em algum momento já teria servido de quarto. Este cômodo é acessível pelo interior da varanda e da sala. A sala ocupa quase metade da área útil da casa, sendo separada por um dispositivo em madeira com aproximadamente 1,2m, acompanhado pelos elementos laterais, assim como o horizontal, que servem para delimitar espaços, neste caso a sala de jantar que abriga um bocado da função de cozinha e de estar. No espaço à direita somam-se dois quartos. A cozinha, assim como a casa de banho, são exteriores.

Família Magaia











Esta casa é uma variação da tipologia base de quatro cômodos comunicantes, ao entrar um espaço coberto exterior que dá acesso ao primeiro espaço polivalente que tem acesso pela sala de igual modo, que tanto pode ser quarto quanto espaço de armazenamento.
Neste caso, atualmente funciona como quarto. A sala dá acesso ao primeiro quarto e no mesmo alinhamento a sala de jantar /cozinha no alçado lateral esquerdo que dá acesso ao segundo quarto. A casa conta com mais dois anexos em que um deles é um quarto exterior e o outro a casa de banho.



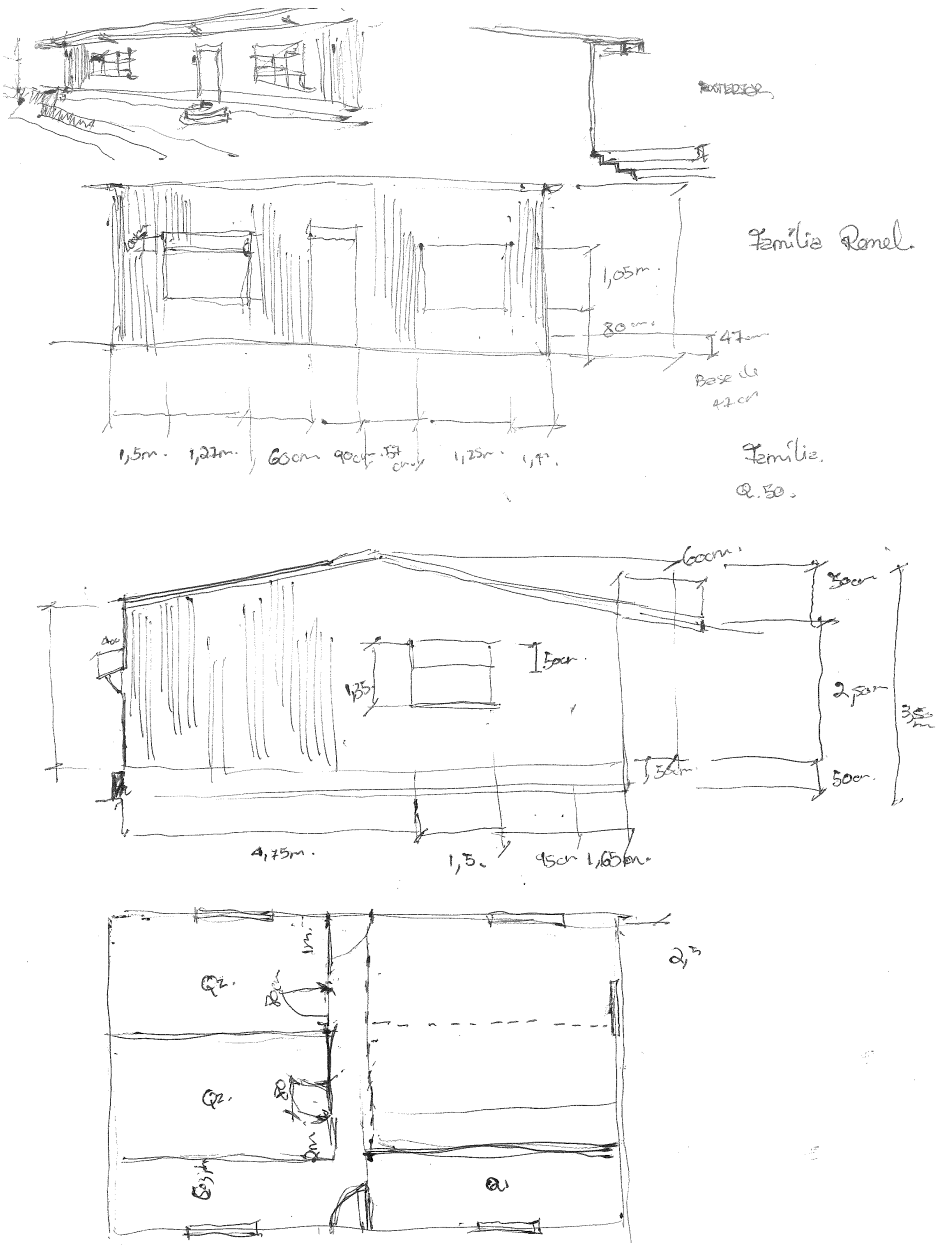
Família Remel





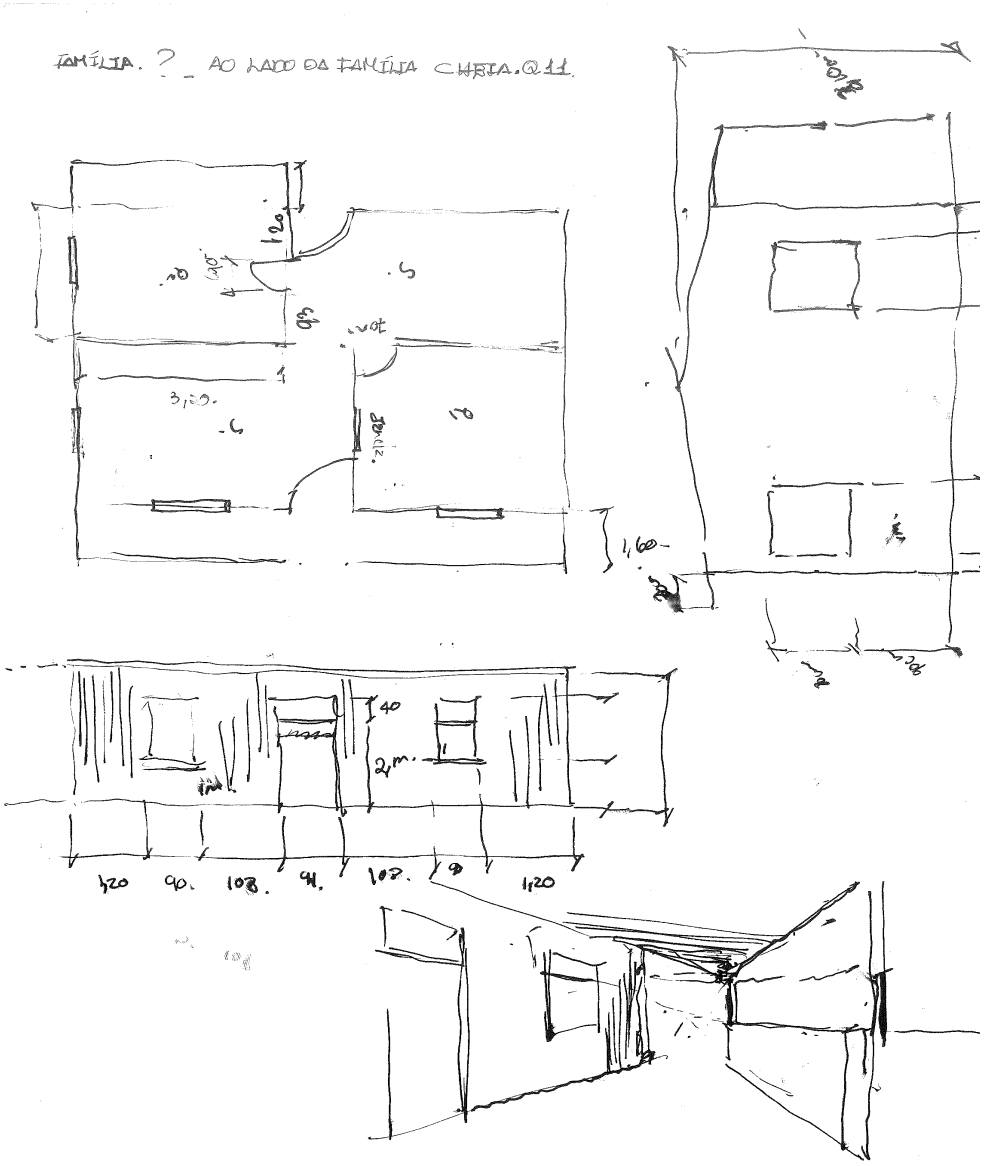






Esta habitação está assente em estrutura de alvenaria, o que ajuda bastante no aspecto da própria proteção do material da casa. A entrada é feita pelo alçado tardoz e pelo alçado frontal em que se entra diretamente para a sala de estar.
Do lado direito dois quartos que têm acesso a partir da sala e de seguida a cozinha no mesmo alinhamento e outro quarto menor no alinhamento da sala do lado esquerdo. A casa de banho fica no exterior.

Família ao lado da família Cheia





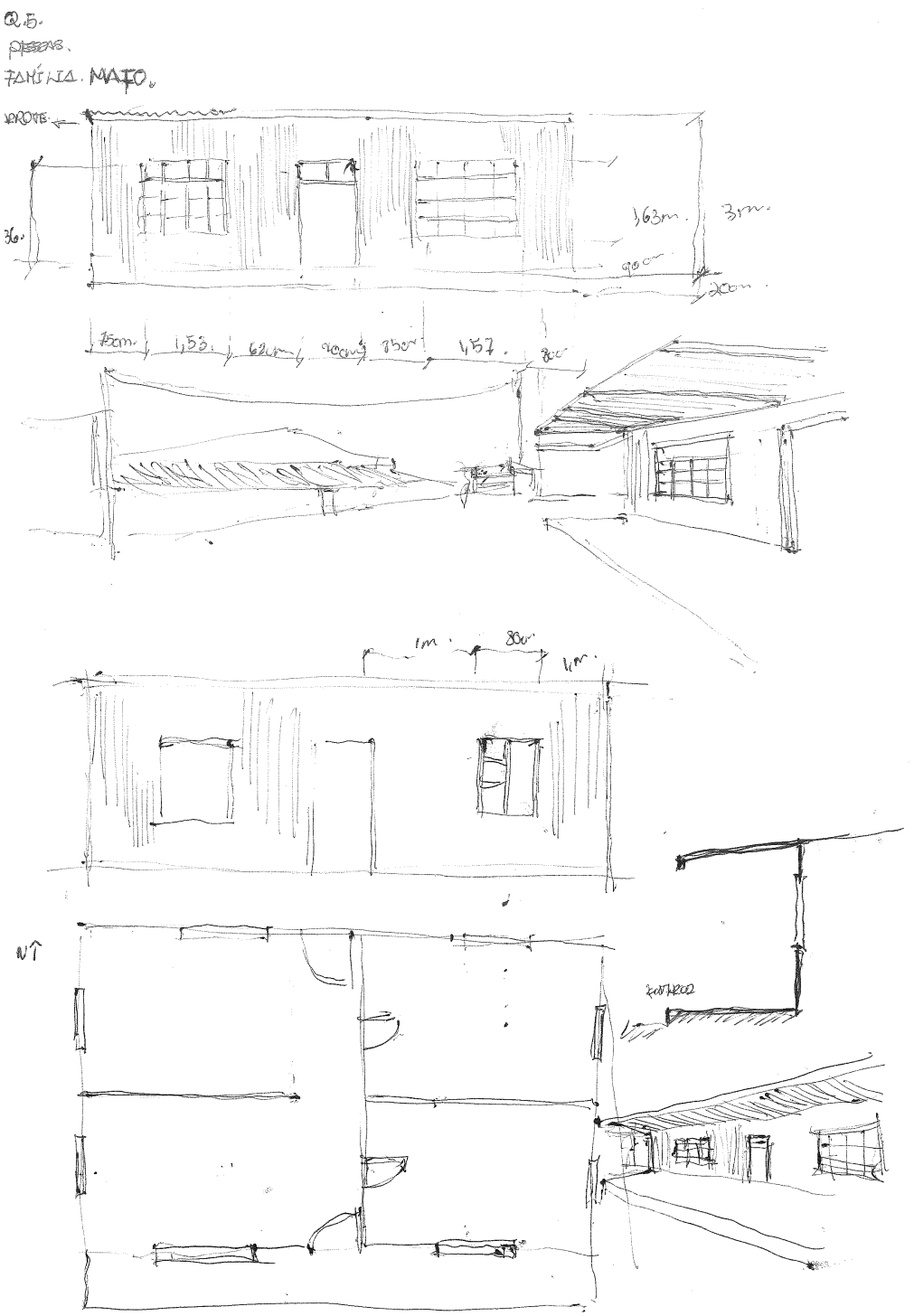






Esta casa apresenta um espaço coberto projetado com um murete em alvenaria, que não data da época, ao entrar a sala de estar que dá acesso ao primeiro quarto à direita, no alinhamento da entrada pelo alçado frontal, a porta da outra sala que serve como sala de jantar e cozinha no alçado tardoz e outro quarto.
Esta casa encontra-se em estado de degradação pelo desgaste e zinco, principalmente nos alçados laterais e tardoz.A casa de banho é exterior.

Família Mafo





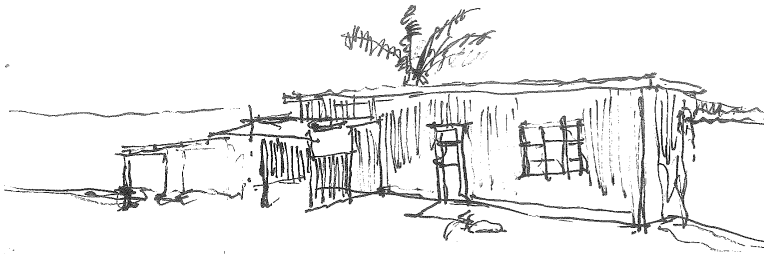


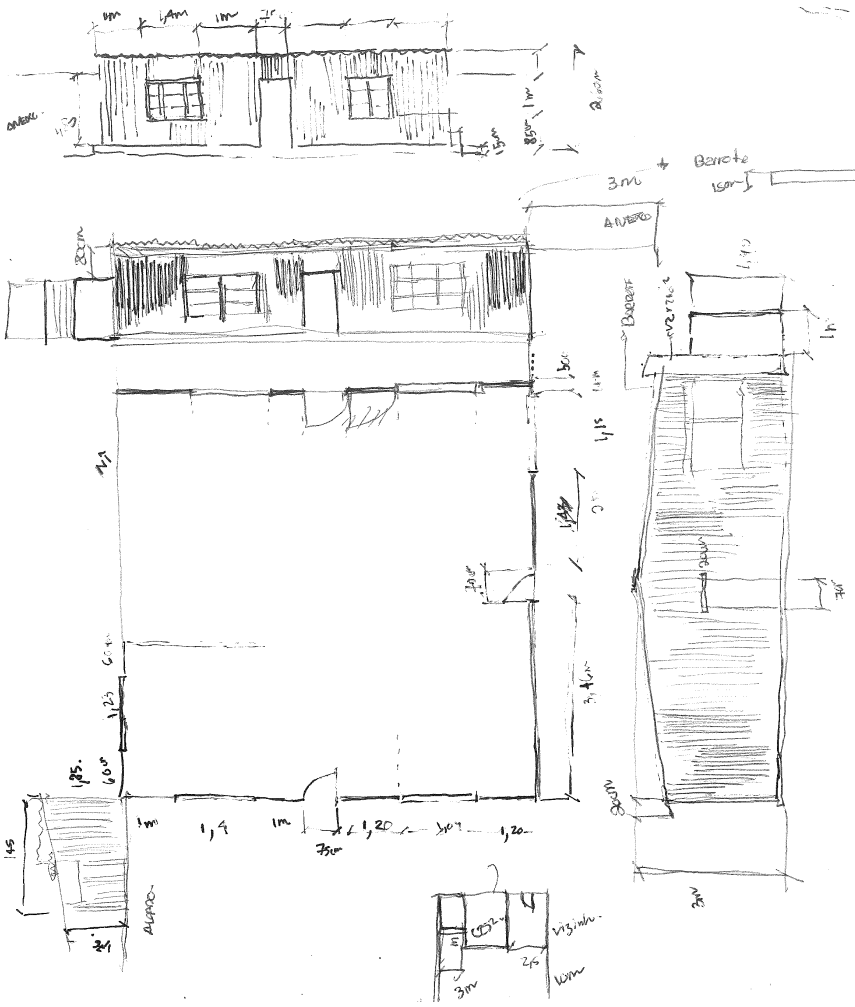


A habitação está localizada no lugar amplo junto ao campinho no quarteirão cinco. Há uma porta para o acesso pelo alçado posterior e o limite da propriedade é feito pela casa da família Bila a esquerda e a direita a casa tem o alçado lateral direito na propriedade da família Panachande. Ao entrar pela porta no alçado frontal, a sala de estar que dá acesso a um quarto à direita, de seguida uma outra sala de jantar e de apoio a cozinha exterior que dá acesso ao segundo quarto.



Família Mohamad







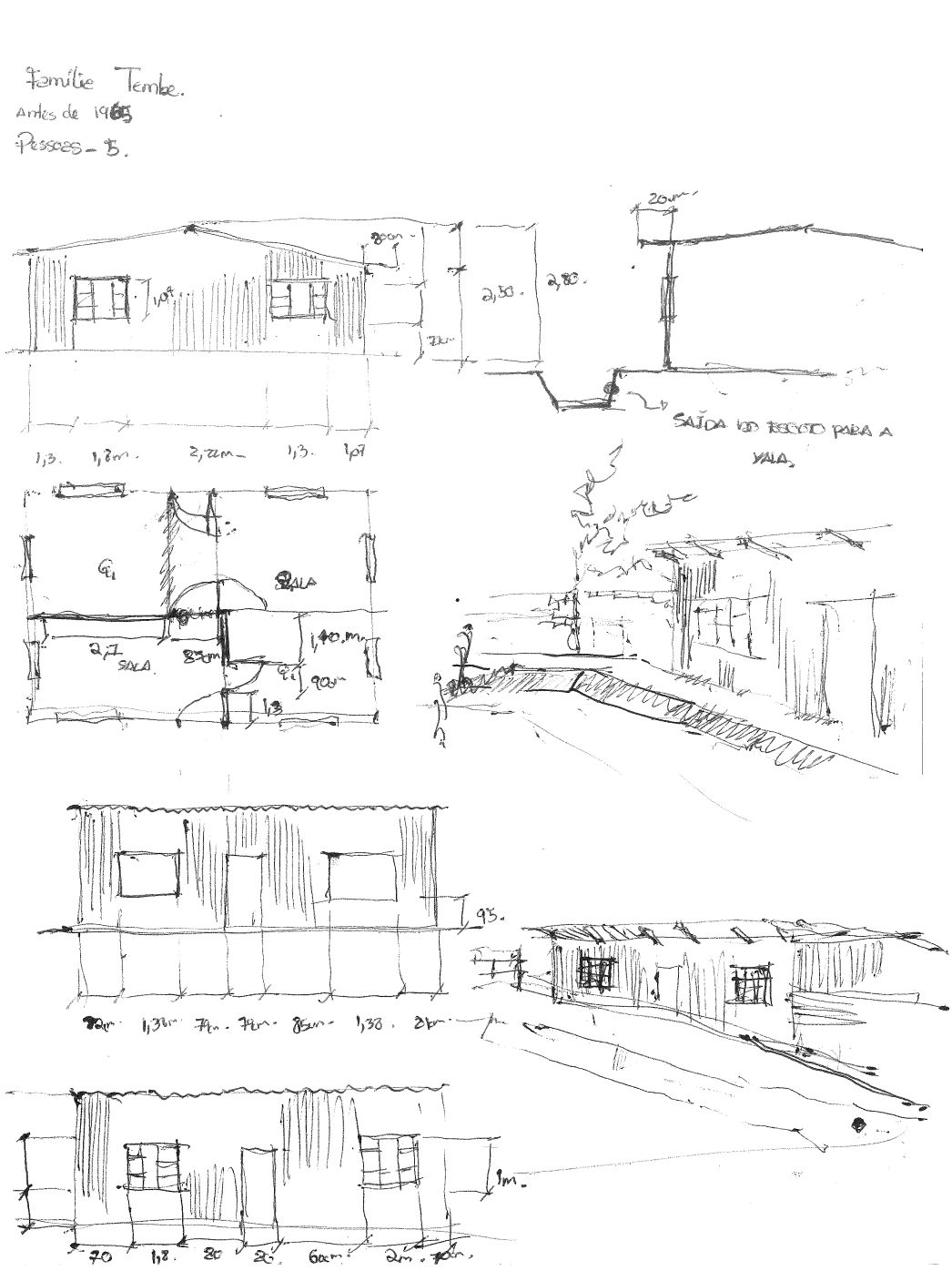






A habitação está assente em estrutura de alvenaria, porém, esta já não tem tanta expressividade, podendo ser pelos movimentos de terra, assim como pelos lençóis de água muito próximos. Nesta zona a terra tem sempre um aspecto húmido.
Tem cobertura de duas águas e quatro compartimentos. Entrando pelo alçado frontal a sala de estar e do lado o quarto, a seguir a sala de jantar ou cozinha que dá acesso a outro quarto. O lote tem dois anexos que servem como fonte de renda e casa de banho exterior.

Família Tembe







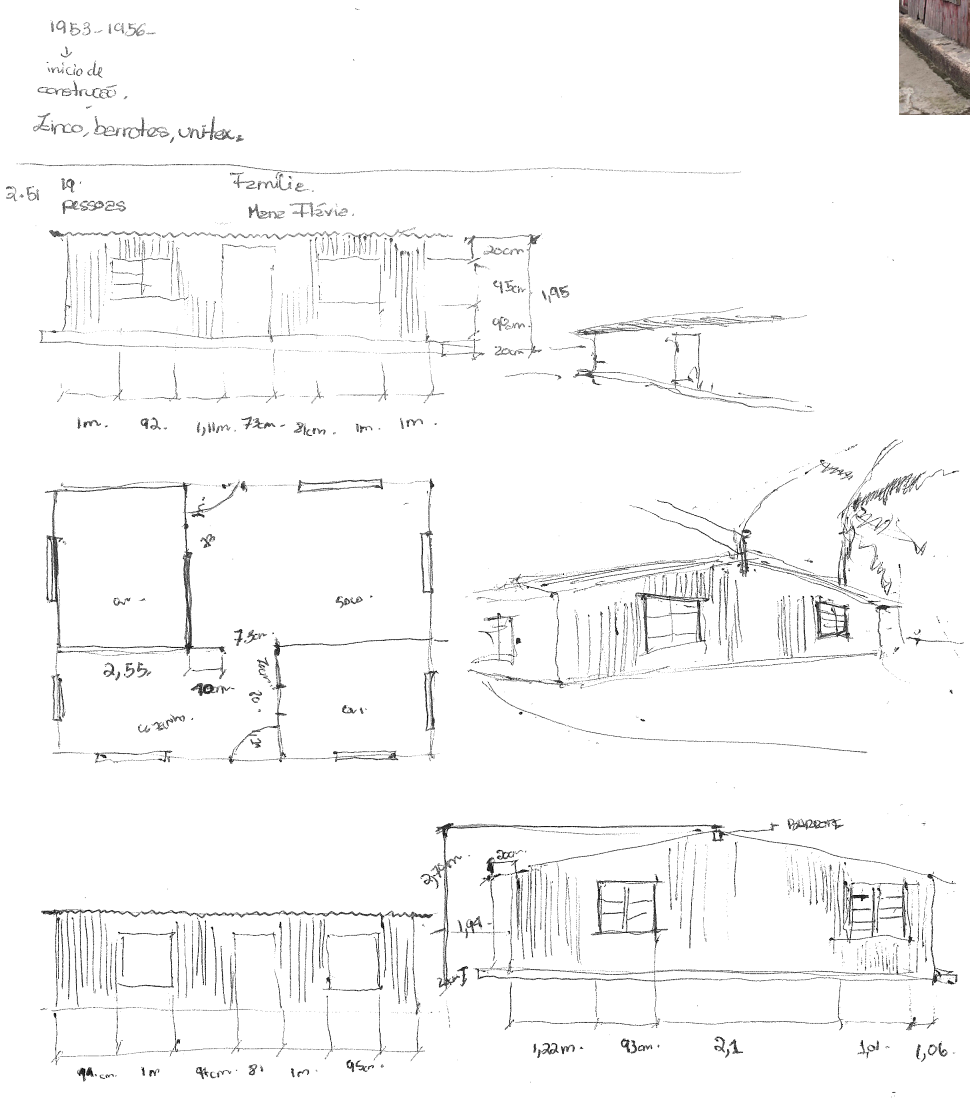




A habilitação tem quatro cômodos e vivem cinco pessoas nesta casa. De momento a parte da sala de estar e o quarto à direita no alçado Frontal encontra-se separada dos outros dois cômodos, a sala de jantar que serve como apoio a cozinha exterior e outro quarto no alinhamento da sala de estar.
Com cobertura de duas águas, a casa é revestida em unitex no interior, que ajudava na questão do isolamento térmico. O lote tem além da casa um anexo, uma casa de banho exterior.

Família Mana Flávia





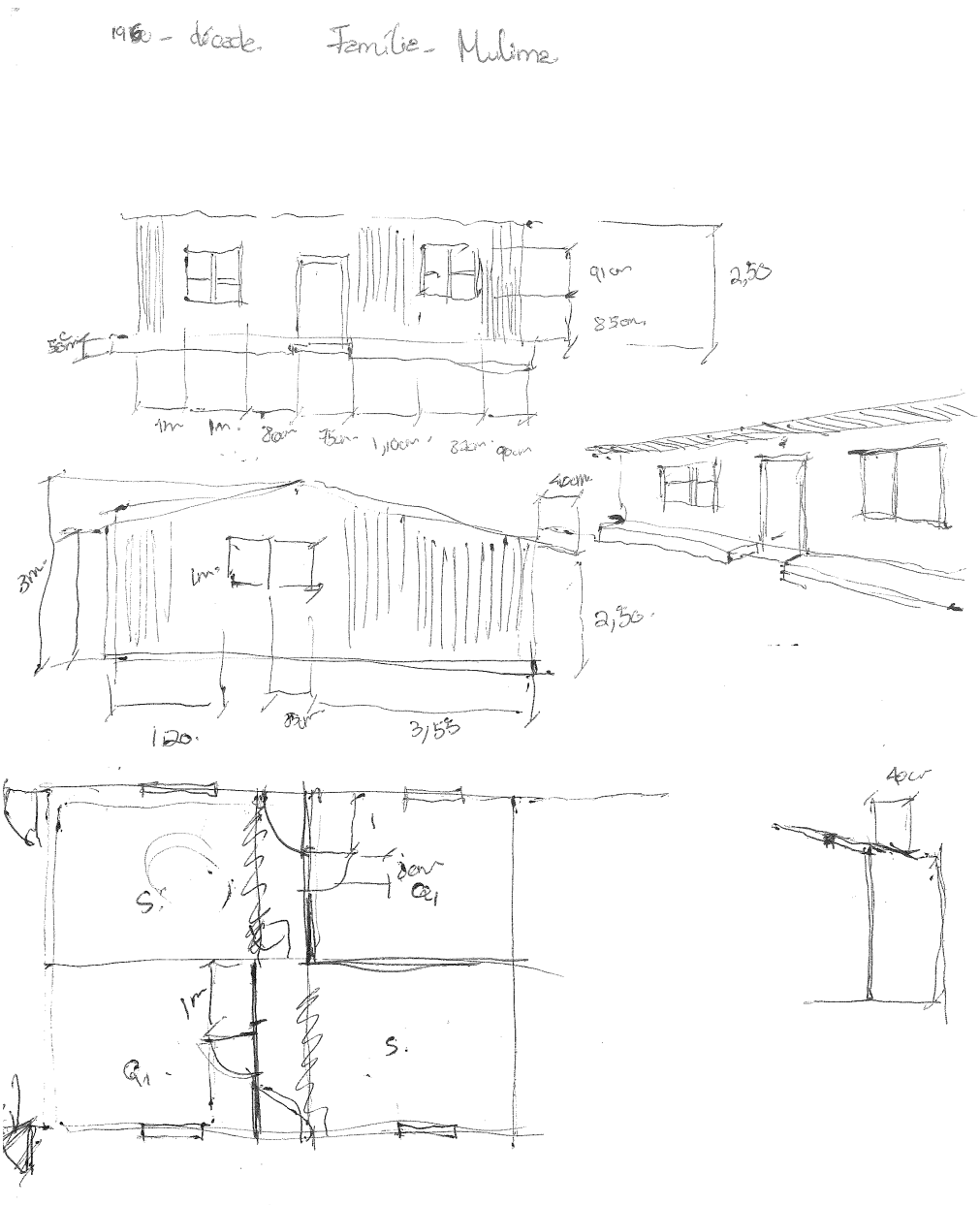






A casa da mana Flávia encontra-se num terreno com mais casas. Ao entrar, a sala de estar e segue o quarto à direita sem a separação por um corredor, e a seguir a sala de jantar ou cozinha que dá acesso a outro quarto. A casa não tem revestimento das paredes interiores e a casa de banho encontra-se no exterior.

Família Mulima 2





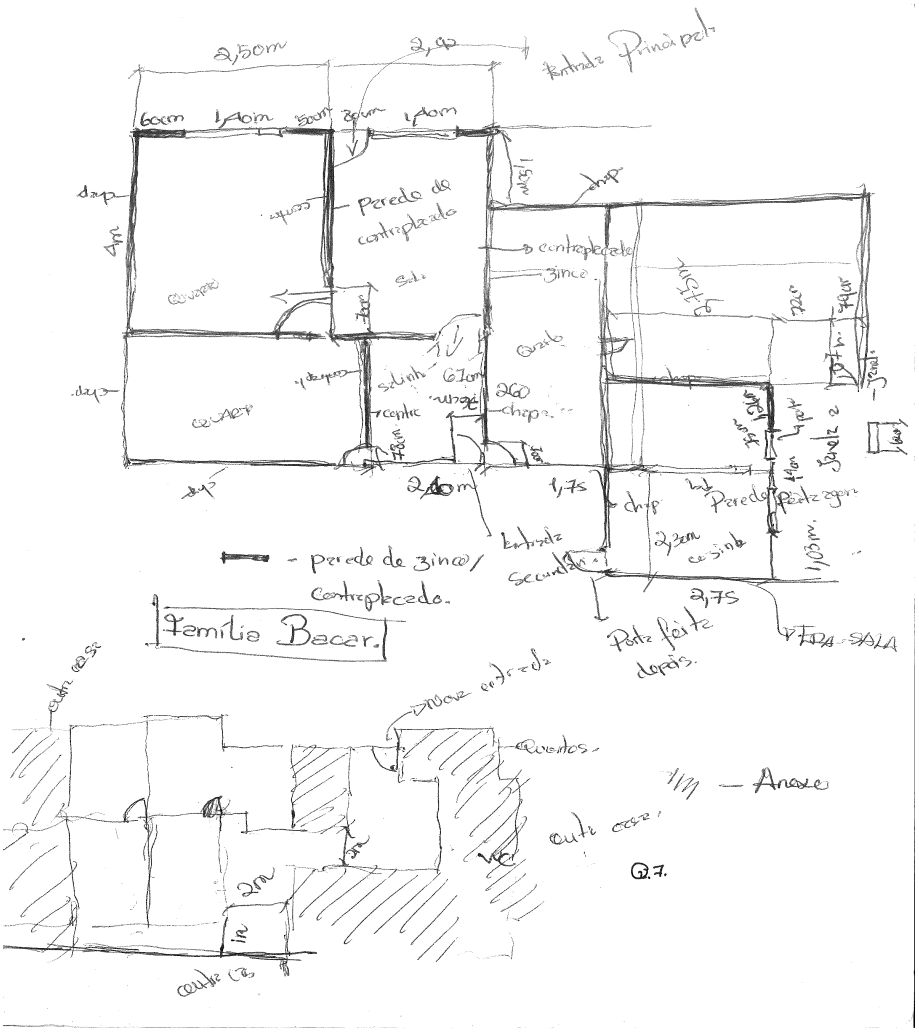




A casa da família Mulima encontra-se numa zona com os lençóis freáticos mais próximos, o que não favorece na conservação do zinco da casa, principalmente no alçado frontal.
No alçado tardoz a cota está mais baixa, o que permite com que a base de alvenaria proteja mais o zinco.
Ao entrar na sala de estar que dá acesso ao primeiro quarto prossegue-se a sala de jantar ou cozinha que dá acesso ao segundo quarto. A casa conta com uma casa de banho exterior e um anexo.



Família Bacar









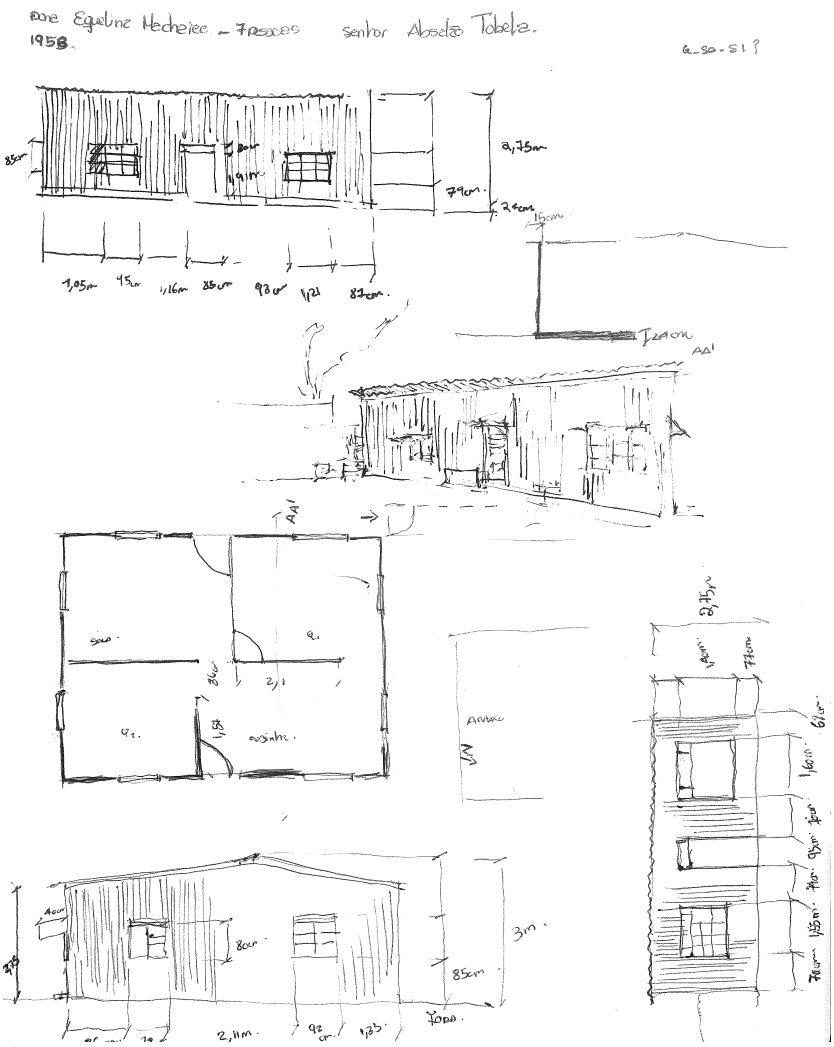
Esta casa apresenta alterações naquilo que é a estrutura organizacional da mesma. Ao olhar para o alçado frontal, ela revela-se como uma casa de quatro cômodos, assim como revela a primeira parte da casa. Os outros cômodos foram acrescentados, assim como a cozinha. Ao entrar entra-se para uma sala menor, que possivelmente era usada como espaço de refeições e de apoio a cozinha exterior, o espaço seguinte à esquerda um quarto.
A continuação da sala que reflete o alçado frontal e a seguir um quarto que tem acesso pela sala. A cozinha seria o corpo mais saliente e a casa de banho exterior. Esta casa ganha esta forma, pois foram sendo acrescentados cômodos, o que culmina em espaços muito apertados para o acesso da mesma. Por isso será apenas objeto de análise a tipologia inicial da casa.



Família Tobela







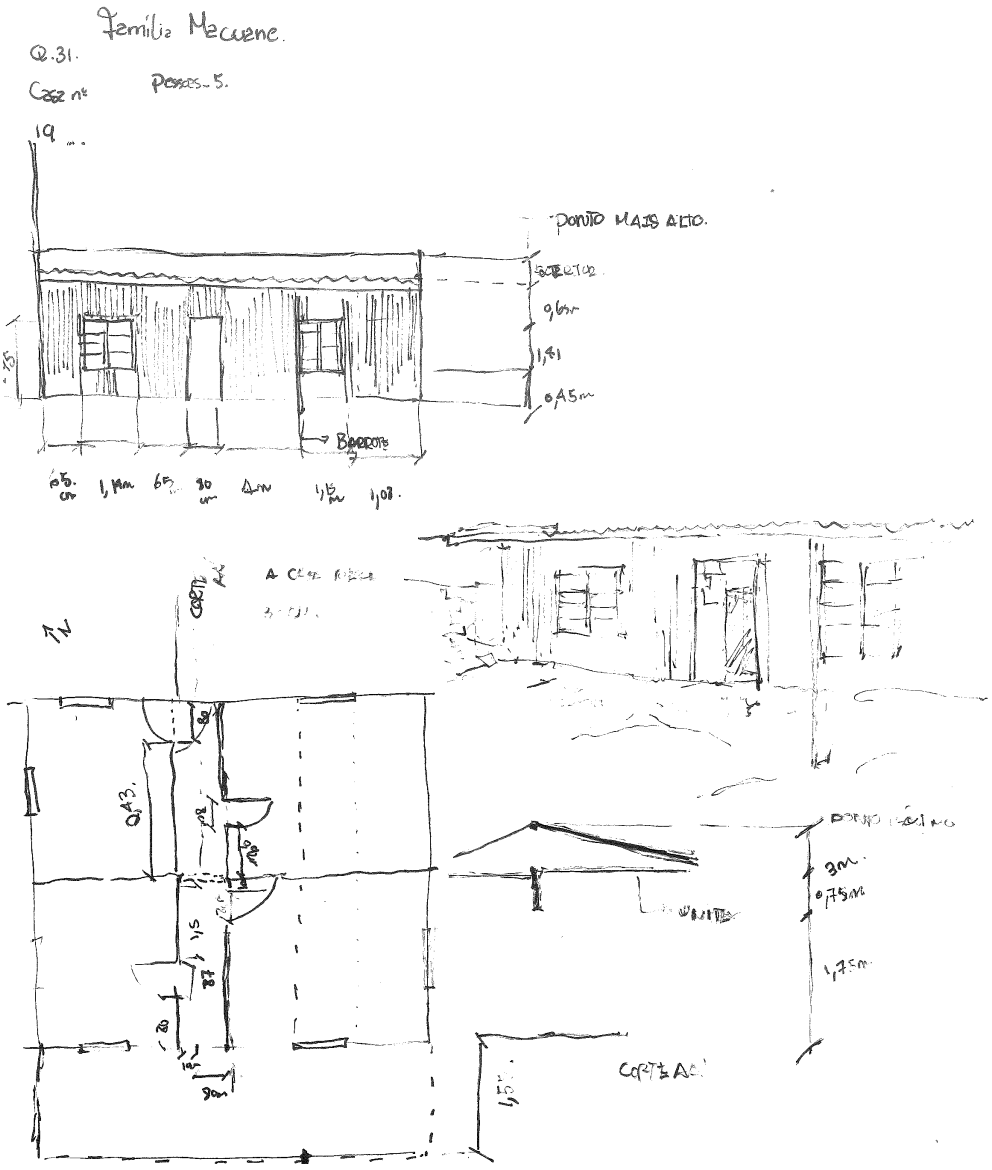


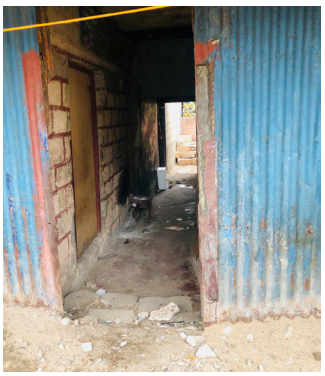


A casa do Sr. Tobela foi construída em 1958, esta é em madeira e zinco pelo exterior, porém atualmente o interior e em alvenaria. Ao entrar na sala de jantar que dá acesso ao 1º quarto a esquerda que faz o alçado frontal, e de seguida a sala de jantar ou cozinha que dá acesso ao segundo quarto. A casa de banho é exterior e a casa conta com um anexo.

Família Macuácua









Esta habitação está em transformação, tendo o exterior em zinco e o interior em alvenaria. Ao entrar, um espaço coberto que leva ao corredor de circulação, onde de momento todos os cômodos são quartos, exceto o último do lado direito pela alteração do programa. O alçado tardoz é usado para confeccionar os alimentos no fogão a carvão.A casa de banho é exterior.

Família Cossa

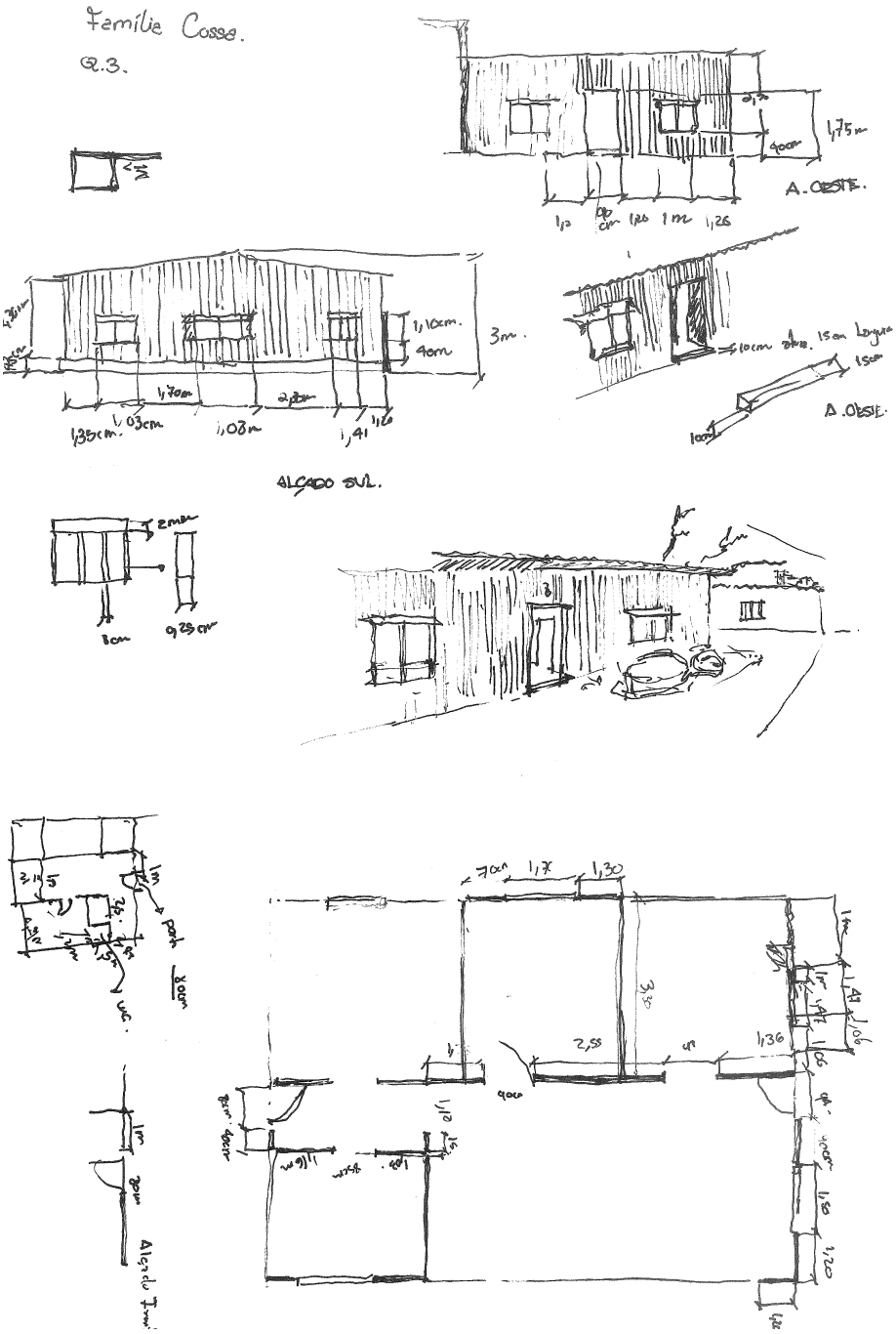






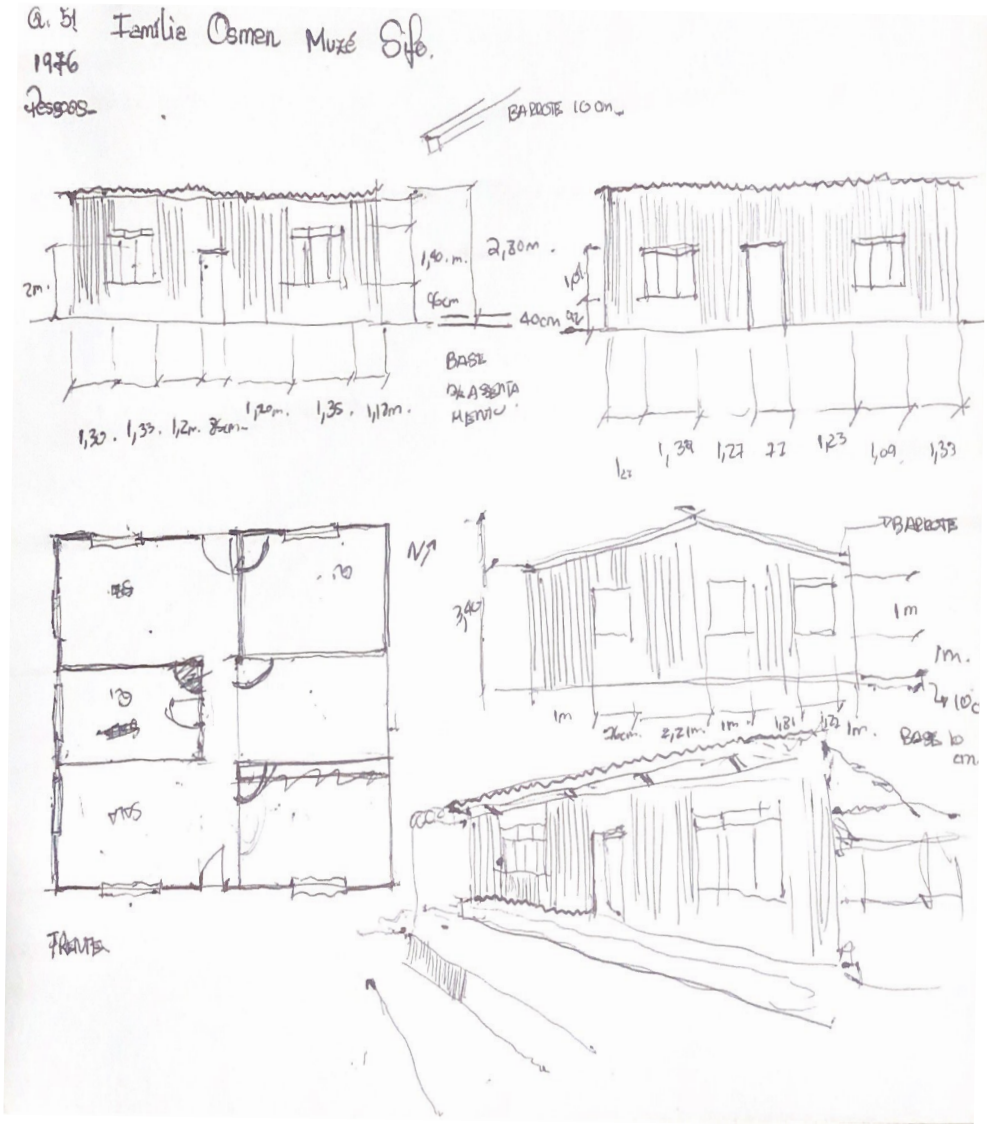






Esta casa conta localiza-se no quarteirão 3 e tem cinco cômodos. Entra-se pela sala de estar e à direita a sequência de três quartos até o alçado tardoz. A continuidade da circulação que leva a cozinha.
A cozinha é no exterior, assim como a casa de banho. A casa tem um anexo em arrendamento. Anteriormente as paredes divisórias interiores eram em madeira e zinco, mas hoje elas são em alvenaria.

Família Sifo





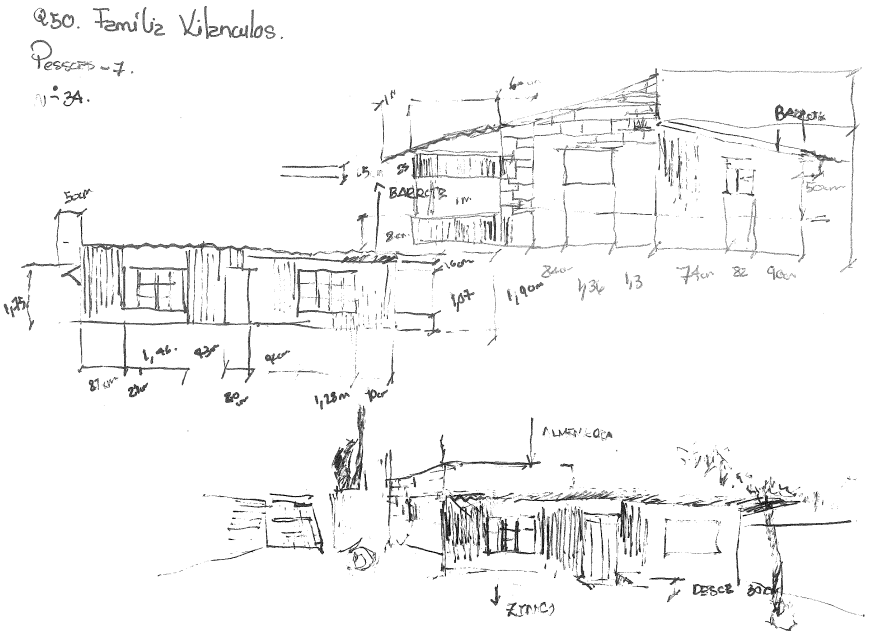






Construída em 1976, esta casa tem seis espaços distintos. Ao entrar, a sala de estar dá acesso aos três quartos alinhados à esquerda, ao continuar, mais um quarto e por fim a sala de jantar ou cozinha. Dada configuração tipo pelo número de águas e alçados desde tipo de casa, seguramente a configuração inicial desta casa foi alterada.

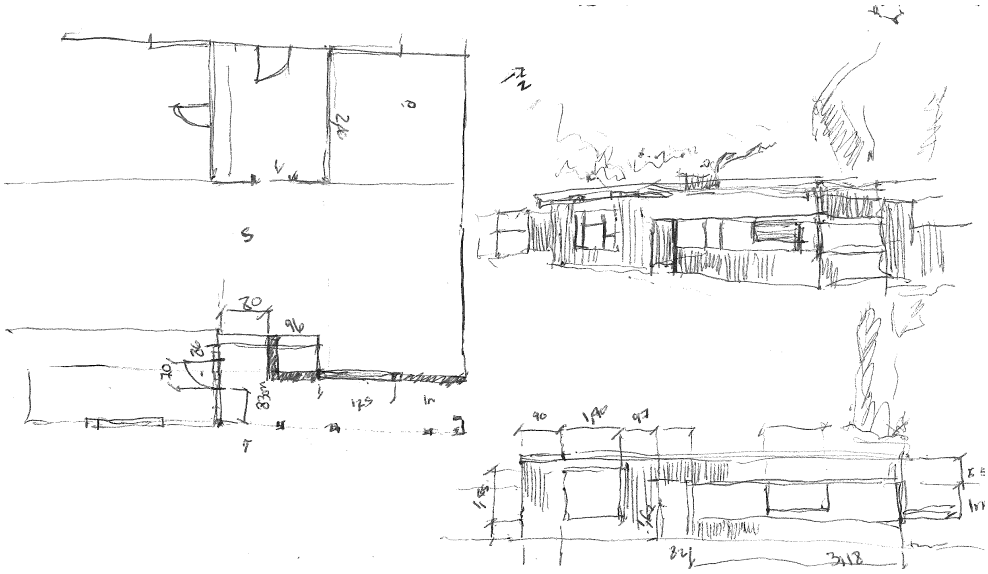
Família Vilanculos















A casa encontra-se em transição para a alvenaria. A sua tipologia se une a tipologia em análise atualmente o que dificulta saber a configuração original dos espaços.
Ao entrar, uma varanda que dá acesso a um espaço exterior polivalente e acessível apenas pelo exterior. De seguida a sala, um espaço central de circulação que dá acesso a dois quartos à esquerda e à direita. O lote conta com 1 anexo exterior e cozinha e casa de banho exterior.

Família Muchanga 1





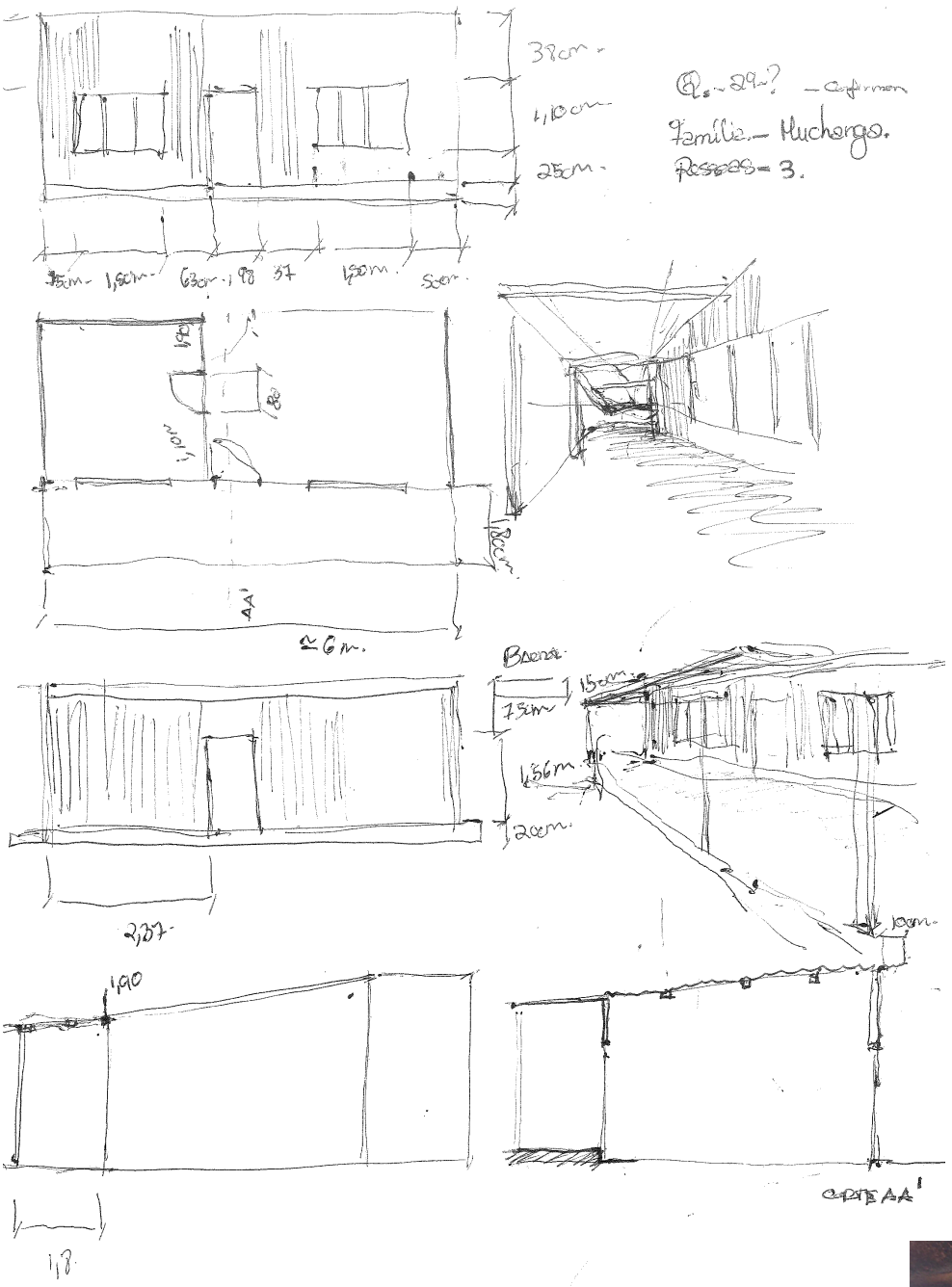
No quarteirão 29, esta habitação tem acesso pela cota da rua que tem a parte coberta em zinco e barrotes de madeira como pilares. Este espaço coberto encontra-se em degradação pelos materiais usados ameaçando queda e elevado aproximadamente 40 cm do nível da rua, por isso é um lugar em que várias vezes é usado como espaço de encontro, onde as crianças brincam, entre outros.



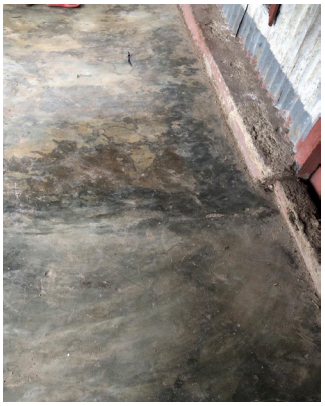
Ao entrar, há uma diferença de aproximadamente 40 cm do nível da rua, ou seja, a casa está a um nível mais baixo e entra-se para a sala de estar que funciona também como sala de jantar e cozinha que dá acesso ao único quarto. Neste tipo de situações há um aglutinar de funções no mesmo espaço. No alinhamento da porta de entrada no alçado frontal, a porta da parte posterior da casa que leva a casa de banho exterior, assim como o espaço de cozinha. Esta casa tem apenas uma água e o revestimento das paredes interiores não existe.



Quanto à altura do alçado frontal é menor que a altura no interior do espaço. Estas casas apresentam maior longitudinalidade que transversalidade, o que lhes confere outro tipo de organização do espaço. Na parte posterior da casa, percebe-se que o solo apresenta dificuldades em absorver água e este tem sempre um aspeto húmido.


38cm.
1,10cm.
25cm.
Q. - 29? - aproxim.
Família - Muchanga.
Pessoas - 3.
1,50m.
63cm.
57
1,50m.
50cm.
1,10m.
80
≃6m.
Base
15cm.
7,5cm.
1,56m.
1,20cm.
10cm.
1,90
2,27
1,8
corte AA'



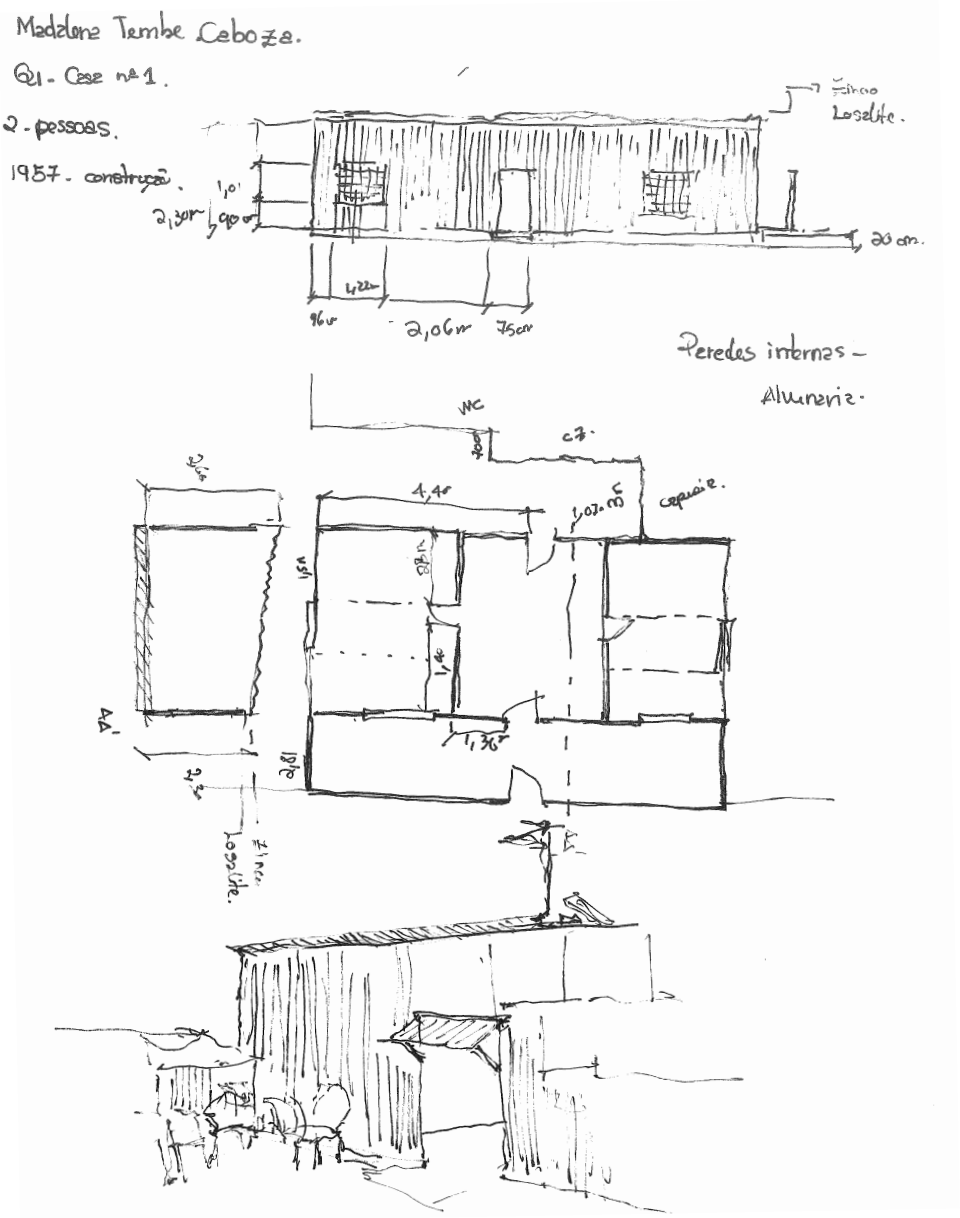






Família Tembe Caboza







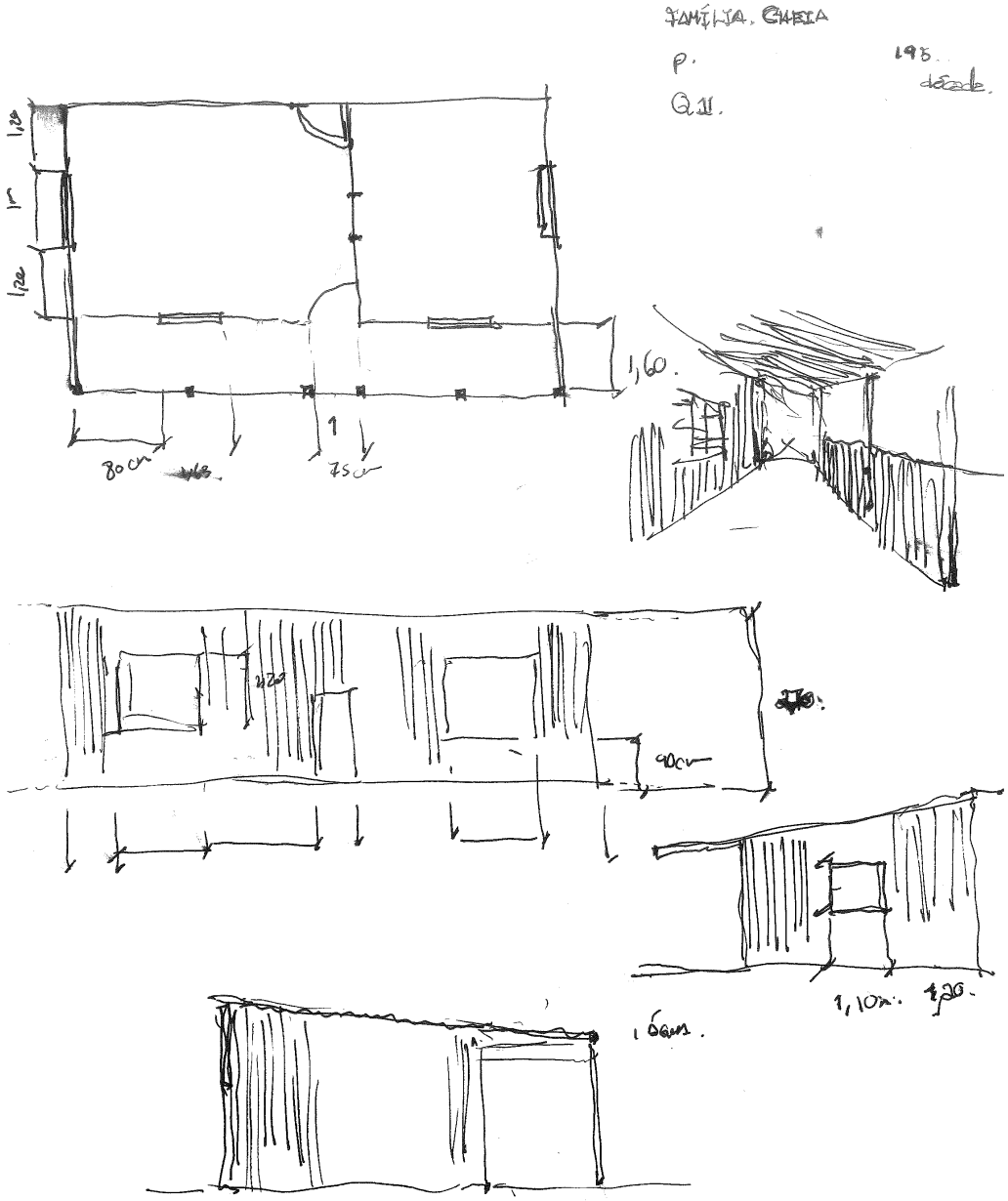






Nesta casa vivem duas pessoas e a casa fica no quarteirão 1. Ao entrar no espaço de distribuição pode ser também uma sala de estar, assim como a sala de jantar ou cozinha. A partir deste espaço os dois quartos a esquerda e a direita. Ao sair pelo alçado, tardoz o anexo da capoeira e a casa de banho exterior.

Família Cheia





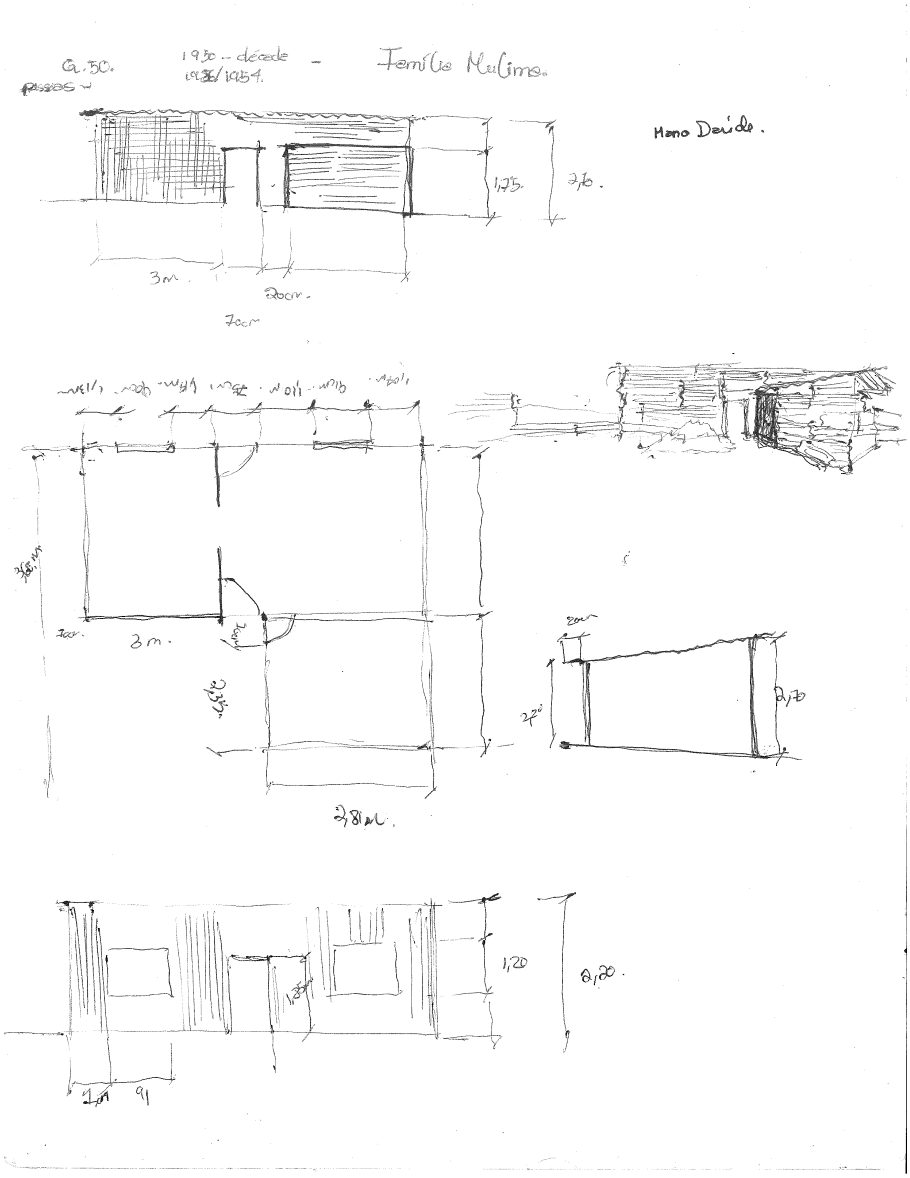


A casa foi construída na década de 50. O acesso é feito pela varanda com 1,60m de largura que acompanha o comprimento da casa, que dá acesso à sala que acomoda vários usos, da sala ao quarto que a parede da a casa da família Cheia. As paredes interiores são em zinco. Na varanda há barrotes usados como pilares para a estrutura em zinco que cobre a varanda. A casa de banho encontra-se no exterior.

Família Mulima 1







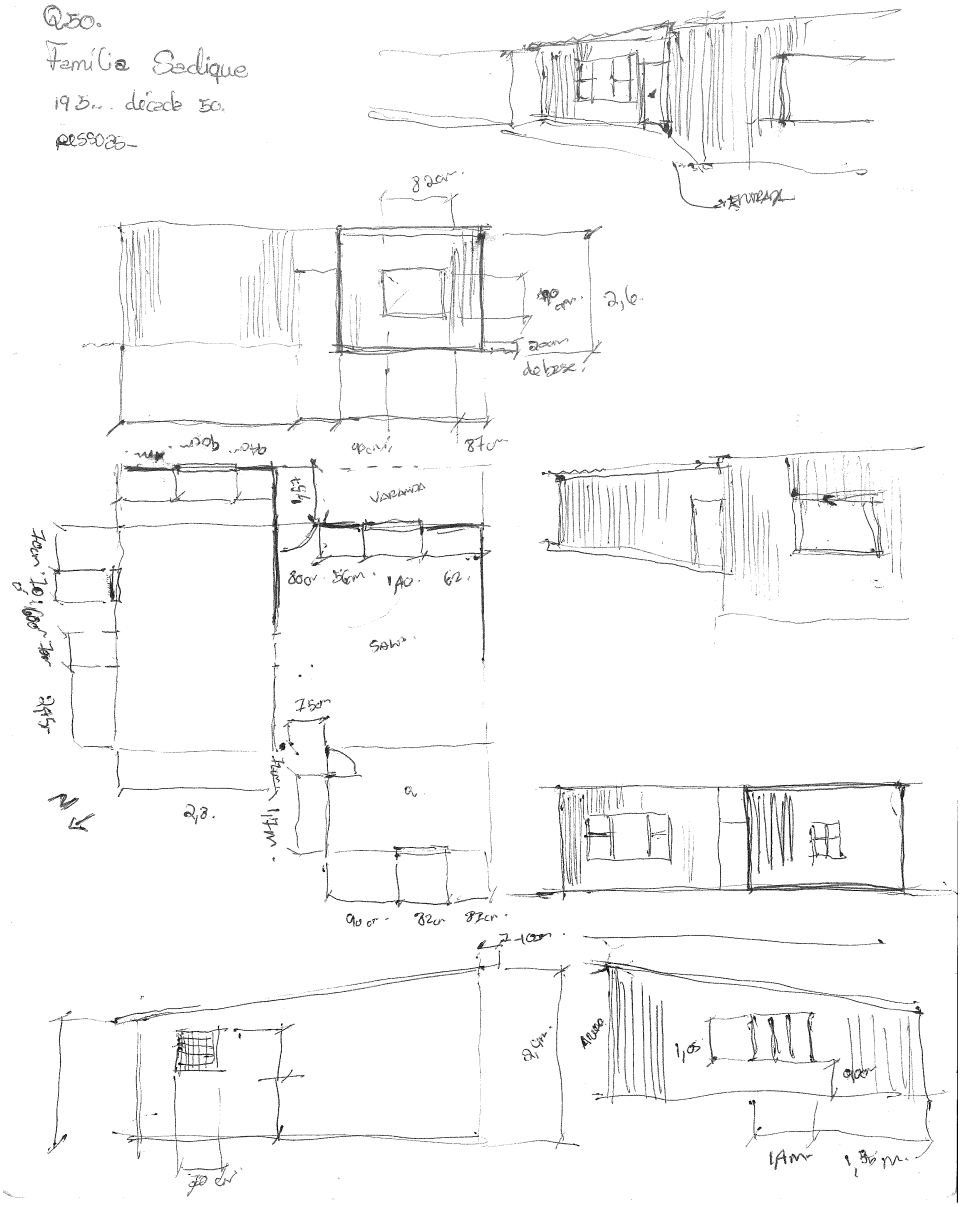




Esta casa é da década de 50 e tem dois cômodos. O cômodo que não tem ligação com o resto da casa foi feito a posterior. A cozinha exterior, assim como a casa de banho. No lote surge uma construção em alvenaria que não pertence ao proprietário da casa em madeira e zinco.
A terra desta casa tem sempre aspecto húmido, o que revela lençóis freáticos próximos. Ao entrar na sala que abriga diversas funções e a sala dá acesso ao quarto único. O anexo junto a casa original de momento é usado como quarto.

Família Sadique











Ao entrar na casa da família Sadique um espaço que provavelmente seria a varanda que dá acesso à sala da casa que abriga várias funções e dá acesso ao quarto. No exterior há um anexo feito a posterior que serve de cozinha. No mesmo lote há mais dois anexos em que um deles é casa de banho.

Família Maló





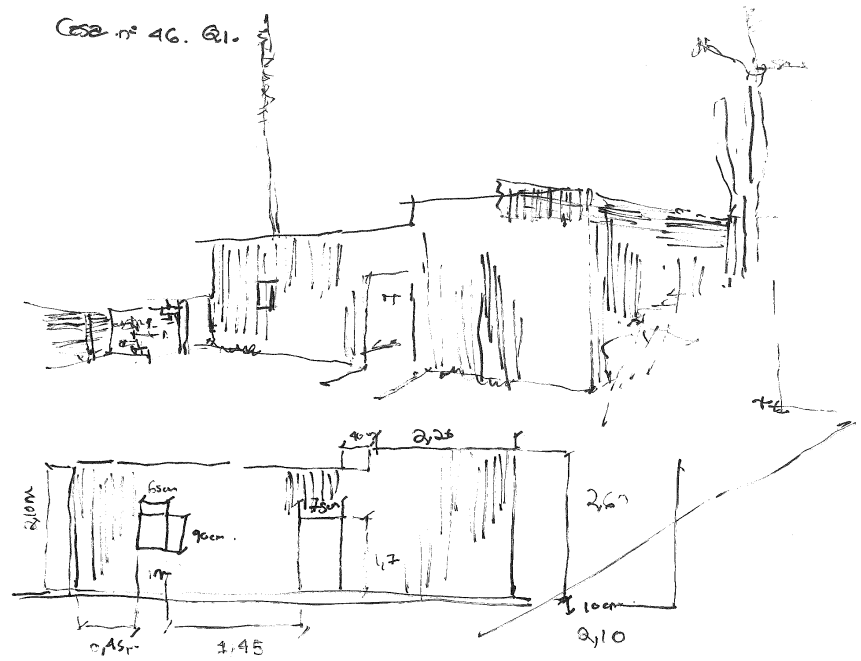


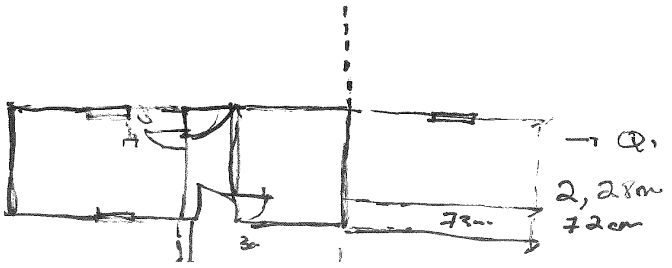


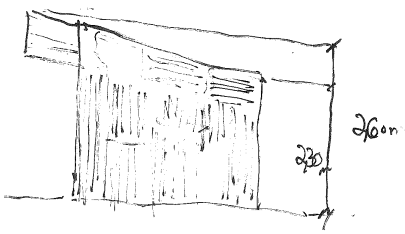


A casa tem mais de 40 anos. — 7 pessoas.
Sem saber precisar quando foi construída
Mariana. Ana. Albino Maló.

Casa nº 46. Q1.





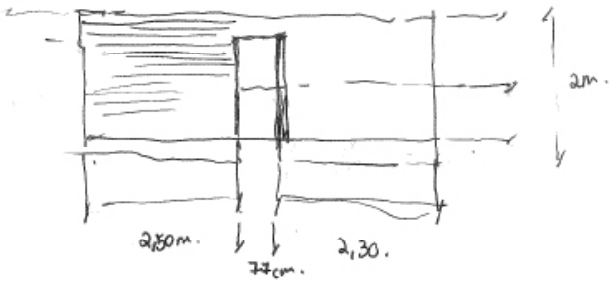


Esta casa tem uma única entrada, um espaço de circulação que distribui para dois cômodos à esquerda e à direita. De momento estes são usados como quartos, mas originalmente um deles podia ter sido a sala. A casa de banho é exterior e em alvenaria, o que sugere o desejo de construir em alvenaria. A cobertura da casa tem uma água.

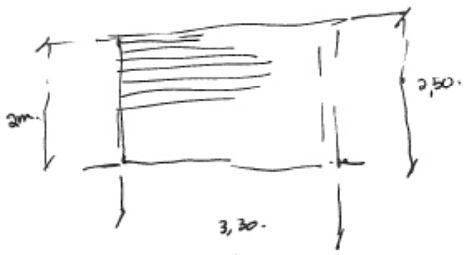
Família Muchanga 2

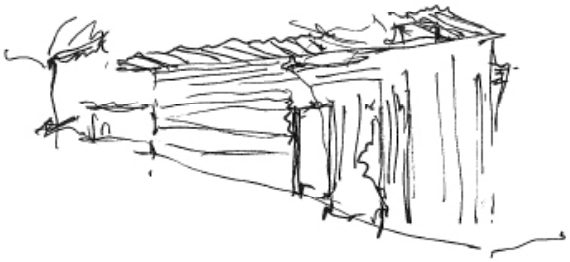








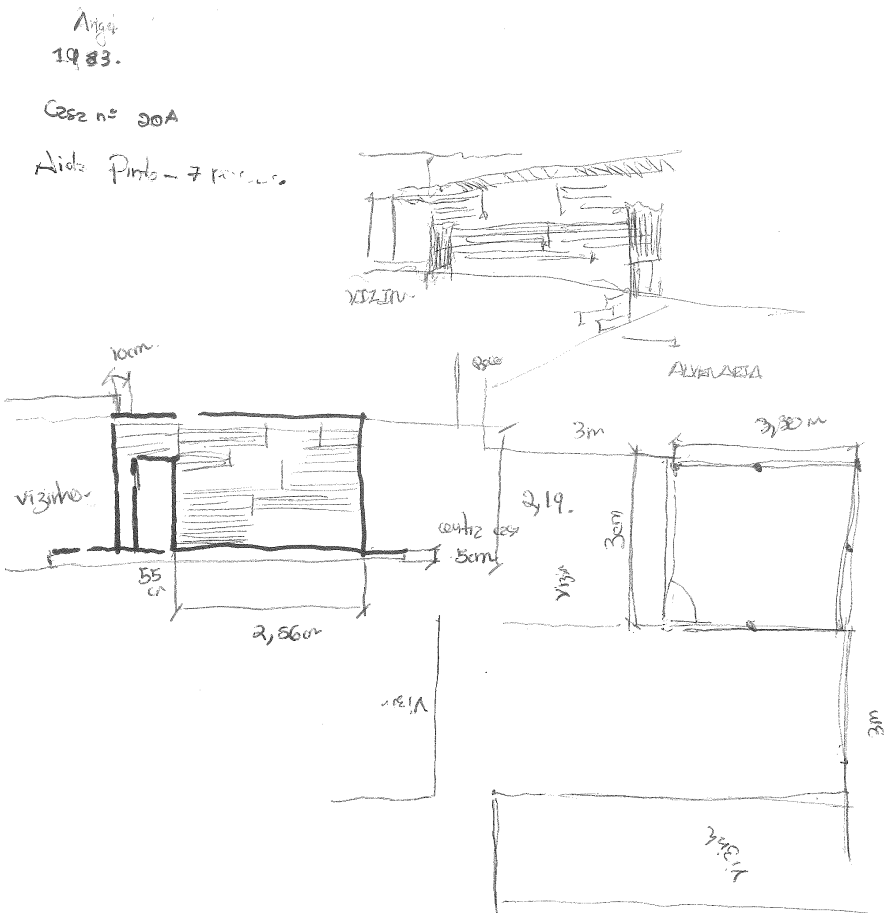






A habitação tem uma única entrada, e apenas 1 cômodo sem janelas que abriga vários usos e vivem 2 pessoas. A casa foi construída em 1972 e até a atualidade reside o sonho de ter uma casa em alvenaria por parte do dono. A casa de banho é exterior e em alvenaria, o que sugere o desejo de construir em alvenaria. A cobertura da casa tem uma água.

Família Pinto



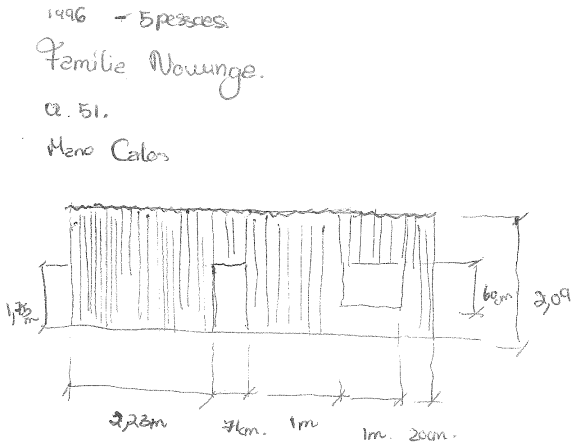


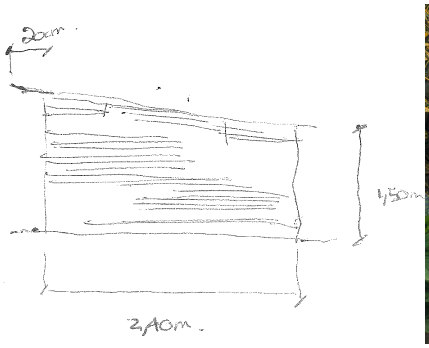


Esta casa está num lote que tem mais três anexos que estão arrendados e esta casa também é arrendada. Nela vivem mais de cinco pessoas e um único cômodo sem ventilação de pouco mais de 9 m². Muitos dos que se encontram nesta situação vem a trabalho de outras províncias do país e pelas condições econômicas escassas, a solução tem sido viver nestas condições.

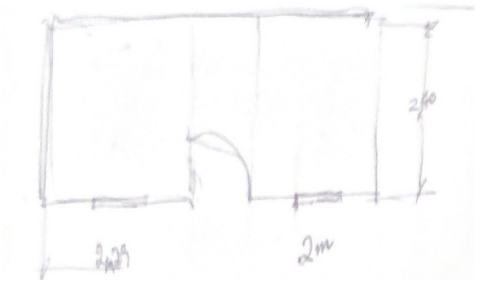


Família Novunga











Esta casa tem apenas um cômodo. A casa antigamente tinha outro tipo de tipologia, entretanto esta encontra-se em estado de degradação grave o que levou os residentes a viver nos anexos onde eram a cozinha exterior com pouco mais de 13 m². Este tipo de habitação reúne as mesmas funções programáticas no mesmo espaço, exceto a cozinha que é exterior.

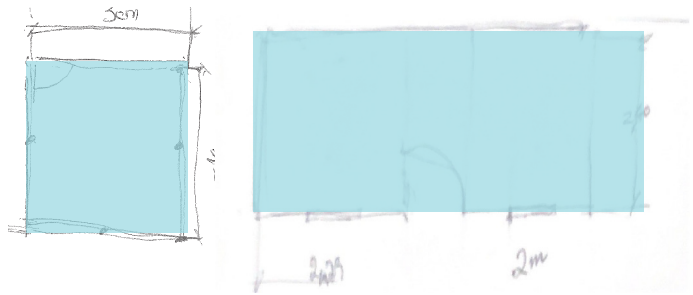




Síntese


Parede de contraplacado
- parede de zinco





- Quarto
- Sala polivalente(Quarto/armazenamento)
- Circulação
- Cozinha
- Sala
- Casa de Banho
- Varanda/ Espaço coberto.
- Multiplos Usos.

A primeira tipologia em análise é caracterizada por ser de habitações consideradas de alto padrão, ou que os proprietários tivessem melhores possibilidades econômicas. Isto justifica-se pelo fato de estas estarem localizadas em lugares melhores, ou seja, de fácil acesso pelas vias principais, o fato de estas assentam sobre uma base de alvenaria melhor estruturada, tendo algumas cave, o número de águas que a casa apresenta, o fato de ter casa de banho dentro ou então muito próximo a habitação e a casa de banho construída em alvenaria, bem como a cozinha.

O fato da casa ter mais águas, afeta diretamente no número de compartimentos que esta vai ter. Estas casas também caracterizam-se por serem mais altas, tendo uma verticalidade mais assumida, o que contribui bastante para a questão da ventilação e era também uma forma da casa ganhar destaque. Algumas destas casas apresentam teto trabalhado, fator permitido pela altura que possuem.

O segundo tipo de casas analisado podem se classificar como sendo de classe intermedia. Estas encaixam no modelo da casa ventoinha que a posteri surge no modelo de construção das casas de quatro cômodos de alvenaria com varanda no alçado frontal descrito em Lage 2001, mas no caso das casas de madeira e zinco maioritariamente possui 4 cômodos com duas águas tendo muitas das vezes varanda. O sistema de distribuição destas casas faz-se pelo corredor e outras vezes é um sistema em que um cômodo leva a outro e não há um espaço definido para circulação. A cozinha geralmente mistura-se com o uso da sala de jantar, sendo que se cozinha no exterior em uma zona delimitada por chapas de zinco e estacas de madeira ou então um espaço coberto feito por chapas de zinco e a estrutura em madeira pelo uso do carvão , assim como da lenha para confecção dos alimentos. Esta forma de confecção dos alimentos é transversal com exceção de quatro casos analisados e que pertencem à primeira tipologia . Três dos quatro casos analisados em que se fazia o uso do gás e um deles em que se usava o fogão a carvão no interior.

Algumas destas casas ao longo do tempo sofrem transformações devido a insuficiência de espaço e consoante a demanda exigida pelo número de membros na família, como se pode constatar em um dos exemplos.
O terceiro modelo tipo das habitações possui de dois a três cômodos em que estes são constituídos por quartos, sala e a cozinha e casa de banho são exteriores. Algumas destas casas possuem varanda e apresentam apenas 2 compartimentos.

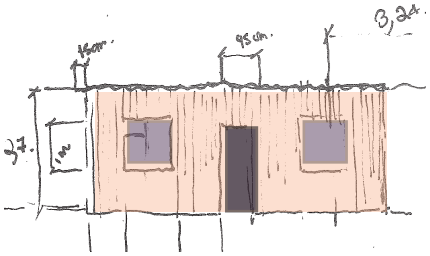
O quarto tipo de habitação é caracterizado por ser de 1 cômodo. Na maior parte dos casos, este como reúne vários usos e possui apenas uma entrada. Em um dos casos analisados a casa só tinha 1 acesso e não possuía janela.



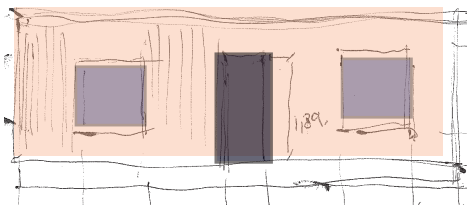
Fig. 240. Ilustração da casa Ventoinha . Lage 2001.

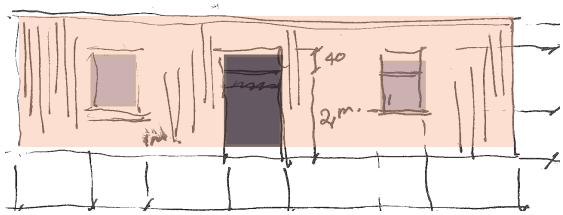


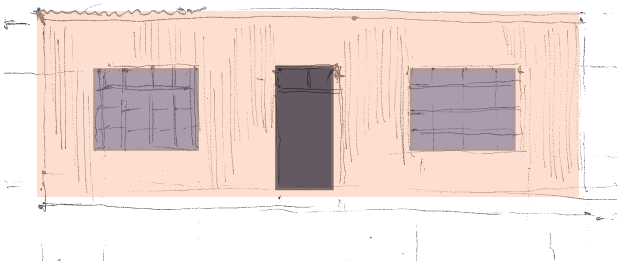


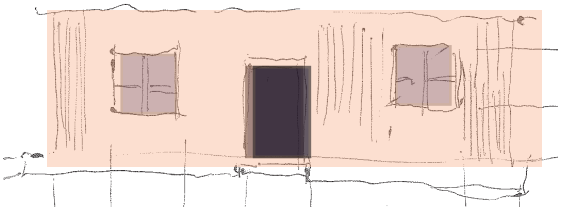

3,24
95cm
37
1m

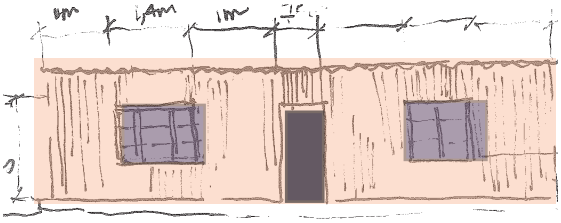

1,81

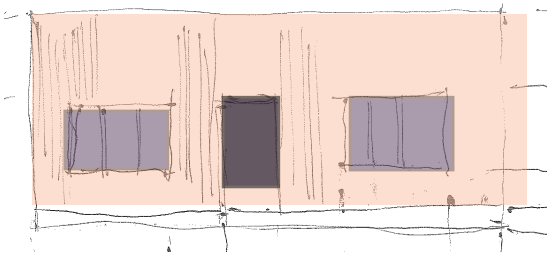

1,89

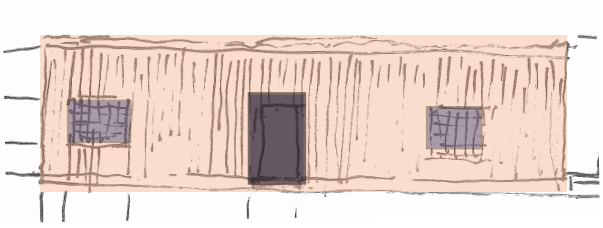

40
2m

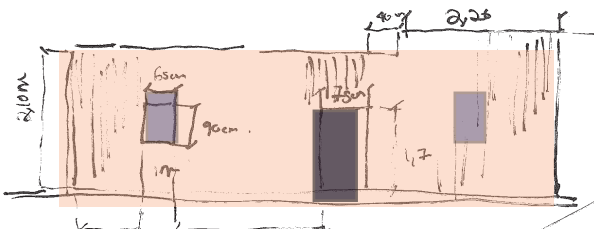


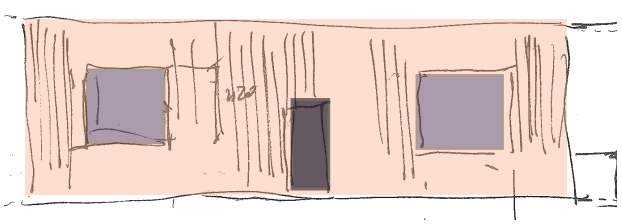


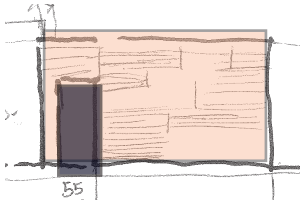

1m
1,4m
1m

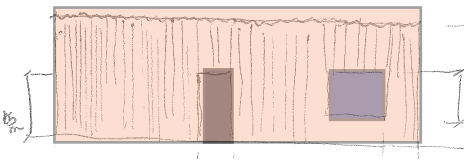


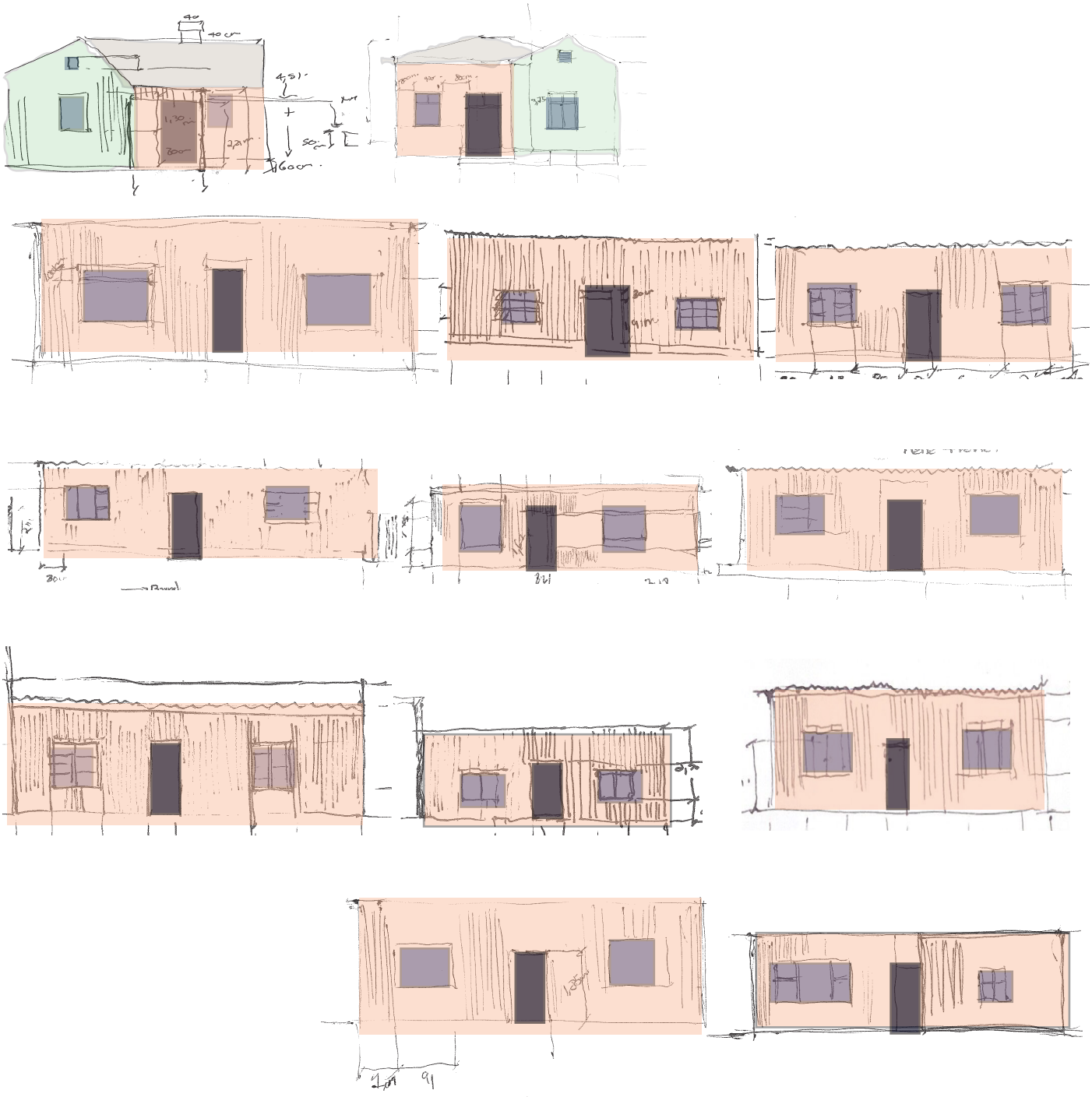



2,10m
65cm
90cm
1m
1,75m
1,7
40
2,25


2,25


55



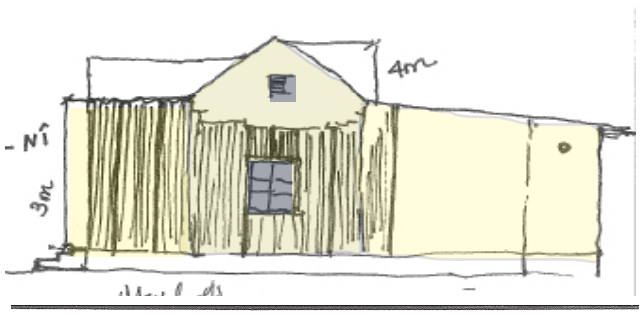


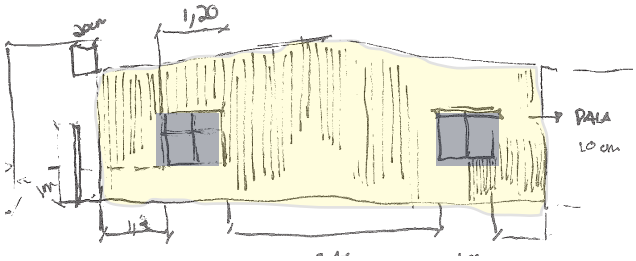
Alçado Frontal base

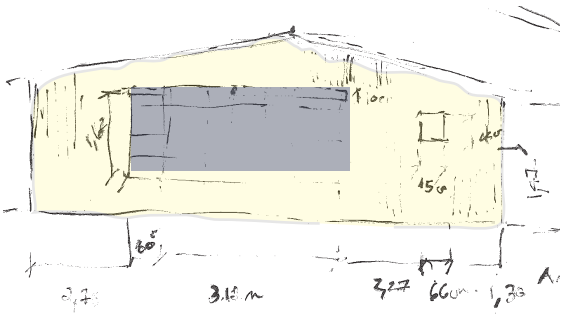
Alçado Frontal Vertical

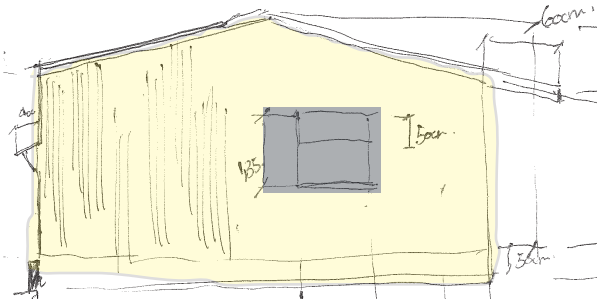
Vão - Janela

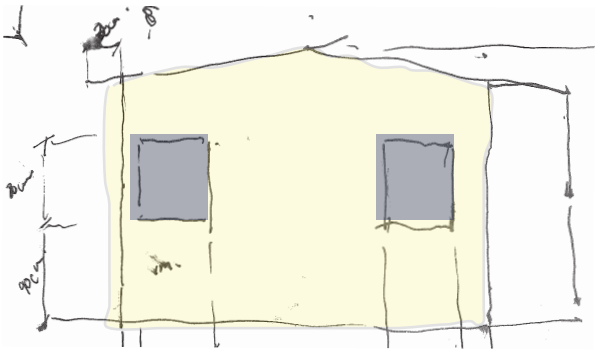
Vão de acesso.



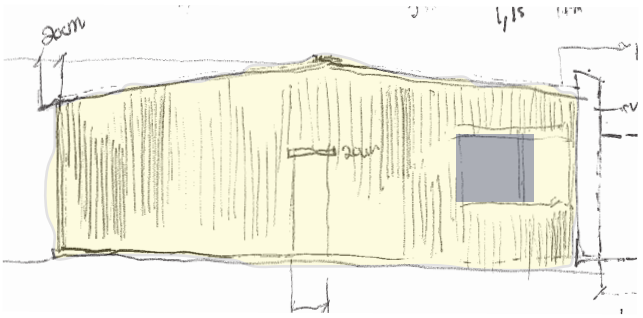


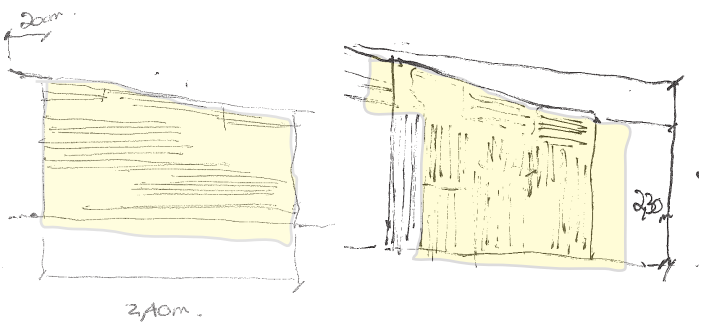






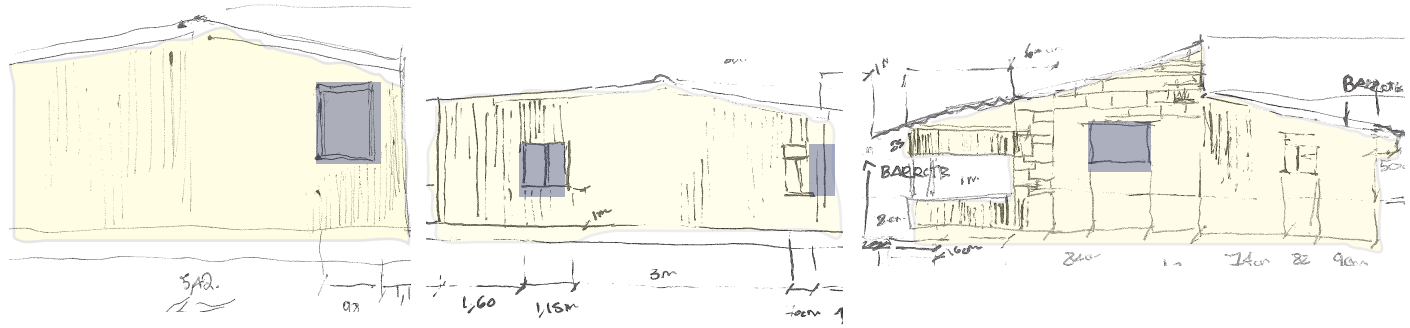


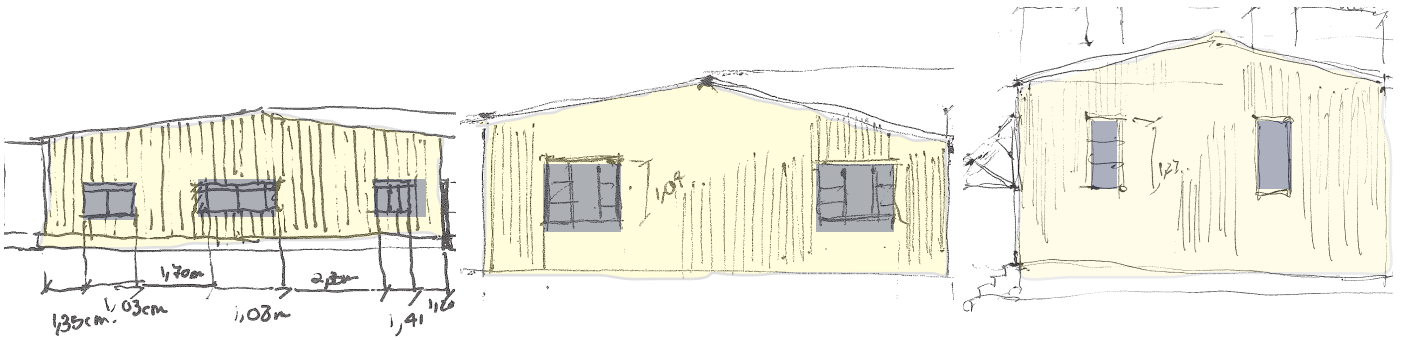


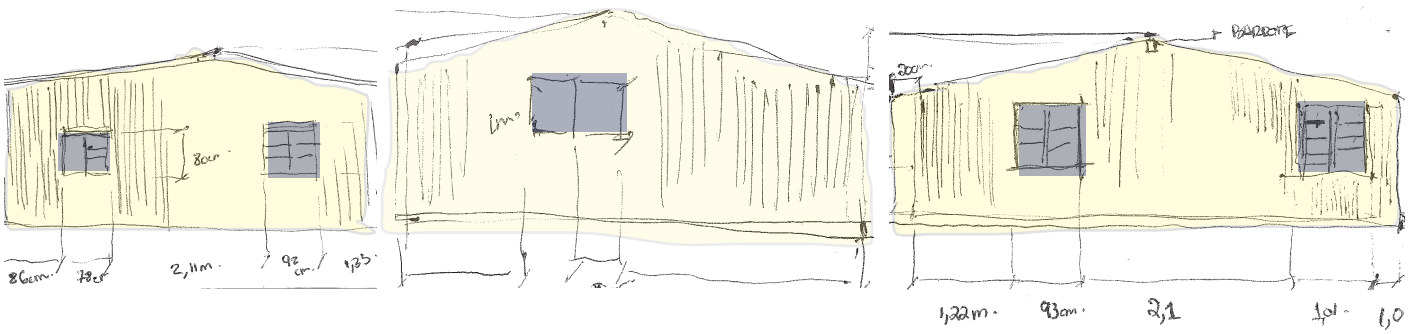


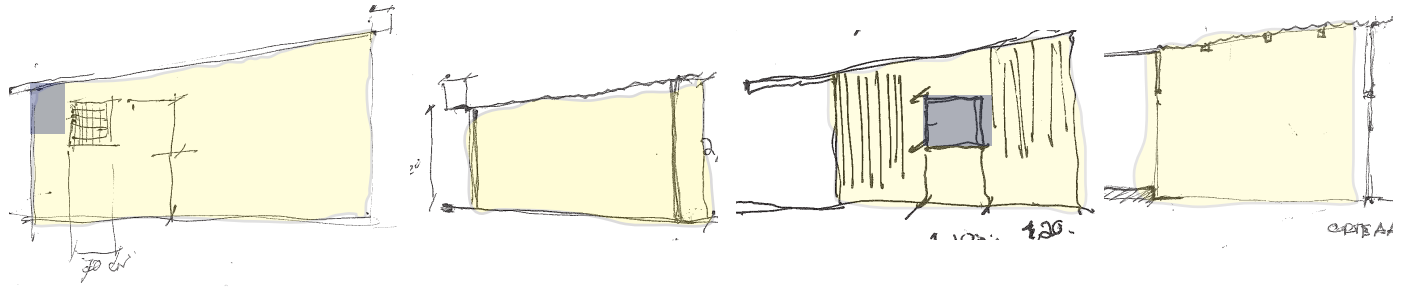
Alçado Lateral

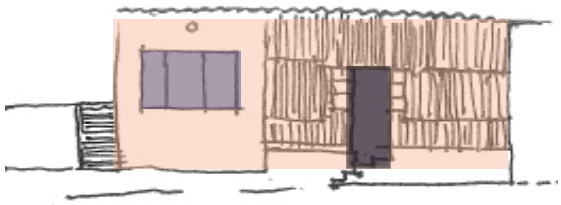
Vão - Janelas

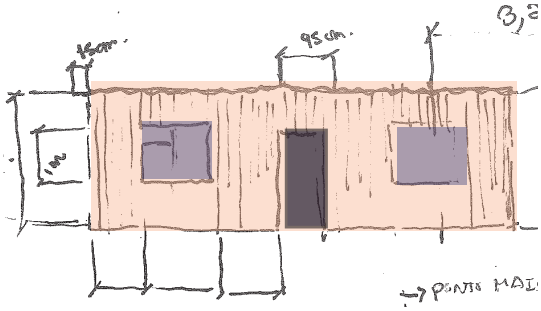

BARROTE
1,60
1,15m
3m

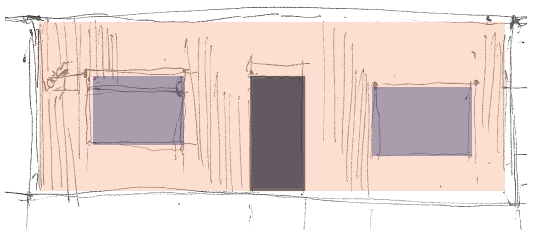

1,35cm
1,03cm
1,70m
1,08m
1,41
1,26

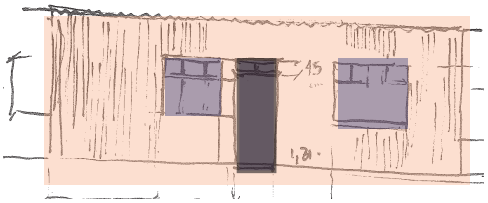

BARROTE
1,22m
93cm
2,1
1,0

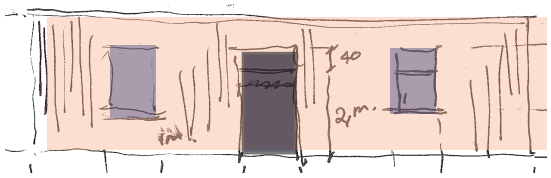


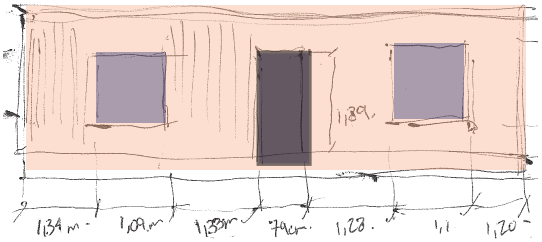


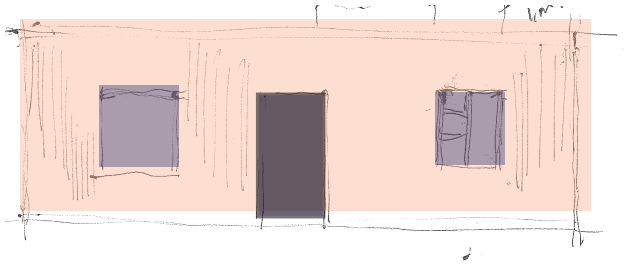

95 cm.
PONTO MAI

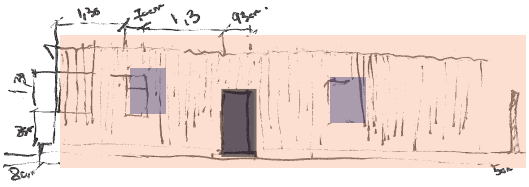


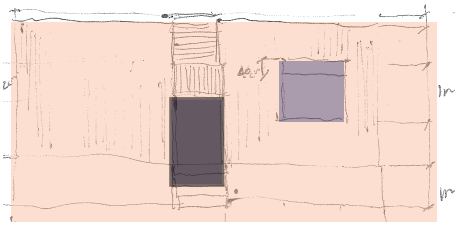

1,28.

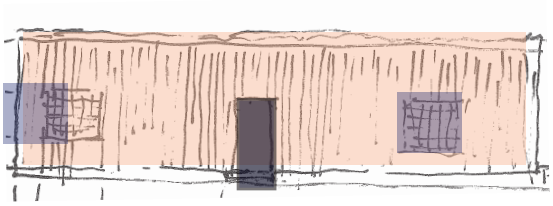

40
2 m.

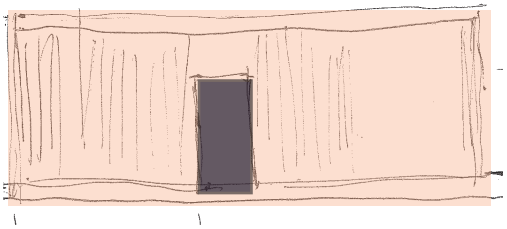

1,39.
1,34 m.
1,09 m.
1,38 m.
74 cm.
1,28.
1,20

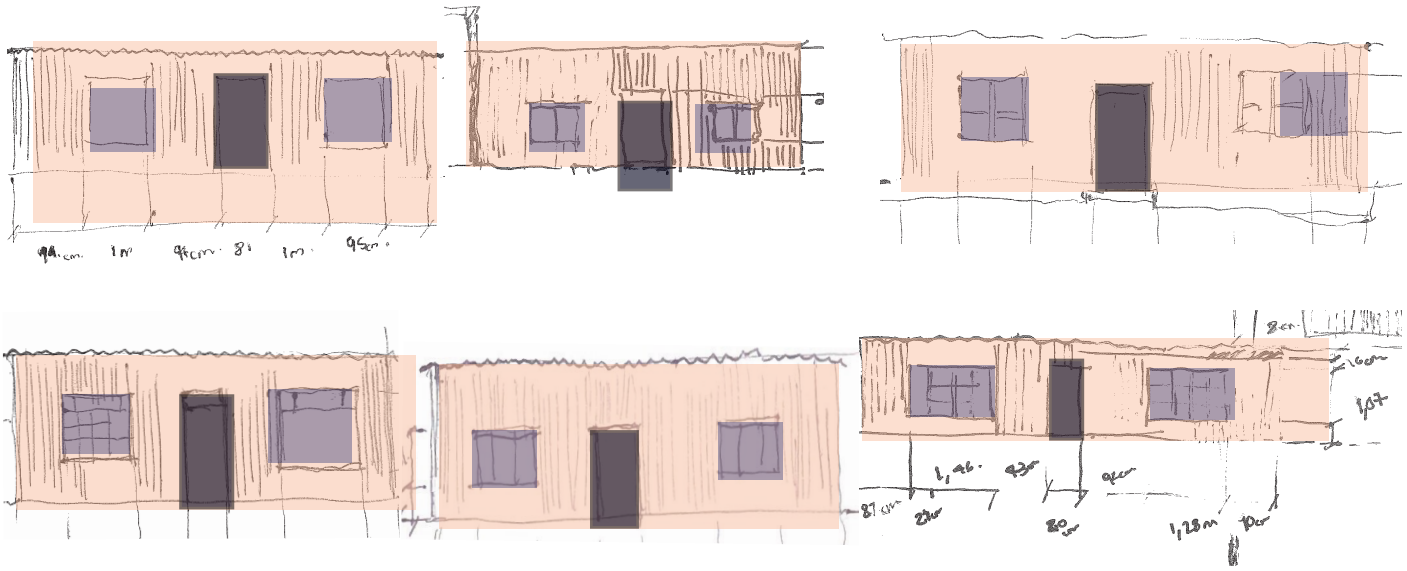












Alçado Tardoz base

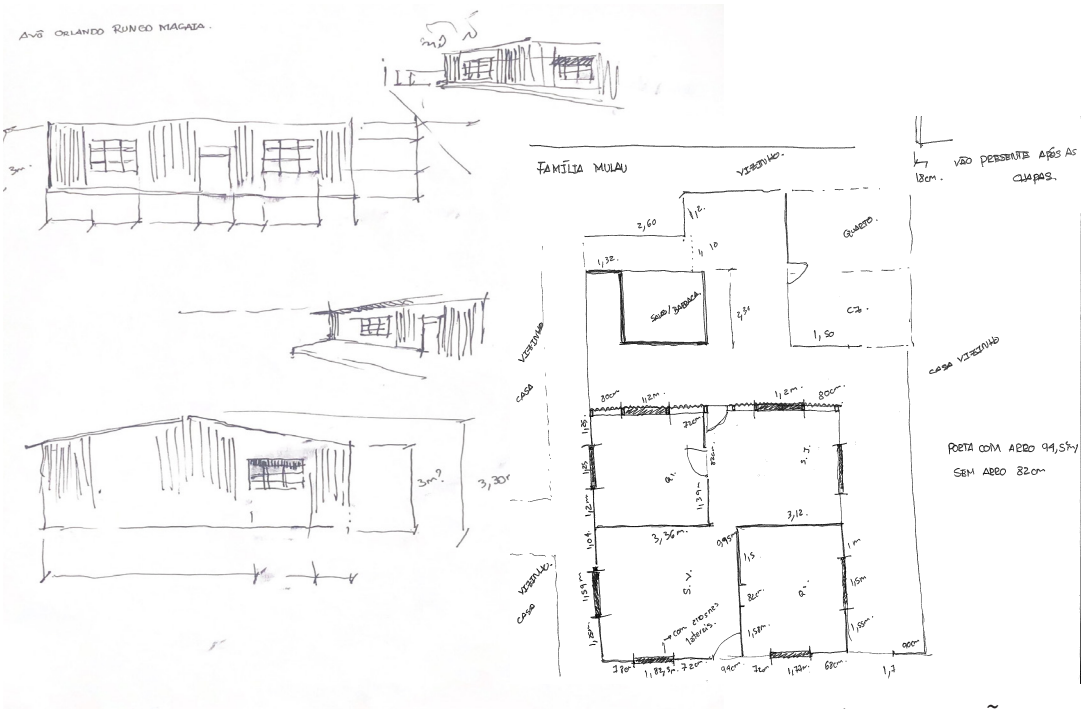
Vão - Janela

Quanto ao alçado frontal há quatro tipos. O primeiro é caracterizado pela verticalidade dos elementos que em alguns exemplos avançam em relação ao resto do edificado e que geralmente corresponde a sala. O segundo engloba as casas de classe intermediária e as de 2 a 3 cômodos. Este alçado na verdade é o alçado tipo das casas de madeira e zinco que corresponde a duas janelas com 1,20 a 1,50m de altura e varia até 2m de largura e a porta no centro. O terceiro, com apenas um cômodo apresenta uma porta lateral e o quarto com apenas um cômodo tem uma porta no centro e uma janela lateral.

Quanto ao alçado lateral, o primeiro alçado tipo caracteriza-se pela verticalidade que é onde se localiza a sala. O segundo alçado tipo é de duas águas e apresenta vãos em diferentes posições, alguns com um vão apenas, outros com dois chegando até 3 metros.
Uma das casas apresenta um vão no alçado lateral com aproximadamente 3 metros de largura. Outro fenômeno, que se observa é a transformação deste alçado em que este começa a ganhar verticalidade pela transição da casa de madeira e zinco para a casa de alvenaria. O último tipo apresenta apenas 1 água em que umas apresentam janelas e outras não.

No alçado tardoz uma das casas já era feita em alvenaria desde a primeira construção e a configuração tipo apresenta duas janelas e um vão central. Algumas têm alguns degraus e outras excepcionalmente apresentam apenas um vão ao invés de dois vãos. O que varia nestes alçados são as dimensões dos mesmos. O último tipo, que diz respeito às casas com apenas um cômodo, não apresenta nenhuma abertura no alçado tardoz

Forma tipo construção









Após análise na uma tipologia de habitação mais presente e que não se reflete apenas no bairro da Mafalala, mas também no bairro do Aeroporto. No bairro do Aeroporto a tipologia de 4 espaços interligados e sem espaço de circulação está muito presente, e pode se considerar este tipo de organização espacial como o ideal, que reflete o tipo de construção da sociedade moçambicana, a casa ventoinha.

A casa do avô Orlando Rungo Magaia foi construída em 1965 e tem dois quartos e duas salas e todos os cômodos com janelas. A cozinha e o exterior , assim como a casa de banho. Há outro anexo que funcionava como lugar de fonte de renda. A casa assim como as da Mafalala, com o tempo foi perdendo espaço devido às construções ao redor. Por fora ela é de madeira e zinco, porém no interior de alvenaria e o chão de cimento queimado. Já chegou a viver uma família de 10 pessoas nesta casa, porém atualmente vivem apenas duas pessoas.





Fig. 222



Fig. 223



Madeira e Zinco ou Alvenaria?

Durante as várias visitas ao bairro, foi possível notar que há várias casas em processo de transição. Estas apresentam uma parte em madeira e zinco e outra em alvenaria. Dada a escassez de recursos econômicos esta transição vai sendo feita aos bocados, em que se começa por um determinado cômodo da casa e a medida que se adquire mais recursos econômicos se termina com a construção. Em alguns casos esta transição é necessária dado o estado de degradação das habitações, algumas com problemas de estabilidade estrutural e isto representa um perigo aos moradores.

Em outros casos essa alteração surge pela necessidade de ter uma habitação mais permanente e acompanhar a sociedade atual e outros por alegarem problemas de sobreaquecimento do zinco, vários são os motivos. Não estaríamos a assistir a passos lentos o desaparecimento de uma característica marcante da Mafalala e até do patrimônio da cidade ? Teriam eles razão? Segundo Carlos Bruhem disse em entrevista, carinhosamente tratado por Ginho, ele gostaria que as casas de madeira e zinco fossem recuperadas, isto pelo valor memorativo que elas tem, ele tem saudades do que era a Mafalala. Mas que solução seria ideal para a Mafalala que é o coração de Maputo, o centro da diversidade e criação?



Fig. 324



Fig. 325

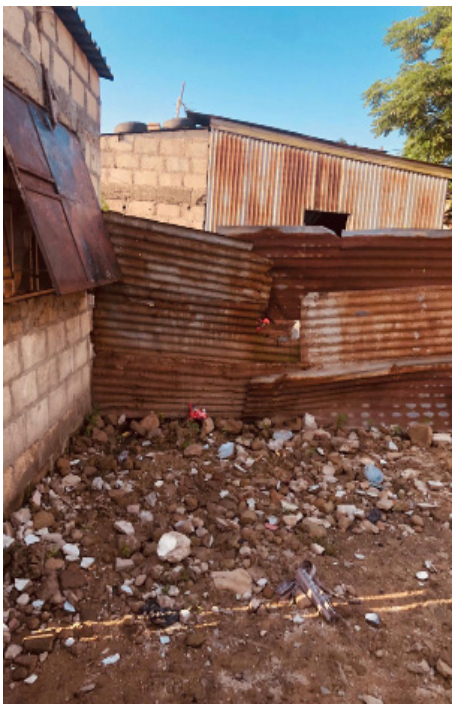


Fig. 326

Intervenções

Futuros da Mafalala

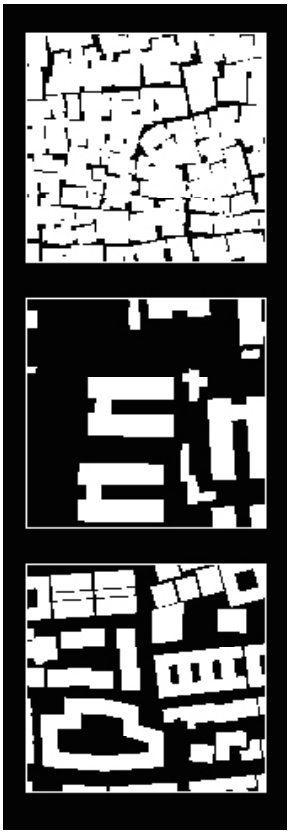


Fig 327. Futuros da Mafalala..

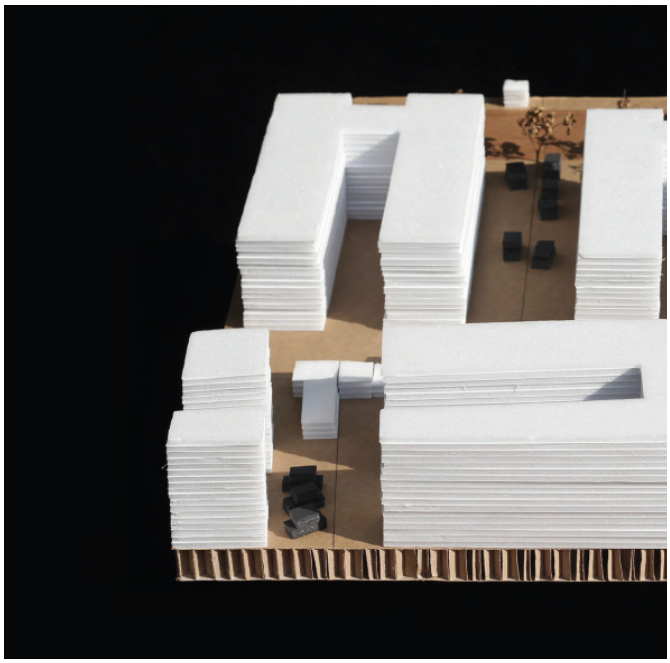


Fig 328. Mac – Creative Lines. Futuros da Mafalala..

No decorrer do tempo, várias foram as propostas efetivadas na Mafalala, algumas mais expressivas, assim como pequenas ações de grande impacto.Neste debate arquitetônico apresentado Johan Mottelson & Remígio Chilaule sobre os assentamentos informais na capital moçambicana, os autores expõem três possíveis cenários para o futuro da Mafalala. O primeiro em que se retrata um crescimento não-regulado, o segundo uma intervenção radical e o terceiro a requalificação consciente do contexto de modo a suscitar um debate em torno destes temas não apresentando uma solução concreta e fechada,mas mostrando possibilidades entre as soluções apresentadas.



Fig 329. Fotografia da autora. Museu da Mafalala.

Museu da Mafalala

O Museu da Mafalala, inaugurado em 2019, é um espaço de referência, reunião, um espaço dos moradores da Mafalala onde são realizadas diferentes actividades,entre as quais festivais, exposições, entre outros. Este projeto resultado de um processo de participação comunitária financiado pela Associação IVERCA. Tem como objetivo enaltecer e valorizar a cultura das casas de madeira em zinco e de resgatar de alguma forma o espírito vivido na Mafalala. Feito em zinco, cimento,madeira , o Museu é uma solução face a cultura do bairro, em que este possui barazas, que são espaços de conversa, de encontro e apresenta uma vista panorâmica devido a verticalidade que este apresenta e que contribui para que seja um lugar de centralidade e destaque. Na sua arquitetura destaca-se a materialidade em zinco aliada a interpretação contemporânea através de soluções simples para questões como a ventilação, por exemplo.

Escola de Inverno FAPF-UEM 2022

Na lista de pequenas ações que visam promover grandes impactos está a escola de Inverno da FAPF-UEM com o objetivo de testar práticas para a qualificação de áreas urbanas auto produzidas. Esta iniciativa tem como métodos de atuação visitas , palestras, concepção e construção conjuntas de propostas , levantamento em terreno, conversas alargadas dentro e fora do campo de atuação, entre outros, e por fim o teste com recursos e materiais locaisonde são pensadas soluções locais, sustentáveis e que de alguma forma preservam aquilo que é a cultura do lugar. Apesar de não se ter dado continuidade no sentido de aplicação concreta do trabalho efetuado nas duas semanas , o facto de se pensar, levantar questões, debater, procurar soluções no terreno com a comunidade impulsiona a mudança futura.



Fig 330. Implementaçao ideia. Escola de Inverno FAPF -UEM 2022



Fig.331 Exposição Casa Noémia de Sousa. Escola de Inverno FAPF -UEM 2022

Escola de Inverno FAPF-UEM 2023



Fig 332. Do mapa a construção do lugar em Maputo.Escola de Inverno FAPF -UEM 2023

Esta iniciativa consistia na reconversão de um espaço na casa onde viveu Fany Mpfumo. Segundo o jornal Notícias da universidade do Porto a intervenção visava consolidar e melhorar o edifício, consistindo num contributo para a vedação de pontos de entrada de água no espaço, para o reforço estrutural da casa e para a qualificação dos seus acabamentos, em paralelo com a conceção da abordagem expositiva e a criação de um ambiente mais confortável para visitas e dinamização de atividades culturais comunitárias. Pelo curto espaço de tempo estas ações revelam-se limitadas cingindo-se ao que se pode executar naquele espaço de tempo.

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre o informal, desde o seu possível surgimento, a dualidade existente entre o formal e o informal de modo a perceber as relações existentes e compreender os desdobramentos do desenvolvimento urbano perante estas realidades.

Ao compreender o contexto histórico colonial e de surgimento ou notoriedade do informal na cidade de Maputo não se pode interpretar este território de forma dual e segregacional resultante dos modos de gestão aplicados para as diferentes áreas e condicionar, assim, a interpretação do tecido urbano que em constante transformação se encontra, mas sim como resultado de`` [micro]estruturas particulares e complexas de ocupação do solo``.

Estes tecidos diluídos contém camadas múltiplas, novas centralidades que diferem do modelo colonial clássico e rígido que possibilita novas interpretações pela fragmentação dos espaços e sua extensão territorial dando espaço a pluralidade de interpretação. Neste trabalho, importou estudar estes fenômenos e identificá-los ao longo da capital de modo a encontrar o exemplo mais próximo e paradigmático pelo fato de confrontar diretamente com a realidade distinta que a circunda e que com a qual convive que é o bairro da Mafalala.

A autoprodução destaca-se na Mafalala pelo contraste imediato com a cidade de cimento tendo o formal e o informal de maneira conjunta e quase indissociável. Ainda na era colonial as atividades informais eram presentes na cidade de cimento, ainda que em menor escala, assim como o plano inicial fora que a autoprodução fosse re-ordenada.
Assim, a Mafalala assenta sobre uma lógica forma informal pelas regras impostas pelo colono, porém com princípios de planeamento e organização próprias e que que podem ser justificadas meramente pelo nao ordenamento e falta de planeamento, assim como pela sobrelotação, como também podem ser justificadas pelas relações próximas de vizinhança, pela influência arabe dos que lá vivem, pelos percursos imediatos pedonais e que estes podem ser os princípios norteadores da organização de espaço do bairro. Fato é que estes bairros são caracterizados pela organicidade, o que as permite maior flexibilidade, mas por outro apresentam problemas desde o saneamento, acessibilidade, assim como de habitação.

Sendo que problema da habitação remonta da era colonial, pois estas sempre assumiram um caráter provisório, tanto na sua materialidade, quanto na forma de concepção dos espaços, fator este que variava consoante classe econômica e consequentemente classe social por herança ou adquirida.
Pelas múltiplas influências culturais, atividades próprias desenvolvem-se formas de construção diversas e próprias da Mafalala, em que o caráter provisório no exterior era sempre primando pelo controle colonial.
Esta provisoriedade contribuiu para a característica principal das habitações na Mafalala que em primeira fase as habitações eram em materiais muito frágeis, tendo passado para a Madeira e o Zinco que estabelecem-se como um material provisório intermédio extremamente difundido por não ser em caniço, mas também não ser em alvenaria, pois no bairro poucas casas foram construídas em alvenaria

na época e isto só dependia da classe social da família. A madeira e Zinco está presente na Mafalala e o trabalho de campo possibilitou a identificação de características herdadas dos Bantu nas técnicas construtivas destas casas, assim como influências portuguesas.

O trabalho de investigação de campo possibilitou a identificação de características das casas em madeira e zinco, embora boa parte delas esteja em deterioração, pela proximidade dos lençóis de água na zona da Mafalala e pelo tempo de construção que estas já apresentam aliada a falta de manutenção e a durabilidade do material. As casas que tem uma melhor conservação devem-se ao fato de estas estarem em plataformas de alvenaria mais altas, assim como por estas não serem apenas feitas em madeira e zinco, na sua grande maioria são uma combinação de madeira e zinco no exterior e alvenaria ou madeira nas divisões interiores, o que as distingue das demais não apenas pela materialidade, mas classe social.

O segundo grupo de habitações apresenta maior estado de deterioração pela localização em solos com lençol de água extremamente próximos, o que também dificulta a questão de tratamento do saneamento e possibilidades de intervenções. Em termos de organização espaço no interior, estas casas apresentam espaços interligados entre si, o que reflete no número de águas, sendo algumas o reflexo direto do número de compartimentos existentes. O terceiro grupo apresenta dois a três compartimentos sendo um deles o quarto. A verticalidade observada no primeiro grupo e pouco notável nos demais que na grande maioria apresentam um alçado mais horizontal com a porta centralizada e dois vãos laterais de cada lado.
A varanda está muito presente no primeiro grupo, assim como no segundo,no primeiro de forma mais clara, quando que no segundo por vezes não é uma varanda concretizada, mas sim um espaço que funciona como varanda. No terceiro e quarto grupo não foram identificados casos que tivessem varanda.

O fenômeno atual observado é desjo o da autoconstrução em alvenaria, pela escassez de recursos econômicos, esta transição é feita faseadamente, mas esta altera as características próprias das casas de madeira e zinco. Esta transição é compreensível pelas questões térmicas das casas de madeira e zinco, a durabilidade e a vulnerabilidade em caso de enchentes que estas enfrentam, contudo estas casas enfrentam risco de extinção. A cada quarteirão observam-se casas metade zinco e metade em alvenaria, outras com areias e bloco de cimento no quintal, outras apenas com 1 cômodo já feito em alvenaria, outras já em estado mais avançado.

Assiste-se uma vez mais ao caso da autoconstrução sem nenhum acompanhamento, assiste-se a perda de um patrimônio. As novas construções têm características próprias provenientes daquilo que é o sonho popular da casa Moçambicana, assim como das condições econômicas. E como se sofressem o processo de implementação massiva e coletiva do mesmo modo de construção a semelhanças do que acontecera na propagação massiva inicial do zinco.
Embora a ideia primitiva de que autoprodução seguiria regras próprias empiricamente seja uma constante, quando estas são identificadas em conjunto em um determinado território urbano e igualmente em outros espaços, percebe-se que estas resultam da cultura de construção prévia colonial, das influências portuguesas e das adaptações feitas, resultando em uma arquitetura própria, com várias lacunas pela escassez de mãos de obra qualificada, assim como de recursos, mas com identidade própria e com um valor de memória.

Referências Bibliográficas

Azevedo, M. O Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques. Separata do Boletim n. 7 da CâmaraMunicipal de Lourenço Marques. Lourenço Marques: Câmara Municipal, 1969.

Bautista, Cecilia. Fondeur, Mario. Gucmén, Elif. Mounari, Beatrice. Nercollini, Enzo. Economics, Analysis on formal and informal economic environments shaping Maputo. Trabalho académico.
Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Milão. 2018

BRUSCHI, Sandro. CARRILHO, Júlio. LAGE, Luís. (2005). Era uma vez umapalhota... história da casa Moçambicana. Maputo: Edições FAPF.

Cabaço, José Luís (2007), Moçambique: identidades, colonialismo e libertação (PhD).
Lusófonos, Novembro 2008

Carrilho, J., Lage, L. (2009) "Desafios no domínio da habitação", in L. Brito, C. Castel-Branco, S. Chichava, A. Francisco (orgs.), Desafios para Moçambique, 2010. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, pp. 319- 322.

CEDH - Centro De Estudos e Desenvolvimento do Habitat. Melhoramento dos Assentamentos Informais, Análise da Situação e Proposta de Estratégias de Intervenção [em linha]. Maputo: Direcção Nacional de Planeamento e Ordenamento Territorial (DINAPOT); Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental(MICOA); UN-HABITAT. Disponível em: http://www.sarpn.org/documents/d0002452/Mozambique_cities_slums_2006_Portuguese.pdf[cons ult. 2 out. 2013].Moçambique. 2006

Carrilho, J. et al. 2005. Regularização do solo urbano nas áreas informais da Cidade de Maputo. Maputo: Publicações FAPF.

Carrilho, J., Lage, L. e Trindade, C. 2005. Elaboração e implementação de planos de requalificação dos assentamentos informais. Maputo: Publicações FAPF.

Costa, Ana Bénard da, 2002. Famílias na periferia de Maputo: Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social [policopiado], tese de doutoramento em Estudos Africanos. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

Fernandes, Ana Silva. Nascimento, Augusto. O "Direito à Cidade" nos PALOP: Quatro décadas de expansão urbana, de políticas e de mutações sociais. Notas para uma investigação. Cadernos de EstudosAfricanos [Online], 35 | 2018. posto online no dia 02outubro 2018, consultado o 20 julho 2024. URL: https://journals.openedition.org/cea/2679.

Forjaz, J. et al. 2005a. Melhoramento dos assentamentos informais. Maputo: Publicações FAPF.

Forjaz, J. et al. 2005b. Ordenamento de assentamentos informais na Cidade de Manica. Maputo: Publicações FAPF

FORJAZ, José, 2006. "Praça da Independência, Maputo, Moçambique", in José Forjaz Arquitectos [em linha]. Disponível em: http://www.joseforjazarquitectos.com [consult. 13.Setembro 2023].

Gonçalves, Nuno Simão. Laranjeira, Ivan. Laranjeira, Rui. Noa, Francisco. Mendonça, Fátima. Mafalala: memórias e espaços de um lugar. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2016

Gros, Marielle Christine (1982), O alojamento social sob o fascismo. Porto: Afrontamento.

Henriques, Cristina Delgado. Maputo, Cinco décadas de Mudança Territorial, O uso do solo observado
por tecnologias de informaçao geográfca. Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento Ministério
dos Negócios Estrangeiros. Lisboa. 2008

Jorge, Sílvia. Melo, Vanessa. Processos e Dinâmicas de Intervenção no Espaço Peri-Urbano: o Caso de Maputo. Lisboa. Caderno de Estudos Africanos. 2014

Jenkins, Paul. Urbanization, Urbanism, and Urbanity inan African City: Home Spaces and House Cultures. 1.aed. Palgrave Macmillan. New York. 2013

de Sousa, Kátia Lemos. Maputo. Densifcação Autoproduzida: O sonho do primeiro andar sobre a casa existente. Orientadora Professora Doutora Ana Luísa da Sílva Fernandes. Dissertação de Mestrado.
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.Porto. 2018

Lage, Luís. Carrilho, Júlio (coord.). Inventário do Património Edifcado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Conjuntos Urbanos Propostos para Classifcação. 1.a ed. Maputo. Edições FAPF. 2010

Lage, Luís. Produção de habitações informais: O caso de Maputo. Revista científica Um olhar parao habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo. Maputo. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, Edição Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat. 2001

Mendes, Maria Clara. (1979). Maputo antes da Independência - Geografia
de uma cidade colonial. Estudos para o Planeamento Regional e Urbano. Lisboa:
Centro de Estudos Geográficos das Universidades de Lisboa

de Mendonça, Lisandra Ângela Franco. Conservação da Arquitetura e do Ambiente Urbano Modernos: a Baixa de Maputo. Orientadores Professores Doutores Arquitetos Walter Rossi, Giovanni Carbonara e Júlio Carrilho. Tese de Doutoramento. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Coimbra. 2015

Morais, J. S. Maputo: património da estrutura e forma urbana. Lisboa. Livros Horizonte. 2001

Oppenheimer, J. Raposo, I. A pobreza em Maputo. Lisboa. Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Departamento de Cooperação. 2002

Raposo, I.; Salvador, C. Há diferença: ali é cidade, aqui é subúrbio: urbanidade dos bairros, tipos e estratégias de habitação em Luanda e Maputo. In: OPPENHEIMER, J.; RAPOSO, I. (Coord.). Subúrbios Luanda e Maputo. Lisboa: Edições Colibri, 2007

Raposo, Isabel. Jorge, Sílvia. Viegas, Sílvia. Melo, Vanessa. Luanda e Maputo: infexões suburbanísticas
da cidade socialista à cidade-metrópole neoliberal. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana. 2012

Rossa, Walter e Ribeiro, Margarida Calafate. Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Fundação Calouste Gulbenkian/ Editora da Universidade Federal Fluminense. 2015

Rossa, Walter e Ribeiro, Margarida Calafate .Mafalala. Memórias e espaços de um lugar. 2016, Coimbra, e 2016

Távora, Fernando - Da organização do espaço. Porto: Faculdade de Arquitecturada Universidade do Porto, 1962. ISBN 978-972-9483-22-6

UN-HABITAT. (2003) Global Report on Settlements: The challenge of slums.
Londres: Earthscam Publications.

VIANA, David Leite.A urbanização extensiva (in)formal em Maputo a partir da retícula colonial. In Atas do Congresso Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência. Lisboa, Portugal: Instituto de Investigação Científica Trop. 2013.

Melo, Vanessa de Pacheco. Urbanismo Português na Cidade de Maputo: passado, presente e futuro. Revista Brasileira de Gestão Urbana. Lisboa. 2013

Viana, David Leite. (Auto)Organização e forma urbana: combinando diferentes abordagens morfológicas na análise de Maputo. Supervisão cientifca Vitor Manuel Oliveira e Isabel Simões Raposo. Relatório de pós-doutoramento. Faculdade de Engenharia do Porto.2015.

Créditos de Imagem

Figura 1. Malangatana Valente Ngwenya. 25 de Setembro (25 de setembro).1968. Óleo sobre te la..
Fonte:https://dk.pinterest.com/pin/711428072420058773/

Figura 2. Lourenço Marques em 1876.A cidade muralhada cercada por pantados, e para lá destes encontram-se as palhotas da população indigena. Richard Thomas Hall 1876.
Fonte: Bautista Cecilia, Fondeur Mario, Gucmén Elif, Mounari Beatrice, Nercollini Enzo. Economics, Analysis on formal and informal economic environments shaping Maputo. Trabalho académico. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Milão. 2018. p. 13

Fig 3. Planta de Lourenço Marques, ca. 1887-1888, com o traçado esquemático do projeto de ampliação da cidade de 1887. Lisandra de Mendonça. 2015
Fonte: de Mendonça, Lisandra Ângela Franco. Conservação da Arquitetura e do Ambiente Urbano Modernos: a Baixa de Maputo; Orientadores Professores Doutores Arquitetos Walter Rossa, Giovanni Carbonara e Júlio Carrilho. Tese de Doutoramento. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Coimbra. 2015. p. 76

Fig 4. Porto de Lourenço Marques/ Planta Geral/ segundo projecto do Inspector das Obras Públicas da Província/ Engenheiro Costa Serrão – 1909.
Fonte: Morais, 2001: 103. MORAIS, João Sousa, 2001. Maputo, património da estrutura e forma urbana, topologia do lugar. 1.ª

Fig 5. Planta da cidade e Porto de Lourenço Marques. Autor desconhecido. 1926
Fonte: Bautista Cecilia, Fondeur Mario, Gucmén Elif, Mounari Beatrice, Nercollini Enzo. Economics, Analysis on formal and informal economic environments shaping Maputo. Trabalho académico. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Milão. 2018. p. 14

Fig 6. Planta da cidade de Lourenço Marques. 1940. Com inclusão do traçado dos assentamentos informais.

Fig 7. Predio Montepio. Vista desde a entra do jardim Vasco da Gama. Meados do ano 1960.
Fonte: Autor desconhecido. https://delagoabayworld.wordpress.com/2012/02/19/o-predio-montepio-em-lourenco-marques-anos-1960/

Fig 8. Crianças brincando. Lourenço Marques (Maputo), anos 1960. Rangel (2004b).
Fonte:https://journals.openedition.org/aa/11104?lang=es

Fig 9. Desfile público em comemoração à vitória da Frente de Libertação de Moçambique na Guerra de Independência. Foto: José Chasin.
Fonte: https://fflch.usp.br/1624?page=1

Fig 10. Mulheres pilando e peneirando num terreiro na “cidade de cimento”, (década de 1980?), [s.a.]
Fonte: de Mendonça, Lisandra Ângela Franco. Conservação da Arquitetura e do Ambiente Urbano Modernos: a Baixa de Maputo. Orientadores Professores Doutores Arquitetos Walter Rossi, Giovanni Carbonara e Júlio Carrilho. Tese de Doutoramento. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Coimbra. 2015. p.162

Fig 11. Centro urbanzidado e evolução das áreas semiurbanizadas de Maputo. Cristina Delgado Henriques. 2008
Fonte: Melo, Vanessa de Pacheco. Urbanismo Português na Cidade de Maputo: passado, presente e futuro. Revista Brasileira de Gestão Urbana;.
Lisboa. 2013. p.82

Fig 12. Vila Olimpica. Melo 2011.
Fonte: https://journals.openedition.org/cidades/3082

Fig 13. Mapa de usos de Maputo. PEUMM. Município de Maputo.2008

Fig 14. Bairro do Jardim.
Imagem de autor

Fig 15. Bairro do Jardim. Fotografia da rua do Sisal e rua da Copra.
Imagem de autor

Fig 16. Bairro do Jardim. Fotografia tirada desde o beco parte de tras do prédio 144 na Rua do Sisal.
Imagem de autor.

Fig 17. Rua da mesquita, quarteirão 10.
Imagem de autor

Fig 18. Dynamic Maputo: Where formal meets informal. W. Wambecq, A. Beja da Costa. 2009
Legenda: Preto- traçado categorizado como formal, Verde- traçado categorizado como informal.
Fonte: Bautista Cecilia, Fondeur Mario, Gucmén Elif, Mounari Beatrice, Nercollini Enzo. Economics, Analysis on formal and informal economic environments shaping Maputo. Trabalho académico. Arquitetura e Urbanismo Universidade de Milão. 2018. p. 35

Fig 19. Dynamic Maputo: Where formal meets informal. W. Wambecq, A. Beja da Costa. 2009

Fig 20.Bairro da Mafalala.
Imagem de autor

Fig 21. Detalhe da Planta da Cidade de Lourenço Marques e subúrbio por E. de Moctezuma, 1907-1912.
Fonte: Mafalala. Memórias e espaços de um lugar. M.C.RIBEIRO,W.ROSSA, 2016, Coimbra, espaços de um lugar. M.C.RIBEIRO,W.ROSSA, 2016.pag.127

Fig 22. Detalhe da Planta da Cidade de Lourenço Marques e subúrbio por E. de Moctezuma, 1907
- 1912. “a” indica o perímetro atual do Bairro da Mafalala.
Fonte: Mafalala. Memórias e espaços de um lugar. M.C.Ribeiro,W.Rossa, 2016, Coimbra. pag.128

Fig 23. Rede viária do DM3 e níveis de arruamentos: primário, secundário e terciário.
Fonte: Viana, David Leite. (Auto)Organização e forma urbana: combinando diferentes abordagens morfológicas naanálise de Maputo. Supervisão cientifca Vitor Manuel Oliveira e Isabel Simões Raposo. Relatório de pós-doutoramento. Faculdade de Engenharia do Porto.2015.pag.67

Fig 24. Distritos do Municipio de Maputo. Fonte : https://pt.scribd.com/document/585889061/Divisao-administrativa-de-Maputo

Fig 25. Relação entre a hierarquia da rede viária, a distribuição de comércio formal no DM3 e a ocupação de espaços comatividades relacionadas com o comércio informal.
Fonte: Viana, David Leite. (Auto)Organização e forma urbana: combinando diferentes abordagens morfológicas na análise de Maputo. Supervisão cientifca Vitor Manuel Oliveira e Isabel Simões Raposo. Relatório de pós-doutoramento. Faculdade de Engenharia do Porto.2015.pag.78

Fig 26. Av. Marien Nguabi
Imagem de Autor

Fig 27. Av. de Angola
Imagem de Autor

Fig 28. Av. de Angola
Imagem de Autor

Fig 29. Av. Joaquim Chissano
Imagem de Autor

Fig 30. Av. Acordos de Lusaka
Imagem de Autor

Fig 31. Av. Acordos de Lusaka
Imagem de Autor

Fig 32. Mapa Rede Viaria
Fonte: Escola de Inverno FAPF -UEM 2022.

Fig 33. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 34. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 35. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 36. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 37. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 38. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 39. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 40. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 41. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 42. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 43. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 44. Rua do bairro da Mafalala
Imagem de Autor

Fig 45. Mapa de Saneamento
Fonte: #MapeandoMeuBairro.

Fig 46. Mapa de Drenagem
Fonte: #MapeandoMeuBairro.

Fig 47. Rua do bairro da Mafalala.
Imagem de Autor

Fig 48. Rua do bairro da Mafalala.
Imagem de Autor

Fig 49. Mapa das casas de madeira e zinco
Fonte: #MapeandoMeuBairro.

Fig 50. Mapa das casas de madeira e zinco
Fonte: #MapeandoMeuBairro.
Ediçao de Autor

Fig. 51- Fig.54. Familia Caleano
Imagem de Autor

Fig. 55- Fig.60. Familia Bila
Imagem de Autor

Fig. 61- Fig.66. Familia Libombo
Imagem de Autor

Fig. 67- Fig.70. Familia Caleano
Imagem de Autor

Fig. 71- Fig.76. Familia Macuane
Imagem de Autor

Fig. 77- Fig.80. Familia Sive
Imagem de Autor

Fig. 81- Fig.84. Familia Panachande
Imagem de Autor

Fig. 85- Fig. 89. Familia Cesar Cossa
Imagem de Autor

Fig. 90- Fig. 93. Familia Caleano
Imagem de Autor

Fig. 94- Fig. 99. Familia Magaia
Imagem de Autor

Fig. 100- Fig. 104. Familia Remel
Imagem de Autor

Fig. 105- Fig. 109. Familia ao lado da familia Cheia

Fig. 110- Fig. 114. Familia Mafo
Imagem de Autor

Fig. 115- Fig. 119. Familia Muhamad
Imagem de Autor

Fig. 120- Fig. 124. Familia Tembe
Imagem de Autor

Fig. 125 - Fig. 129. Familia Mana Flavia
Imagem de Autor

Fig. 130 - Fig. 134. Familia Mulima 2
Imagem de Autor

Fig. 135 - Fig. 139. Familia Bacar
Imagem de Autor

Fig. 140 - Fig. 144. Familia Tobela
Imagem de Autor

Fig. 145 - Fig. 148. Familia Macuacua
Imagem de Autor

Fig. 149 - Fig. 154. Familia Cossa
Imagem de Autor

Fig. 155 - Fig. 159. Familia Sifo
Imagem de Autor

Fig. 160 - Fig. 165. Familia Vilanculos
Imagem de Autor

Fig. 166 - Fig. 174. Familia Muchanga 1
Imagem de Autor

Fig. 175 - Fig. 180. Familia Tembe Caboza
Imagem de Autor

Fig. 181 - Fig. 183. Familia Cheia
Imagem de Autor

Fig. 189 - Fig. 193. Familia Sadique
Imagem de Autor

Fig. 194 - Fig. 199. Familia Malo
Imagem de Autor

Fig. 200 - Fig. 203. Familia Muchanga 2
Imagem de Autor

Fig. 204 - Fig. 207. Familia Pinto
Imagem de Autor

Fig. 208 - Sintese Plantas
Imagem de Autor

Fig. 209 - Fig. 239. Sintese Plantas
Imagem de Autor

Fig. 240 - Ilustração da casa Ventoinha . Lage 2001.

Fig. 241 - Fig.268. Sintese Alçado Frontal
Imagem de Autor

Fig. 269 - Fig.290. Sintese Alçado Lateral
Imagem de Autor

Fig. 291 - Fig.315. Sintese Alçado Lateral
Imagem de Autor

Fig. 316 - Fig. 323. Familia Mulau. Forma Tipo Construçao
Imagem de Autor

Fig. 324 - Fig. 326. Madeira e Zinco ou Alvenaria
Imagem de Autor

Fig. 327 - Futuros da Mafalala.
Fonte : W. Wambecq, A. Beja da Costa. 2009 .pag.94

Fig. 328. Mac – Creative Lines. Futuros da Mafalala.
Fonte : W. Wambecq, A. Beja da Costa. 2009. pag. 50

Fig. 329. Museu da Mafalala
Imager de Autor

Fig. 330. Implementação de solução.
Fonte : Escola de Inverno FAPF -UEM 2022

Fig.331. Exposição Casa Noemia de Sousa.
Imagem de Autor

Fig 332. Do mapa a construção do lugar em Maputo. Escola de Inverno FAPF -UEM 2023
Fonte : https://noticias.up.pt/2023/08/03/do-mapa-a-construcao-do-lugar-em-maputo/

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Autoprodução da habitação como forma de organização do espaço. A casa de madeira e zinco no bairro da Mafalala. Maputo

Chelsea Matusse

M

2024

U.PORTO

Chelsea Matusse. Autoprodução da habitação como forma de organizaçao do espaço. A casa de madeira e zinco no bairro da Mafalala. Maputo

Autoprodução da habitação como forma de organização do espaço. A casa de madeira e zinco no bairro da Mafalala. Maputo

Chelsea Matusse

FACULDADE DE ARQUITETURA